



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**RACHEL VIEIRA DE ARAÚJO**

**VULNERABILIDADE SOCIAL: TRANSFORMAÇÕES NO ESPAÇO URBANO  
DE FORTALEZA NO INÍCIO DO SÉCULO XXI**

**FORTALEZA**

**2015**

**RACHEL VIEIRA DE ARAÚJO**

**VULNERABILIDADE SOCIAL: TRANSFORMAÇÕES NO ESPAÇO URBANO  
DE FORTALEZA NO INÍCIO DO SÉCULO XXI**

Dissertação apresentado ao curso de Mestrado em Geografia do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará, como requisito para obtenção do Título de Mestre.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Maria Clélia Lustosa Costa

**FORTALEZA  
2015**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca de Ciências e Tecnologia

---

- A691v      Araújo, Rachel Vieira.  
                Vulnerabilidade social: transformações no espaço urbano de Fortaleza no início do Século XXI  
                / Rachel Vieira de Araújo. – 2015.  
                158 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências, Departamento de  
                Geografia, Programa de Pós-Graduação de Geografia, Fortaleza, 2015.  
                Área de concentração: Dinâmica Territorial e Ambiental.  
                Orientação: Dra. Maria Clelia Lustosa Costa.
1. Vulnerabilidade social. 2. Habitação - qualidade. 3. Educação. I. Título.

**RACHEL VIEIRA DE ARAÚJO**

**VULNERABILIDADE SOCIAL: TRANSFORMAÇÕES NO ESPAÇO URBANO  
DE FORTALEZA NO INÍCIO DO SÉCULO XXI**

Dissertação apresentado ao curso de mestrado em Geografia do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará, como requisito para obtenção do Título de Mestre.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Maria Clélia Lustosa Costa

Aprovada em: \_\_/\_\_/\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Maria Clélia Lustosa Costa (Orientadora)  
Universidade Federal do Ceará – UFC

---

Prof<sup>º</sup>. Dr. Jáder de Oliveira Santos  
Universidade Federal do Ceará – UFC

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Iara Rafaela Gomes  
Universidade Federal do Ceará – UFC

A Deus que em todos os momentos me fez forte e sempre esteve comigo.

À minha mãe, mulher guerreira, minha rainha, razão de minha existência.

Ao Enos Feitosa, meu amor, meu grande incentivador, alguém que sempre acreditou em mim.

## AGRADECIMENTOS

Nesta etapa da minha vida, posso dizer que contei com várias ajudas, pessoas que de maneira direta ou indireta me ajudaram e me ensinaram grandes lições, mesmo sendo aquela lição de “não ser como eles”, mas esta também é muito válida. Farei meus agradecimentos, mesmo sabendo que corro risco de ser injusta ao esquecer alguém, mas sei que existem pessoas as quais não devo deixar de agradecer.

Deus, essa força imensurável, que me guiou e me fortaleceu em todos os momentos de minha vida e também possibilitou que eu chegasse ao fim desse trabalho e que me permite viver cada dia de minha vida. Ele que me sustenta durante os duros “golpes” que a vida nos dá e é ele quem me conforta mostrando que tem muito guardado pra mim e que não vai falhar. Ele é minha fortaleza!

“Pai e mãe, ouro de mina” Raimundo e Helenice, que apesar das dificuldades, sempre me incentivaram, me deram apoio e fizeram o que podiam para que meu caminho fosse bem trilhado. Sempre acreditando no meu potencial e me amando de maneira imensurável. Meu pai, mais distante fisicamente, mas do jeito dele, com todo o seu carinho e cuidado, um grande incentivador e alguém que se orgulha de mim. Minha linda mãe, batalhadora, que todos os dias me deixava em casa para trabalhar fora e contava as horas pra chegar (sei que ela contava mesmo) e quando chegava soltava aquele sorriso e aquela frase: *minha boneca!* Ela é um dos motivos que me fazem sempre seguir, um dos bens mais preciosos que tenho em minha vida.

Ao meu amor Enos Feitosa, presente de Deus na minha vida. Pelo amor dedicado a mim, por me fazer feliz de verdade, e também por me ajudar ao longo da pesquisa em todos os aspectos (dicas de leituras, confecção dos mapas, trabalhos de campo, etc.). Por me dar forças nos momentos em que meu mundo desmoronou (foram muitos), por enxugar minhas lágrimas, estando ao meu lado me ensinando a ser forte e mostrando o que é amor de verdade. Meu anjo, que em momentos fáceis e principalmente nos difíceis me ofereceu “suas asinhas” para que eu pudesse descansar e sempre me permitia esquecer o mundo lá fora. Muito obrigada meu amor!

À minha orientadora Professora Clélia Lustosa que acreditou no desenvolvimento da pesquisa e muito contribuiu para meu aprendizado, desde a época de bolsista de extensão no Projeto Trilhas Urbanas. Orientando, dedicando seu tempo, tendo todas as ideias possíveis e

me ajudando a filtrar e destacar o que tem de mais importante na temática. Por todos os momentos de orientação e as conversas que nos diverte, nos anima sempre e acalma. Muito obrigada, você foi fundamental no desenvolvimento da pesquisa.

Aos professores Jader Santos e Alexandre Queiroz que participaram da banca de qualificação, dando grandes contribuições e direcionamentos para a conclusão do trabalho.

Aos *baluartes*, meus colegas de turma, pessoas com quem dividi ótimos momentos na época da graduação, rendendo grandes aprendizados, tenho certeza que fiz grandes amigos. Em especial Marcos Xavier, Camila Meneses, Fabrício Andrade, Eciane Soares, Rodolfo e em especial João de Deus Aguiar que me ajudou bastante no trabalho de campo. “Só porque tem por eles um apreço imenso”!

Aos colegas e professores do LAPUR – Laboratório de Planejamento Urbano e Regional, um lugar de grandes experiências que contribuíram para minha vida pessoal e acadêmica, através das ricas discussões, dos trabalhos de campo, mini-cursos, trilhas urbanas (projeto o qual fui bolsista por dois maravilhosos anos), reuniões e também dos momentos de ócio e lazer. Em especial à Gabriela Bento alguém que dividi muitas de minhas angústias, a Regina e o Marco Antônio que me forneceram algumas bases cartográficas.

Ao professor José Borzacchiello, que nos faz enxergar a Geografia até nas conversas mais informais abrindo nossos horizontes e como vimos em sua disciplina: sabe muito da pesquisa de cada um. Um grande mestre!

À professora Zulmira Bomfim e aos integrantes do Locus, que me permitiram uma experiência incrível compartilhando diferentes pensamentos e discussões na disciplina *vulnerabilidade e ambiente*, cursada no curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará.

Aos meus amigos “*móis*” que fazem parte da minha vida desde a época escolar (4<sup>a</sup> série com a tia Rita) e que até hoje compartilhamos vários momentos juntos. Muitos deles com realidades diferentes da minha, mas que sei que tem muito amor nesse grupinho. Obrigada por compreender cada não que disse a vocês, cada reunião que não me fiz presente. Sei que vocês entenderam! Amigos que amo e que ao longo dos anos de mestrado me deram meus lindos e amados sobrinhos para alegrar mais ainda meus dias.

À Marília e o Cauã, que praticamente moram na minha casa e compartilham grandes momentos conosco. São pessoas que tenho grande apreço e que fazem meus dias melhores, os irmãos que nunca tive, juntos somos uma família.

A Renata Tavares que me ajudou nos cálculos no Excel, para gerar meus dados. A minha amiga engenheira e loira (me mata de orgulho!).

Minha amiga Danielly Lima que ajudou bastante no trabalho de campo adentrando lugares que eu desconhecia me ajudando no trabalho de campo por alguns bairros da cidade.

Aos professores do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Geografia-UFC, que cada um, de sua maneira contribuiu para a minha formação acadêmica.

À minha turma de mestrado 2013.2, que com eles dividi momentos importantíssimos e conheci grandes pessoas, em especial a amiga Aurília Sousa, com quem compartilhei angústias e me aproximei bastante durante o período da pesquisa, uma pessoa maravilhosa e com uma energia super positiva e que tenho certeza que levarei por toda a vida.

À professora Iara Rafaela, e o professor Jader pelo aceite em participar da banca de defesa do trabalho e pelas contribuições dadas ao trabalho. Obrigada!

Ao professor Edson Vicente da Silva (Cacau) que “me socorreu” no dia da defesa oferecendo-me sua sala de aula para que fosse possível a realização da defesa. Você é sempre muito prestativo. Obrigada!

À CAPES, pelo financiamento possibilitando o desenvolvimento da pesquisa.

Por fim, agradeço a todos que contribuíram para a realização deste trabalho, que torceram por mim, acreditaram e se alegram com o meu crescimento pessoal e profissional.

*“O correr da vida embrulha tudo. A vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem”.*  
*(Guimarães Rosa)*

## RESUMO

Estudos sobre vulnerabilidade social estão presentes em várias metrópoles da América Latina. Tais espaços são permeados por desigualdades onde diferentes grupos sociais vivem em condições precárias com déficit de infraestrutura e serviços e outros vivem em ótimas condições, com elevados índices educacionais, renda, infraestrutura e uma gama de serviços. O trabalho traz a discussão da vulnerabilidade social em Fortaleza no início do século XXI. Para isso é necessário compreender como a expansão urbana de Fortaleza contribuiu para o surgimento de espaços heterogêneos na cidade. A análise da vulnerabilidade social parte da coleta de informações dos censos demográficos do IBGE anos 2000 e 2010 para a criação de um banco de dados com informações sobre renda, educação e qualidade da habitação, dos diferentes grupos sociais que compõem a cidade. A partir destas informações é gerado o Índice de Vulnerabilidade Social – IVS que permite analisar a espacialização da vulnerabilidade na capital, através de análises dos dados e confecção dos mapas. Dos índices sintéticos que compõem o cálculo do IVS, os dados sobre renda nos mostra que a cidade possui uma distribuição desigual da mesma ao longo de seu território. Sobre a educação, esta, possui menores disparidades prevalecendo resultados que vão de médio a muito alto. A qualidade da habitação embora presente melhoras entre os anos em questão, ainda há carência no que se refere à distribuição da rede de esgoto. Em Fortaleza, a coleta de lixo e a rede de água são consideradas serviços universalizados. A comparação entre os dois períodos permitiu compreender o que mudou na cidade em uma década, o papel do estado como gerador de estrutura de oportunidades e como os diferentes grupos sociais recebem e transformam os recursos em ativos para superar as adversidades. São destacadas as áreas com os piores e melhores índices de vulnerabilidade social da capital discutindo as particularidades de cada uma. Os estudos de vulnerabilidade oferecem subsídios para outros trabalhos e também podem indicar ao poder público quais áreas necessitam de maiores investimentos visando diminuir as desigualdades sociais na capital.

**Palavras-chaves:** Vulnerabilidade social; Fortaleza; Renda; Educação; Qualidade da habitação.

## ABSTRACT

Social vulnerability studies are present in many large cities in Latin America. Large cities are places full of inequalities where some social groups live in poor conditions with infrastructure and services deficit, but some other groups live in great conditions, with high educational levels, income, infrastructure and a range of services that can be provided. This study brings the discussion of social vulnerability in the city of Fortaleza in the early twenty-first century. To bring up the discussion it's important to understand how urban expansion in Fortaleza contributed to the appearance of diversified spaces in the city. The city has neighborhoods with excellent infrastructure that concentrate populations with higher incomes, jobs and educational levels. On the other hand, other spaces in this large city arise from the need of poor people for fixing their homes and that usually happens in areas where the health and social conditions are not always appropriate. By collecting information from the population census of the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE) from years 2000 and 2010 it was possible to make an analysis of social vulnerability with the aim of creating a database with information on income, education and quality of housing of the different social groups that make up the city. With this information in hand we can generate the Social Vulnerability Index (SVI), which allows us to analyze the spatial distribution of the vulnerability in the capital through analysis of data and preparation of maps. Income data is an important index that makes up the calculation of SVI and it shows that the city has an uneven distribution of income throughout its territory. Regarding education, it shows results ranging from medium to very high differences between the social classes that make up the city. Housing quality has shown improvements over the years analyzed in the study, but are lacking when it comes to the distribution and quality of the sewage system. In Fortaleza, garbage collection and water supply are considered universal services. The comparison between the years of 2000 and 2010 allows us to understand what has changed in the city in a decade, the role of the state as opportunity generator and how different social groups receive and transform the resources provided to them by the government to overcome adversity. The areas with the worst and best social vulnerability indices are highlighted in the study and we discuss the particularities of each one. Vulnerability studies provide us input for other researchers and may also indicate to the government which areas require greater investments to reduce social inequalities in the city.

**Keywords:** Social vulnerability; Fortaleza; Income; Education; Housing quality.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AVEO	Ativos, Vulnerabilidade e Estruturas de Oportunidades.
BNH	Banco Nacional de Habitação
Cagece	Companhia de Água e Esgoto do Ceará
CDL	Câmara de Dirigentes Lojistas
CEM	Centro de Estudos das Metrôpoles
CEPAL	Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe.
Dieese	Departamento intersindical de estatísticas e estudos socioeconômicos
EJA	Educação de Jovens e Adultos
FIBGE	Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
Habitafor	Secretaria Municipal do Desenvolvimento Habitacional de Fortaleza
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IPEA	Instituto de Pesquisa econômica e aplicada
IPECE	Instituto de Pesquisas Econômicas do Ceará
IPPUR	Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro
IPVS	Índice Paulista de Vulnerabilidade Social
IVS	Índice de vulnerabilidade Social
LAPUR	Laboratório de Planejamento Urbano e Regional
MC, MV	Minha Casa, Minha Vida
MEC	Ministério da Educação
ONU	Organização das Nações Unidas
PAC	Programa de Aceleração do Crescimento
PBA	Programa Brasil Alfabetizado
Plandifor	Plano de Desenvolvimento Integrado de Fortaleza
PMF	Prefeitura Municipal de Fortaleza
Proinfor	Programa de Informática de Fortaleza
Projovem	Programa Nacional de Inclusão de Jovens
RMF	Região Metropolitana de Fortaleza
Sanear	Programa de Infraestrutura Básica e Saneamento de Fortaleza
SEADE	Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados
SM	Salário Mínimo
Sudene	Superintendência de Desenvolvimento Econômico do Nordeste
UFC	Universidade Federal do Ceará
UH	Unidades Habitacionais

## LISTA DE TABELAS

Tabela 01:	População do Estado do Ceará e do Município de Fortaleza de 1900 a 2010	34
Tabela 02:	Distribuição da População no Estado do Ceará	35
Tabela 03:	Crescimento da população e domicílios anos 2000 e 2010	68
Tabela04:	Total de responsáveis por domicílio por renda (2000-2010)	70
Tabela05:	Classes sociais em Fortaleza (2000 – 2010)	74
Tabela 06:	Distribuição da renda e da população por bairros de Fortaleza	77
Tabela 07:	Total e percentual dos responsáveis pelos domicílios analfabetos para os dez maiores e menores bairros de Fortaleza – 2010	85
Tabela 08:	Total de domicílios ligados à rede de esgoto ou fossa séptica 2000 e 2010	89
Tabela 09:	Percentual de domicílios ligados à rede geral de água para os dez maiores e menores Bairros - Fortaleza - 2010	93
Tabela 10:	Percentual de domicílios com coleta de lixo realizada por serviço de limpeza para os dez maiores e menores Bairros - Fortaleza - 2010	94
Tabela 11:	Percentual de domicílios ligados à rede geral de esgoto ou pluvial para os dez maiores e menores Bairros - Fortaleza - 2010	95
Tabela 12:	Setores censitários com os piores índices de vulnerabilidade social 2000	105
Tabela 13:	Setores censitários com os melhores índices de vulnerabilidade social 2000	110
Tabela 14:	Comparativo entre as tipologias 2000 e 2010: superfície, densidade e Aps	113
Tabela 15:	Setores censitários com os piores índices de vulnerabilidade social 2010	115
Tabela 16:	Setores censitários com os melhores índices de vulnerabilidade social 2010	121
Tabela 17:	Total de domicílios e população da Sabiaguaba por setores censitários – 2010	133
Tabela 18:	Índices de habitação, renda e educação da Sabiaguaba – 2010	133
Tabela 19:	Situação dos domicílios do bairro Sabiaguaba de acordo com o esgotamento sanitário – 2010	134
Tabela 20:	Dados dos setores censitários do Campo do América	143

## LISTA DE MAPAS

Mapa 01:	Localização da área de estudo – Fortaleza	24
Mapa 02:	Ocupação urbana em Fortaleza – 1875	30
Mapa 03:	Ocupação urbana em Fortaleza – 1931/1932	31
Mapa 04:	Ocupação urbana em Fortaleza – 1978	33
Mapa 05:	Ocupação urbana e pressão demográfica em Fortaleza – 2000	36
Mapa 06:	Ocupação urbana e pressão demográfica em Fortaleza – 2010	37
Mapa 07:	Áreas de favelas em Fortaleza – 1973	42
Mapa 08:	Áreas de favelas em Fortaleza – 1991	44
Mapa 09:	Áreas de favelas em Fortaleza – 2011	45
Mapa 10:	Mapa do índice de renda de Fortaleza (2010)	76
Mapa 11:	Mapa do índice de educação – Fortaleza (2010)	84
Mapa 12:	Mapa do índice de qualidade da habitação – Fortaleza (2010)	91
Mapa 13:	Mapa das tipologias socioespaciais por Aeds em Fortaleza – 2000	102
Mapa 14:	Mapa do índice de vulnerabilidade social de Fortaleza – 2000	104
Mapa 15:	Mapa do Índice de Vulnerabilidade Social de Fortaleza – 2010	114
Mapa 16:	Mapa mosaico de vulnerabilidade social de Fortaleza - 2010	125
Mapa 17:	Áreas selecionadas para análise do IVS na cidade de Fortaleza-CE	126

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01:	Rendimento dos responsáveis por domicílios por sexo e faixa salarial (2010)	76
Gráfico 02:	Total de responsáveis por domicílios analfabetos (2000-2010)	80
Gráfico 03:	Evolução da população analfabeta por grupos etários de Fortaleza	81
Gráfico 04:	Qualidade da habitação nos domicílios de Fortaleza (2000-2010)	90

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01:	Ilustração da média ponderada utilizada para calcular o IVS	60
Figura 02:	Infográfico do IVS ano 2000	63
Figuras 03 e 04:	Comunidade da Rosalina, Fortaleza - CE	117
Figuras 05 e 06:	Habitações próximas às margens do rio Maranguapinho e casas demolidas para execução de obra da prefeitura – Bairro Granja Portugal	128
Figura 07:	Habitação precária, no bairro Granja Portugal - Avenida Emílio de Meneses	129
Figura 08:	Mosaico de imagens - alguns estabelecimentos comerciais no bairro Bom Jardim	130
Figuras 09 e 10:	Centro Cultural Bom Jardim – CCBJ	132
Figura 11:	Mosaico de imagens do bairro Sabiaguaba	136
Figuras 12 e 13:	Página das redes sociais e carros estacionados nas proximidades dos estabelecimentos comerciais	137
Figuras 14 e 15:	Estabelecimentos comerciais nos bairros Aldeota e Meireles	139
Figuras 16 e 17:	Comunidade Campo do América cercada de moradias verticalizadas	141
Figura 18:	Comunidade Campo do América antes da reforma do campo	143
Figuras 19 e 20:	O novo Campo do América	144

## LISTA DE QUADROS

Quadro 01:	Variáveis selecionadas para a construção do IVS 2000	58
Quadro 02:	Definição dos termos utilizados no censo demográfico 2000	59
Quadro 03:	Variáveis que compõem o IVS 2000 (adaptado) e 2010	66
Quadro 04:	Principais conjuntos habitacionais entregues (UH - Unidades Habitacionais)	68

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>17</b>
<b>2. DA EXPANSÃO URBANA À DISCUSSÃO DA VULNERABILIDADE SOCIAL EM FORTALEZA</b>	<b>28</b>
2.1. EXPANSÃO URBANA EM FORTALEZA NO SÉCULO XX E XXI: OS PRIMEIROS PLANOS URBANOS	29
2.2. O SURGIMENTO DAS FAVELAS E AS CONTRADIÇÕES SOCIOESPACIAIS EM FORTALEZA	38
2.3. VULNERABILIDADE SOCIAL E ENFOQUE AVEO: ALGUMAS DISCUSSÕES TEÓRICAS	47
<b>3. O ÍNDICE DE VULNERABILIDADE SOCIAL – IVS: METODOLOGIA E AS VARIÁVEIS QUE O COMPÕE</b>	<b>56</b>
3.1. A CONSTRUÇÃO DO ÍNDICE: METODOLOGIA E DESAFIOS	57
3.2. AS VARIÁVEIS DO IVS: COMPARAÇÕES ENTRE OS ANOS 2000 E 2010	67
3.2.1. Renda	70
3.2.2. Educação	79
3.2.3. Qualidade da Habitação	87
<b>4. IVS: CONSIDERAÇÕES SOCIOESPACIAIS EM FORTALEZA NO INÍCIO DO SÉCULO XXI</b>	<b>97</b>
4.1. VULNERABILIDADE SOCIAL EM FORTALEZA	98
4.1.1. Vulnerabilidade social em Fortaleza no ano 2000	103
4.1.2. Vulnerabilidade social em Fortaleza no ano 2010	112
4.2. OS EXTREMOS NO ÍNDICE DE VULNERABILIDADE SOCIAL NO ANO DE 2010 PARA FORTALEZA	123
4.2.1. Áreas com piores índices de vulnerabilidade social – 2010	127
4.2.2. Áreas com melhores índices de vulnerabilidade social – 2010	138
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>146</b>
<b>6. REFERÊNCIAS</b>	<b>152</b>



## INTRODUÇÃO

Fortaleza é uma das maiores e mais importantes cidades do país. Segundo o Censo demográfico de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, Fortaleza é a quinta capital com a maior população do Brasil e uma das mais importantes metrópoles do país. A Região Metropolitana de Fortaleza concentra em seu território mais de 50% da população urbana do Ceará e polariza grande parte das atividades econômicas do estado, em especial as relacionadas ao setor terciário, com destaque para o comércio e o turismo.

Entretanto, segundo relatório da Organização das Nações Unidas – ONU (2012), Fortaleza se apresenta como a segunda mais desigual entre as cidades brasileiras. Tais desigualdades são evidenciadas através da sua morfologia urbana, que revela a presença recorrente de ocupações em áreas de risco, problemas habitacionais, carência de saneamento básico, entre outros problemas já abordados nas pesquisas de Silva (2009); Pequeno (2009); Rosa e Costa (2009).

Como revela Costa (2009), as desigualdades socioespaciais são, na atualidade, uma das principais características do espaço metropolitano de Fortaleza. Apesar do crescimento econômico observado nos últimos anos no estado do Ceará<sup>1</sup>, e do fortalecimento da sua inserção na economia globalizada, através da adoção de políticas

---

<sup>1</sup> O PIB (produto Interno Bruto) do Ceará cresceu 3,65 % apenas em 2012. Fonte: Governo do Estado do Ceará. Disponível em: <http://g1.globo.com/ceara/noticia/2013/03/economia-do-ceara-cresce-quatro-vezes-mais-que-do-brasil-em-2012.html>. No primeiro semestre do ano de 2015, seu crescimento foi acima da média nacional que teve uma queda de -0,2% no mesmo período do ano de 2014, segundo IPECE. Disponível em: <http://g1.globo.com/ceara/noticia/2015/06/pib-do-ceara-cresce-105-no-1-trimestre-de-2015-afirma-ipece.html>

que objetivam a atração de investimentos privados, pesquisas da ONU<sup>2</sup> revelaram que Fortaleza é um dos aglomerados urbanos com maior desigualdade econômica da América Latina, uma das cidades com pior distribuição de renda.

Sobre a miséria e a desigualdade em Fortaleza e Região Metropolitana, Costa (2009) faz o seguinte apontamento:

A Região Metropolitana de Fortaleza caracteriza-se pela diversidade natural, social, econômica e cultural. Litoral, serra e sertão se encontram no espaço metropolitano onde convive miséria e riqueza, tecnologias avançadas e técnicas tradicionais, o mundo virtual com o mundo real. (COSTA, 2009, p.179)

A riqueza e a miséria coexistem e fazem de Fortaleza uma cidade desigual. Ao caminhar por Fortaleza é possível enxergar as contradições no espaço urbano vislumbrando bairros com casas de alto padrão e bem próximo destas, ocupações irregulares onde a pobreza se faz presente. Diferenças de um bairro para o outro ou até mesmo dentro do próprio bairro, nas formas de habitar, no saneamento e pavimentação das ruas, na mobilidade urbana, na organização dos espaços, na oferta de serviços e até nas atividades comerciais existentes em cada um. Tais características indicam as desigualdades socioespaciais que são características marcantes das metrópoles brasileiras, e Fortaleza, não se exclui deste contexto.

Tais desigualdades nos permite vislumbrar um quadro relacionado ao processo de ocupação e povoamento da cidade que se originou no centro e posteriormente aconteceu do litoral para o interior, momento este que determinadas áreas da cidade foram valorizadas em detrimento de outras. E assim vários bairros em Fortaleza se consolidaram, alguns ricos, com uma gama de serviços e infraestrutura e outros bairros com déficit habitacional, carência de infraestrutura, alto índice de violência, dentre outros fatores, concentrando as populações menos abastardas da cidade.

Nos séculos XIX e XX, o estado enfrenta longos períodos de estiagem que contribuíram para o crescimento populacional na capital devido à quantidade de migrantes que chegavam à Fortaleza buscando sobreviver durante este período crítico. Fortaleza não estava preparada para receber tal demanda de migrantes, pois não tinha

---

<sup>2</sup>Disponíveis em: <http://www.onu.org.br/onu-no-brasil/onu-habitat/> e <http://www.noticiashoje.com.br/v/1944728/>

infraestrutura. A vida na capital se resumia ao centro e algumas áreas vizinhas que cresciam de maneira ainda discreta.

Estes migrantes passam a ocupar áreas próximas do centro sem infraestrutura, criando ambientes insalubres, favoráveis à proliferação de doenças, devido à grande leva de pessoas que se deslocavam para a capital, às vezes, até cinco vezes o seu total, como foi na grande seca de 1877-79. É o que Costa (2007) destaca em seu trabalho:

A seca é um fenômeno que contribuiu fortemente para a expansão urbana de Fortaleza, pois paralelamente a estes projetos urbanos, a população da cidade cresce, graças às migrações rurais-urbanas, principalmente nos períodos de longas estiagens. (COSTA, 2007, p. 75)

Desta forma, a cidade recebe novos habitantes e surgem outros modos de habitar em lugares antes desvalorizados pelos moradores locais, como margens de rios e lagoas, beira mar e dunas. Assim, a população migrante, sem condições de pagar para morar em condições satisfatórias, vai ocupando áreas sem valor econômico e produzindo espaços degradados. Portanto, a cidade, é formada por espaços diferenciados, a partir das condições financeiras de seus habitantes. Na paisagem urbana é possível perceber como vive a população deste lugar e identificar que tais marcas foram impressas no processo de formação da cidade.

Para Dantas (2011), fatores como: a especialização do centro, os planos urbanísticos, que favoreciam a valorização de algumas áreas em detrimento de outras e a chegada do automóvel propiciaram o deslocamento da população que habitava o centro, que passou a vislumbrar outras áreas. Surgiram novos bairros para abrigar a população de maior renda e posteriormente “novos espaços”, para as atividades de lazer, comércio e serviços.

A elite fortalezense incorpora novos espaços e alguns deles, sobretudo no litoral, forçando o deslocamento da população mais pobre que ali já habitava. Alguns bairros surgem, como Praia de Iracema, Meireles e Aldeota a partir da necessidade da elite, e outros como o Pirambu e Arraial Moura Brasil, se firmam como lugar de uma população mais pobre. Essas transformações começam a dar “forma” à cidade e junto com elas o fortalecimento das desigualdades. Pois segundo Costa, começam a surgir bairros diferenciados:

No século XX, já no período republicano, a cidade ultrapassa a antiga área restrita do centro, surgem diversos bairros (ricos, de classe média e populares) e os espaços urbanos especializam-se. Por muitos séculos a área urbana de Fortaleza se confundia com uma única faixa habitada. As atividades comerciais e de serviços convergem para o centro tradicional. Ocorre a chamada divisão técnica e social do espaço. A legislação se encarrega de zonestar estes espaços. (COSTA, 2007, p. 94)

Com essa diversidade de bairros, divididos muitas vezes de acordo com as classes sociais, é possível perceber que a desigualdade existente em Fortaleza nos dias atuais tem as marcas do processo de formação da cidade. As políticas de intervenção urbana ao longo dos anos favoreceram e fortaleceram ainda mais essa divisão de classes sociais que acaba gerando a desigualdade existente hoje.

Assim, Fortaleza tem seu crescimento demográfico acelerado, sobretudo a partir de 1930, quando a expansão urbana atingiu áreas mais distantes da área central, ocupada e valorizada desde a formação da cidade. Pode-se dizer que a atual organização do espaço urbano é resultado da ação de diferentes agentes produtores, sobretudo do Estado, executando obras públicas, legislando e elaborando plantas e plano de expansão urbana, e também dos interesses e necessidades dos diferentes grupos sociais.

As desigualdades presentes no espaço urbano são evidenciadas a partir da lógica da organização da cidade, dos diferentes bairros e dos mais variados modos de habitar em Fortaleza. Tais desigualdades são estudadas por diversos cientistas sociais, políticos, geógrafos, historiadores sob diferentes abordagens. Uma das formas de discutir as desigualdades nas metrópoles da América Latina é por meio do conceito vulnerabilidade. Este conceito tem sido aplicado tanto nas análises sociais quanto ambientais.

Rosa e Costa (2009, p. 167) apontam a vulnerabilidade “como à incapacidade de responder de maneira positiva a situações adversas do meio ou a maior probabilidade de sofrer riscos tanto sociais como ambientais”. Nesse contexto, o Estado, a sociedade civil e o mercado podem atuar proporcionando estruturas de oportunidades para superar ou amenizar a exposição aos riscos. A partir desta definição e de outras leituras sobre a temática, a vulnerabilidade será discutida ao longo da dissertação, sobretudo, dando ênfase à vulnerabilidade social em Fortaleza.

No contexto da região metropolitana, Fortaleza destaca-se, pela quantidade de recursos que concentra, atraindo uma grande parte da população. Frente aos demais municípios da RMF, Silva (2007) destaca que:

Fortaleza exerce papel concentrador de população em sua região metropolitana, onde ela detém a maioria do contingente demográfico em detrimento dos municípios integrantes desse espaço. Nos últimos censos, ao contrário, o processo de descentralização vem favorecendo o crescimento demográfico desses municípios. A cidade continua com altos índices de crescimento, o que tem provocado o preenchimento de seus vazios urbanos, mesmo com a ocorrência de um acelerado processo de verticalização, especialmente em seu setor leste, mas especificamente na Aldeota, Meireles e bairros adjacentes. Fortaleza firma-se fortemente no cenário metropolitano, ampliando seu raio de influência direta e incorporando novas funções. (SILVA, 2007, p. 230).

Devido ao elevado contingente demográfico, Fortaleza, como grande parte das capitais brasileiras, é marcada pelas desigualdades e por acentuados problemas sociais, associados as questões de moradia, desemprego, violência, saúde, condições sanitárias, dentre outros. Os estudos de vulnerabilidade social, ao tratar a pobreza de maneira heterogênea, identificando não apenas os fatores que tornam os indivíduos vulneráveis, mas as possíveis rotas para garantir o bem estar, podem ser utilizadas para fundamentar políticas públicas específicas para diferentes áreas da metrópole.

Tendo como aparato, pesquisas anteriores sobre vulnerabilidade em outros países, em diferentes estados brasileiros e até mesmo em Fortaleza, esta dissertação traz a discussão da vulnerabilidade social no espaço urbano da capital. As transformações ocorridas entre os anos 2000 e 2010, sobretudo de ordem política, contribuíram para mudanças dos índices de vulnerabilidade social, relacionadas as alterações na renda, educação e qualidade da habitação. Para isso, serão utilizados dados dos censos demográficos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE dos anos em questão, com base na metodologia utilizada pelo Observatório das Metrópoles<sup>3</sup>, núcleo Fortaleza.

---

<sup>3</sup> Grupo que funciona como um instituto virtual, reunindo hoje 159 pesquisadores e 59 instituições dos campos universitário (programa de pós-graduação), governamental (fundações estaduais e prefeitura) e não governamental, sob a coordenação geral do IPPUR – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Hoje, as instituições trabalham de maneira sistemática sobre 14 metrópoles e uma aglomeração urbana.

### **A escolha pela temática**

O primeiro contato com a temática foi através do Laboratório de Planejamento Urbano e Regional – LAPUR. Ainda como bolsista de extensão, no período da graduação surgiu a oportunidade de realizar um trabalho técnico junto com professores e com outros bolsistas de graduação e pós-graduação. O projeto intitulado *Pacto Por Fortaleza, a cidade que queremos até 2020*, proposta da câmara de vereadores do município de Fortaleza, buscava planejar a cidade para os próximos dez anos.

Com isso foi possível reconhecer Fortaleza como uma cidade com diferentes realidades econômicas, sociais e ambientais. Neste trabalho, foram identificadas áreas de alta vulnerabilidade social e ambiental e também de grandes vazios urbanos, o que mostrou a heterogeneidade do espaço urbano e necessidade de estudá-lo em suas particularidades.

A maior aproximação se deu a partir da publicação e das discussões do livro *Vulnerabilidade socioambiental na Região Metropolitana de Fortaleza*. Elaborado pelo núcleo do Observatório das Metrôpoles de Fortaleza, o livro trouxe a proposta de discutir a temática da vulnerabilidade com base no censo demográfico do IBGE, de 2000. Foi a partir das leituras e discussões sobre a temática no LAPUR que a pesquisa passou a ser pensada e amadurecida.

Composto por vários artigos acerca da temática, o ponto chave do livro é discutir a vulnerabilidade socioambiental a partir da construção de um índice. O índice de vulnerabilidade social - IVS (2000)<sup>4</sup>, apresentou as condições socioeconômicas de uma população no espaço intrametropolitano de Fortaleza, utilizando não apenas parâmetros meramente econômicos, mas também educacionais, qualidade das habitações e até mesmo compreendendo os arranjos familiares.

---

<sup>4</sup> Criado pelo grupo de pesquisas Observatório das Metrôpoles no projeto sobre vulnerabilidade socioambiental (2007-2009) a partir dos trabalhos de Clélia Lustosa e Sara V. Rosa. O índice foi composto por dados presentes na pesquisa do Censo Demográfico do IBGE do ano de 2000, a escolha destes tiveram como base outros índices utilizados por outros autores para discutir a vulnerabilidade.

A partir de leituras sobre a temática surgiu a necessidade de retrabalhar o IVS utilizando os dados do censo demográfico de 2010. O recorte temporal de 10 anos (entre os Censos demográficos 2000 e 2010 do IBGE), período no qual houve grandes investimentos do governo em diversos setores, tais como, habitação, renda e educação, elementos que compõem o IVS.

### **Os caminhos da pesquisa**

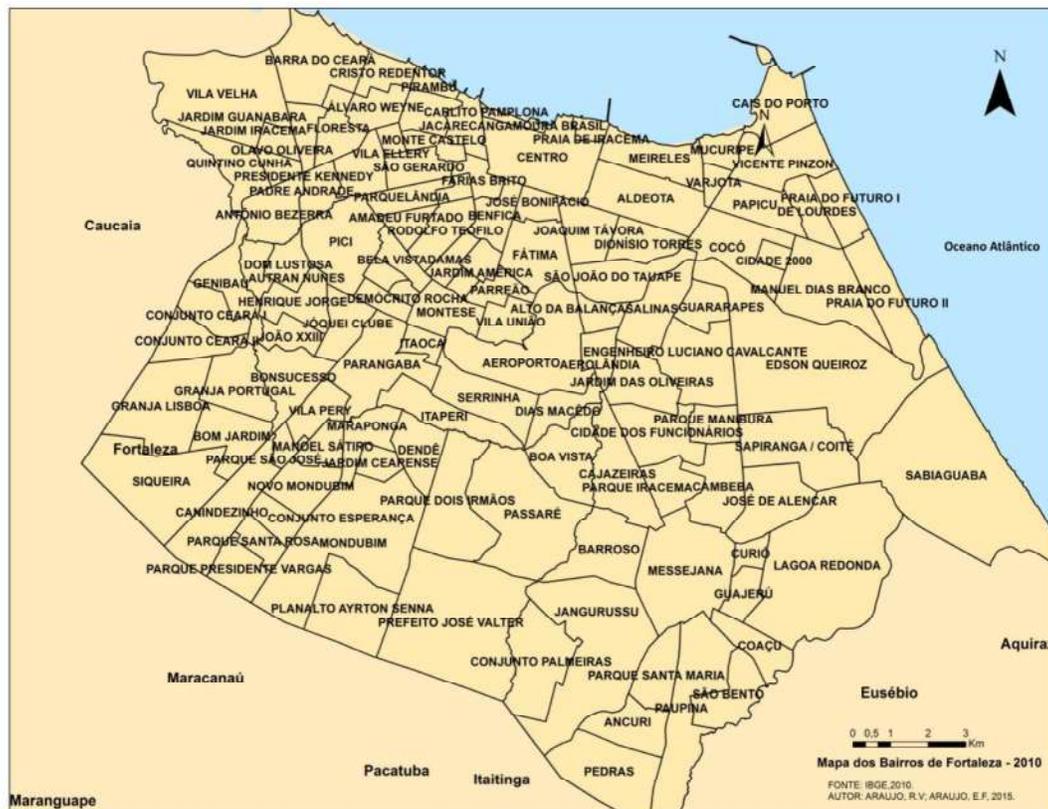
O trabalho tem como objetivo principal: Compreender a vulnerabilidade social no espaço urbano de Fortaleza comparando o período entre os anos 2000 e 2010. A partir deste, outros objetivos foram elencados a fim de atingir o êxito da pesquisa. Os objetivos específicos são:

- Discutir o processo de formação da cidade, buscando compreender a produção do espaço urbano e os diferentes espaços na capital;
- Discutir os conceitos de vulnerabilidade social, o enfoque AVEO, bem como as variáveis que compõem o IVS;
- Mapear e identificar as áreas com maiores e menores índices de vulnerabilidade social;
- Analisar os IVS 2000 e 2010, sua distribuição destes na capital e tentar explicar as alterações ocorridas em uma década.

O recorte espacial da pesquisa é Fortaleza, umas das cidades com importância econômica no Nordeste brasileiro tendo em vista que concentra grande contingente populacional, diversas atividades comerciais, educacionais e também grande parte das riquezas do estado do Ceará.

O mapa 1 ilustra os 119 bairros de Fortaleza presentes nas informações do IBGE para o censo demográfico de 2010. Entretanto, o IVS será trabalhado a partir dos setores censitários, pois estes permitem maior detalhamento acerca da vulnerabilidade social na cidade, entretanto, o recorte setorial é feito a partir dos bairros, resultado da junção dos diferentes setores. O detalhamento dos setores permite compreender as contradições que permeiam não só no espaço intraurbano da capital, mas também no espaço intrabairro.

## Mapa 01: Localização da área de estudo – Fortaleza



As contradições na capital ocorrem, principalmente, devido à existência de áreas com déficit de ativos<sup>5</sup>, favorecendo o aumento da vulnerabilidade e outras com grande número de ativos e o bom aproveitamento dos mesmos, resultando em baixa vulnerabilidade. Essa convivência tão próxima entre o “ter” e o “não ter” ativos necessita de uma análise mais profunda das condições em que se inserem os diferentes grupos sociais que habitam a cidade.

A partir da necessidade de discutir a vulnerabilidade social em Fortaleza, surgem alguns questionamentos que buscamos esclarecer ao longo da pesquisa:

1. De que forma é possível compreender a vulnerabilidade social em Fortaleza?
2. Qual a importância do IVS e do enfoque AVEO para entender a espacialização da vulnerabilidade social?

<sup>5</sup> Conjunto de recursos cuja mobilização pode facilitar os canais de interação social em um momento. Maior detalhamento estará presente no terceiro capítulo da pesquisa.

3. Quais são as áreas com maiores e menores índices de vulnerabilidade social em Fortaleza em 2000 e 2010?
4. Houve mudanças dos índices nos diferentes bairros da capital? Foram significativas?
5. O que esperar das próximas discussões sobre a vulnerabilidade social na capital para os próximos anos?

Algumas etapas foram essenciais para responder tais questionamentos e atingir os objetivos do trabalho. O levantamento bibliográfico foi de fundamental importância no aprofundamento da temática a partir da leitura de alguns autores que estudam a vulnerabilidade social e ambiental (DESCHAMPS, 2004; KAZTMAN, 2005; COSTA, 2009; ZANELA, 2009; MARANDOLA & HOGAN, 2005); Enfoque AVEO – Ativos, Vulnerabilidade e Estruturas de Oportunidades (KAZTMAN & FILGUEIRAS, 1999); Produção do espaço urbano (SANTOS, CARLOS, 2006; SPÓSITO, 2013); segregação socioespacial (SOUZA, 2006; CORRÊA, 2013); e a produção do espaço em Fortaleza (DANTAS, 2002; SILVA, 1992; COSTA, 2007; PEQUENO, 2007; dentre outros autores);

Além das leituras citadas, também se fez necessário análise da documentação do Censo Demográfico 2000 e 2010 do IBGE, para esclarecimentos sobre as variáveis do IVS e para compreender como se deu a coleta dos dados do Censo e o significado de cada nomenclatura e informação.

Outra etapa da pesquisa foi a realização da coleta de dados para a composição do IVS 2010. Todos os dados estão disponíveis na plataforma *online* no site do IBGE. As variáveis preexistentes derivam do IVS 2000, que teve os dados coletados também na plataforma do IBGE a partir do resultado do Censo demográfico de 2000, entretanto algumas adaptações foram necessárias devido às variações que ocorrem entre um censo e outro. A coleta de dados foi feita de maneira minuciosa, pois cada dado pertencia a diferentes planilhas e a ordem dos setores censitários variava muito.

Entretanto, a indisponibilidade de uma variável (responsável por domicílio com até 3 anos de estudos) no banco de dados do IBGE em 2010 impossibilitava atingir o

objetivo geral do trabalho, que é a comparação do IVS entre os dois anos. Assim, optou-se por adaptar o IVS 2000 retirando tal variável possibilitando a comparação.

A coleta, a sistematização de dados e cálculo do IVS permitiram a elaboração de mapas, tabelas, e gráficos que contribuem para a discussão da vulnerabilidade social, possibilitando entender as mudanças ocorridas na década em questão, sobretudo nos indicadores que compõem o IVS (renda, educação e qualidade da habitação). O IVS foi espacializado e identificadas as áreas com menores e maiores vulnerabilidade social e as que mais sofreram mudanças no intervalo entre 2000 e 2010.

Com base em informações de órgãos públicos, tanto de esfera municipal, estadual e federal foi possível compreender a distribuição dos recursos<sup>6</sup> na capital e como estes se tornaram ativos, contribuindo para a diminuição da vulnerabilidade social, considerando, sobretudo o papel do Estado, como ente gerador de estruturas de oportunidades.

No intervalo dos dez anos, algumas políticas governamentais implantadas foram importantes para transformações no país, tais como as de transferência de renda (bolsa família, aumento/valorização do salário mínimo, bolsas estudantis), de habitação (Minha Casa, Minha Vida, projeto Sanear – ampliação de rede de esgoto), de educação (Educação de Jovens e Adultos – EJA, PROJOVEM), que contribuíram para a melhoria na qualidade de vida da população de Fortaleza.

Assim, buscando atingir os objetivos desta dissertação, este trabalho está dividido em cinco capítulos: aspectos introdutórios apresentado como capítulo 1; o capítulo 2 intitulado como: Da expansão urbana à discussão da vulnerabilidade social em Fortaleza; capítulo 3: O índice de vulnerabilidade social – IVS: metodologias e análise das variáveis que o compõe; capítulo 4: Vulnerabilidade: considerações socioespaciais em Fortaleza no início do século XXI; o 5º e último capítulo é composto pelas considerações finais acerca da pesquisa.

O capítulo dois é composto por três tópicos que objetivam discutir a expansão urbana em Fortaleza nos séculos XX e XXI, indicando as áreas incorporadas a malha urbana, o surgimento de favelas e áreas de risco e as contradições na cidade em

---

<sup>6</sup> Gama de serviços, infraestrutura, investimentos, etc, ofertadas aos diferentes grupos sociais

diferentes bairros que a compõe. Neste momento serão apresentadas as primeiras reflexões sobre vulnerabilidade social, apontando a definição de conceitos e também como o Enfoque AVEO se insere na pesquisa e na análise da cidade.

O terceiro capítulo apresenta a metodologia para a construção do IVS indicando as mudanças ocorridas nos anos 2000 e 2010 e discute as diferentes variáveis que o compõem. Mostra como o Estado interfere na criação de ativos, que contribuem para a superação das adversidades. Neste capítulo, estão presentes os mapas referentes aos indicadores do índice (renda, educação e qualidade da habitação) para o ano de 2010, discutindo como estão espacializados em Fortaleza.

O quarto capítulo trata das transformações no IVS 2000 e 2010 para Fortaleza. Nele serão apresentados os setores com os piores e melhores índices de vulnerabilidade social encontrados no período realizando análises comparativas entre os anos. Além disto, a discussão da vulnerabilidade social vai dialogar com outros estudos que também se inserem na rede nacional Observatório das Metrôpoles, possibilitando maior compreensão das particularidades encontradas na cidade. Com base nas análises e também nos resultados do IVS 2010, foram selecionadas as áreas com maiores e menores vulnerabilidade social em Fortaleza, para realização de um trabalho de campo e os resultados estão presentes na parte final do capítulo, com presença de imagens e mapas que ilustram as realidades destes diferentes espaços.



## **DA EXPANSÃO URBANA À DISCUSSÃO DA VULNERABILIDADE SOCIAL EM FORTALEZA**

Para entendermos a vulnerabilidade social em Fortaleza é preciso compreender como se deu o processo de formação e expansão da cidade, pois estes estão marcados por contradições ainda presentes nos dias atuais e refletem as condições em que se encontram os diversos grupos sociais que habitam, vivem e produzem a cidade. Dentre os agentes produtores do espaço, destacam-se o Estado com os planos governamentais que regem e direcionam o crescimento da cidade. Atua na realização de obras e na fiscalização delas; organiza os setores fundiários e imobiliários que promovem a expansão da cidade através dos imóveis e construções diversas; dialoga com a sociedade civil, de acordo com as classes sociais que constituem a cidade e pressionam o poder público para atender suas demandas.

Este capítulo divide-se em três tópicos que darão subsídios para as discussões posteriores acerca da composição do índice de vulnerabilidade e como ele se espacializa em Fortaleza.

O primeiro tópico analisa a formação da cidade, suas transformações na malha urbana e o surgimento de vários bairros importantes e tradicionais na capital. Serão apresentados os planos urbanos que interferiram e direcionaram o crescimento da mesma e a produção de diferentes espaços existentes até os dias de hoje.

No segundo tópico é relevante mostrar a formação das favelas e a sua importância no desenho da cidade. Muitas delas, surgidas ainda no século XIX, constituem hoje áreas com elevados índices de vulnerabilidade social. A apresentação destes bairros aponta para uma relação de fragilidade com o crescimento da cidade,

sobretudo, naquele pautado nas desigualdades sociais e nas contradições que permeiam a produção do espaço urbano no sistema capitalista.

A parte final deste capítulo traz a discussão do conceito de vulnerabilidade, seu surgimento e sua aplicabilidade nos diversos estudos que abordam as desigualdades sociais nas diversas cidades no Brasil e na América Latina. Aliada a esta investigação, apresenta-se também o enfoque AVEO como uma maneira de compreender como as várias situações de vulnerabilidade social podem ser modificadas, através dos entes responsáveis, ao gerar estruturas de oportunidades e ofertar recursos para grupos sociais distintos. Nosso objetivo não é realizar um levantamento histórico de Fortaleza e sua formação, mas compreender a gênese das áreas de vulnerabilidade existentes. Para isso, teremos como base autores que buscaram, em seus trabalhos, averiguar sobre temas como a ocupação, expansão e formação de Fortaleza. Mesmo que estas análises contemplem processos anteriores elas serão fundamentais para a percepção da vulnerabilidade atual.

## **2.1. EXPANSÃO URBANA EM FORTALEZA NOS SÉCULOS XIX, XX E XXI: OS PRIMEIROS PLANOS URBANOS**

Pensar o espaço urbano de Fortaleza apenas com base no momento atual é limitar as discussões sobre a cidade. Carlos (2007) destaca que a “cidade é resultante de muitos processos urbanos, de vários períodos históricos, bem como da articulação de agentes espaciais”, ou seja, a “cidade” é um espaço urbano oriundo da acumulação de práticas espaciais diversas realizadas por estes variados agentes.

É preciso conceber as formas e os conteúdos espaciais das “cidades” que foram moldadas ao longo dos anos. Fortaleza é uma capital de grande influência no país. Até o início do século XIX ela ainda era apenas uma vila secundária frente às outras da Província. Sua formação, delimitação territorial, modos de vida e surgimento dos bairros remontam a outros tempos que estão cristalizados na paisagem urbana, através de suas edificações, traçado urbano, sistema viário, dentre outros elementos.

Desta forma, retornaremos ao século XIX, momento em que Fortaleza começa a adquirir papel de destaque, porém com um crescimento lento. Relatos de alguns autores ressaltam os principais problemas descritos pelos viajantes que encontravam dificuldades no desembarque no porto da capital e as más condições sanitárias. A partir

da segunda metade do mesmo século é realizado um levantamento estatístico organizado pelo então Senador Pompeu que nos mostra que Fortaleza contava com 16 mil habitantes.

Em 1835, através do primeiro código de posturas de Fortaleza, a cidade passou a ter seu crescimento regulamentado, bem como as suas construções, sob pena de multas para quem as descumprissem visando o embelezamento da cidade. Sobre esse embelezamento e organização, Ponte (2007) afirma

Não bastaria apenas dotar a cidade de equipamentos e serviços modernos: era necessário “civilizar” e “domesticar” a população, sobretudo os setores populares, cujos hábitos e costumes eram tidos como rudes e selvagens pelos agentes daquele processo civilizador. (PONTE, 2007, p. 163)

Ainda na mesma perspectiva, Jucá (2003, p. 37) nos mostra que, a preocupação maior era “... aformosear-se as ruas...” mesmo nas áreas mais distantes do centro. Neste período é possível identificar que a chegada de vários migrantes à Fortaleza, causou certa preocupação do Poder Público. As pessoas que chegavam à cidade necessitavam habitar novos espaços e a área central não comportava um grande número de novos moradores. Entretanto, na segunda metade do século XIX começam a surgir os primeiros bairros que estão além do núcleo central. (Ver mapa 02)

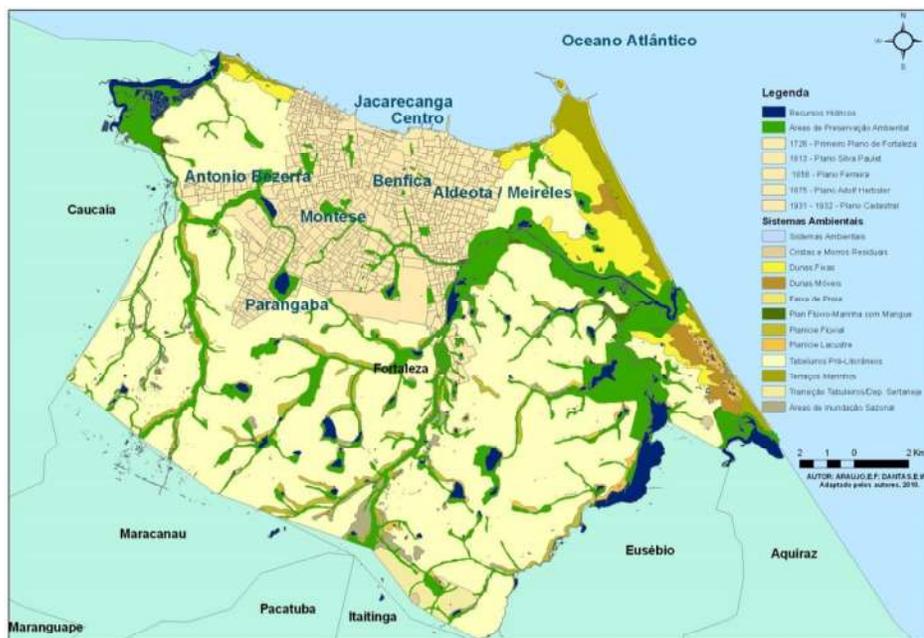
### Mapa 02: Ocupação urbana em Fortaleza - 1875



O mapa 02 indica a existência dos bairros Benfica e Jacarecanga que passam a abrigar famílias tradicionais, pois Fortaleza já se destacava frente aos outros municípios da Província, graças à expansão da atividade algodoeira, cuja grande produção era exportada pelo porto da capital. A população cresce em razão das migrações, consequência dos longos períodos de estiagem, que buscavam nas cidades e, principalmente na capital, melhores condições de vida, já que no campo a sobrevivência era difícil.

O fenômeno das migrações associado às estiagens acarreta um aumento da população urbana. Silva (1992, p. 35) ressalta que este fato ocorreu em todo o país afirmando que “este crescimento acelerado da população urbana do país revelou também a concentração dessa população nas grandes cidades, provocando um grande hiato entre as pequenas e grandes cidades brasileiras”. Esta movimentação favorece a disputa por espaços nas grandes cidades. Os migrantes que chegavam à capital, buscando abrigo e sobrevivência durante os intervalos de estiagens, muitas vezes ao passar este período, mantinham-se na capital, optando por não voltar mais ao seu local de origem. Com isso, ocorre uma expansão da cidade que denota a necessidade de formação de novos bairros que vão abrigar o contingente populacional que nela se encontra. (Ver Mapa 03)

### Mapa 03: Ocupação urbana em Fortaleza -1931/1932



O surgimento das linhas de bondes e o advento do automóvel contribuem também para a expansão da malha urbana, resultando na criação de alguns bairros próximos à área do centro. Tais espaços se formam neste período para atender a uma população mais abastada, que exige novos espaços. Em 1932 já é possível vislumbrar o crescimento da malha urbana da cidade, do centro em direção ao leste (Aldeota e Praia de Iracema); ao sul (Benfica, Montese e Parangaba); sudeste (Joaquim Távora) e a oeste (Farias Brito).

Aldeota desponta como bairro organizado, com infraestrutura, equipamentos, comércio e serviços, pois já contava com o abastecimento de água e coleta de lixo. Ele passa a ser valorizado pela classe média, que se distancia dos pobres que aos poucos, buscam outros bairros. Paralelamente, o centro via se configurando, cada vez mais, em atividades comerciais e no setor de serviços. É o que afirma Silva (1992) em seu livro *“Os incomodados não se retiram”*.

A busca de novos espaços pela burguesia que residia nas imediações da área central implicou em alterações marcantes na cidade e na super valorização de alguns bairros, como a Aldeota, Meireles, Praia de Iracema, Papicú, Bairro de Fátima e outros. A Aldeota é sem dúvida, o bairro mais valorizado da cidade por ser o preferido da burguesia e da alta classe média, por isso, ele conta com o melhor atendimento de infra-estrutura de serviços urbanos, comércio e outros equipamentos. (SILVA, 1992, p. 50)

Logo, Fortaleza, influenciada pelo rápido crescimento populacional originado particularmente pelo êxodo rural e urbanização rápida, típica do Brasil dos anos 1970/80, muda “sua face”, ampliando a malha urbana que apresenta características espaciais diversificadas. Surgem novos bairros e outros se consolidam e expandem ao longo dos eixos viários, casos de bairros como Fátima e Dionísio Torres. (Ver mapa 04)

As novas centralidades começam a se constituir, como observa Silva (2006), devido à demanda de uma elite que busca mais comodidade no seu dia a dia. Conforme Aciolly (2008) a expansão urbana segue a lógica das elites e do setor imobiliário com a produção e diversificação dos espaços públicos e privados feitos, que desconsideram o plano diretor da cidade.

Em Fortaleza, a elite deslocou-se, inicialmente, para os bairros Benfica e Jacarecanga (1930-1940), em virtude das barreiras físicas em direção ao leste, o mercado e o rio Pajeú, e num segundo momento em direção ao setor norte-leste, Praia de Iracema, Meireles e Aldeota (1950-1960) que, a partir de 1960, consolidam-se como seu setor preferencial. Assiste-se à diversificação dos espaços públicos (praças, orla marítima, ruas da área central), destinados

ao lazer dos diferentes segmentos sociais e dos espaços privados, com a proliferação dos clubes sociais também deslocados para as proximidades da orla marítima. (ACIOLLY, ANO, p. 168)

**Mapa 4: Ocupação urbana em Fortaleza - 1978**



Além da composição de bairros aristocráticos horizontais, nos anos de 1970, a cidade começa a se verticalizar. Na Aldeota são construídos apartamentos de três pavimentos, onde é possível ver a incorporação de mudanças no *modo de morar*. Assim, edifícios de luxo passam a substituir as grandes residências, pois eram “desejados” por uma classe média e muitas casas dão lugar a apartamentos em edifícios de luxo.

Com a verticalização ocorre também a valorização dos terrenos urbanos na Aldeota, Meireles e Dionísio Torres para atender a demanda. Os elevados preços dos apartamentos empurram a classe média, sem condições financeiras para adquirir um imóvel na Aldeota, a buscar outras áreas bem próximas onde os agentes imobiliários atuavam. Destacam-se os bairros do entorno do centro e da zona leste (Varjota, Papicu e Praia do Futuro).

A construção desses primeiros edifícios imprime valor ao solo dessas áreas, provocando ou aguçando a especulação imobiliária e um constante processo de expulsão da população proletária nelas fixadas. Para aqueles que pretendem residir nos bairros mais equipados como o aqui mencionado, os preços são cada vez mais proibitivos para a compra do imóvel. Esse processo

tem provocado à expansão dos chamados bairros de classe média baixa, em setores da cidade que habitualmente não eram ocupados por clientela desse padrão. (SILVA, 1992, p. 52)

Fortaleza se expandiu de maneira desordenada, orquestrada pela necessidade dos migrantes que chegavam à capital em busca de melhores condições de vida por conta da estiagem e motivados também pelos anseios de uma elite que buscava outras áreas para morar, longe da área central e dos locais habitados pela população operária. Costa (1998) descreve a heterogeneidade desta cidade nos anos 1980, mas que ainda guarda muitos destes traços nos dias atuais.

A cidade dos ricos é a cidade dos verdadeiros cidadãos, daqueles que estão inseridos no mercado, no consumo, e que tem renda suficiente para consumi-la, enquanto mercadorias, equipamentos, habitação, serviços. É também a cidade formal, onde se dá a reprodução ampliada de capital, que para isto necessita de boas condições de produção. É a cidade onde se reproduzem a burguesia, os técnicos de alto nível, os governantes. A cidade dos pobres, a cidade informal, foge às regras e leis. É a cidade onde a população cria mil estratégias de sobrevivência, permitindo a reprodução simples do capital. É onde se reproduz a classe trabalhadora.

Fortaleza abriga muitas cidades - a cidade dos turistas (Beira Mar, Pousadas, Mercado Central, EMCETUR), a cidade dos bairros de alta renda (Aldeota, Papicu, Meireles, Água Fria), com centros comerciais e de serviços independentes, a cidade de classe média (Fátima, Montese, Benfica), a cidade dos conjuntos habitacionais, das favelas, mais ligadas ao centro tradicional. (COSTA, 1988, p. 24)

Novos bairros nascem em áreas cada vez mais distantes da área central, próximas a outros municípios metropolitanos, onde se concentram populações com menor poder aquisitivo, “expulsas” das áreas mais valorizadas da cidade.

A taxa de crescimento populacional de Fortaleza, a partir de 1900, explica-se, em parte, pela expansão da cidade e o surgimento de bairros. (Ver tabela 01)

**Tabela 01: População do Estado do Ceará e do Município de Fortaleza de 1980 a 2010**

Ano	População do Ceará	Crescimento Intercensitário	População de Fortaleza	Crescimento Intercensitário
1900	849.127	53.8	48.369	18.2
1920	1.319.228	55.3	78.536	62.2
1940	2.091.032	58.5	180.185	129.4
1950	2.695.450	28.9	270.169	49.9
1960	3.337.856	23.8	514.813	90.5

1970	4.491.590	34,5	857.980	66,6
1980	5.380.432	19,7	1.307.611	52,4
1991	6.366.647	18,3	1.767.637	35,0
2000	7.417.402	16,5	2.141.402	21,14
2010	8.452.381	13,9	2.452.185	14,51

Fonte: IBGE - Anuário Estatístico do Brasil, 1976; IBGE - Censos demográficos 1980, 1990, 2000 e 2010.

O crescimento intercensitário de Fortaleza, a partir dos anos de 1920, passa a ser superior ao do Ceará, sendo a migração o principal fator de tal feito. A década de 1950/60 foi marcada pela grande seca de 1958 e pela criação da SUDENE (1959). Neste período, a taxa ultrapassou os 90%, com a população saltando de 270 mil habitantes para quase 515 mil, um aumento de 240 mil habitantes em apenas dez anos na cidade. Na década 1980-1991, o aumento populacional foi de 460 mil. Na última década, a taxa caiu para 14,51%, mas o número é significativo: 341 mil habitantes é o equivalente a quase a população do município de Caucaia (325.441), em 2010.

A distribuição da população indica um aumento da taxa de urbanização no Ceará, principalmente a partir da década de 1980, momento em que a população urbana supera a rural. Em 2010, 75,09% da sua população já vivia em áreas urbanas. Isso implica dizer que não apenas Fortaleza, mas também outras localidades concentram e polarizam atividades, atraindo novos moradores. (Tabela 02).

**Tabela 02: Distribuição da População no Estado do Ceará**

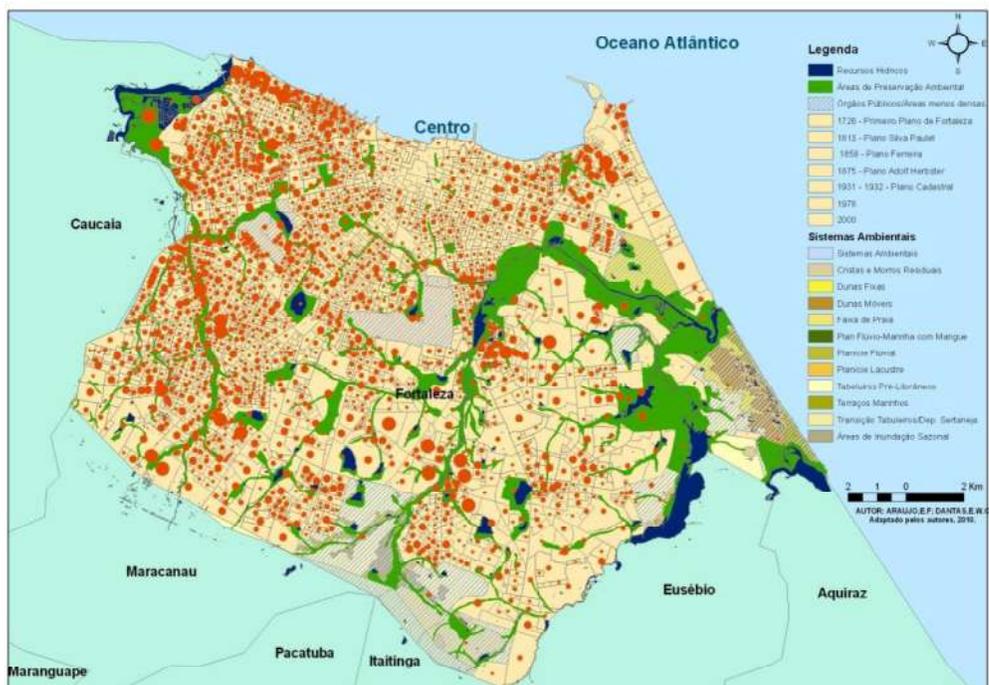
Anos	Total	Urbana	%	Rural	%
1950	2.695.450	679.604	25,21	2.015.846	74,79
1960	3.296.366	1.098.901	33,33	2.197.465	66,67
1970	4.361.603	1.780.093	40,81	2.581.510	59,19
1980	5.288.253	2.810.351	53,14	2.477.902	46,86
1991	6.366.647	4.162.007	65,37	2.204.640	34,63
2000	7.430.661	5.315.318	71,53	2.115.343	28,47
2010	8.448.055	6.343.990	75,09	2.104.065	24,91

Fonte: IBGE. Censo Demográfico - Ceará, 1950, 1960, 1970, 1980, 1991, 2000, 2010.

O aumento do contingente populacional em Fortaleza - que tem taxa de urbanização de 100% (IBGE) - provoca a pressão demográfica em algumas áreas em

seu entorno, ainda carentes de infraestrutura e serviços básicos necessários para uma boa qualidade de vida. (Mapa 05).

### Mapa 05: Ocupação urbana e pressão demográfica em Fortaleza - 2000



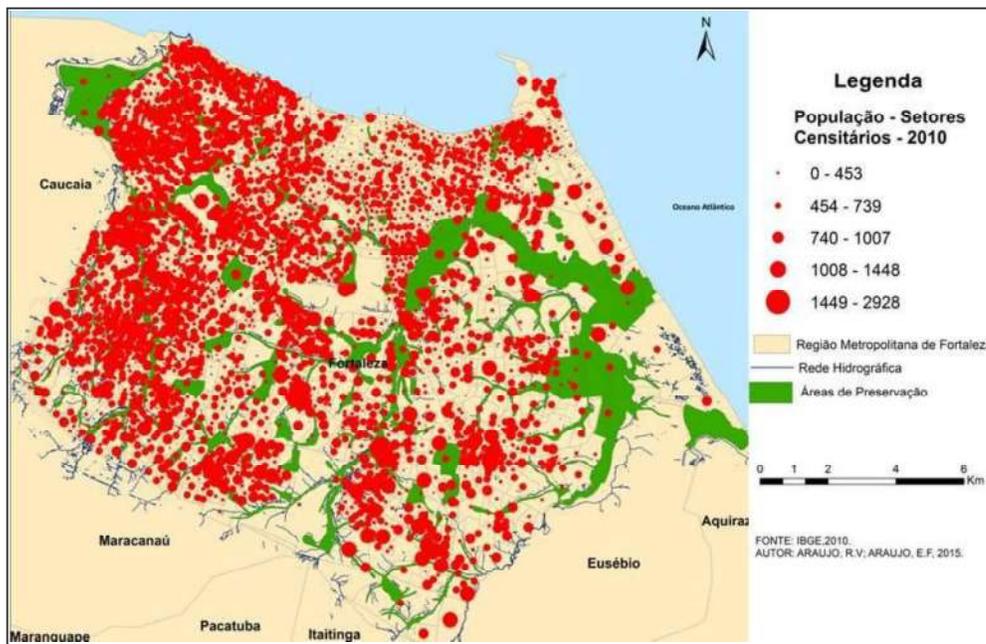
A ocupação do espaço urbana se consolida, todavia é possível vislumbrar que a pressão demográfica, em determinadas áreas, se apresenta de forma mais incisiva que outras. Chama-nos à atenção os primeiros bairros que se formaram na capital e apresentam adensamento inferior aos da zona oeste, onde se estabelece uma população mais pobre, que se fixa no litoral, em terreno de Marinha, e em dunas móveis e fixas, mais próxima à zona industrial que se firmou ao longo da via férrea e da Avenida Francisco Sá.

São significativas as ocupações próximas aos recursos hídricos, com moradias irregulares e precárias, pois a população migrante não tinha condições de pagar para morar na cidade “legal”, ou seja, habitar-nos mesmos espaços da classe média. O mapa ressalta a concentração populacional nas margens dos Rios Maranguapinho e Ceará, em direção aos municípios de Caucaia e Maracanaú. Evidencia-se, também, a pressão demográfica em algumas áreas do Rio Cocó, principalmente no espaço ocupado pela

antiga favela do Lagamar, onde foram construídos alguns conjuntos habitacionais que convivem com alojamentos irregulares.

O mapa 06, com dados do IBGE (2010), demonstra que a pressão demográfica aumentou na maioria dos bairros, destacando-se principalmente às áreas localizadas a oeste e ao sul da cidade.

### Mapa 06: Ocupação urbana e pressão demográfica em Fortaleza - 2010



Os mapas referentes aos anos de 2000 e 2010, respectivamente 05 e 06, mostram que a expansão urbana em Fortaleza já está solidificada e seu contingente populacional está distribuído nos mais diferentes bairros da capital. A pressão demográfica aponta para os bairros mais periféricos, mostrando que mesmo nos bairros com elevadas taxas de verticalização, como Aldeota e Meireles, o adensamento populacional ainda é inferior ao das áreas periféricas.

Com isso, é possível afirmar que enquanto o setor leste cresceu direcionado pela demanda da elite e do setor imobiliário, outras áreas se expandiram impulsionadas pela população carente que buscava se fixar na cidade. Fortaleza é resultado da ação de distintos agentes que moldaram o espaço urbano ao longo dos anos, a partir de suas necessidades e de seu poder de pressão. Corrêa (2013) afirma que a produção do espaço

É consequência da ação de agentes sociais concretos, históricos, dotados de interesses, estratégias e práticas espaciais próprias, portadores de contradições e geradores de conflitos entre eles mesmos e com outros segmentos da sociedade. (Corrêa, 2013, p. 42).

É possível então, afirmar que a expansão urbana de Fortaleza está emaranhada de contradições que perpassam por diferentes gerações de agentes que vivem e produzem o seu espaço.

Os agentes sociais da produção do espaço estão inseridos na temporalidade e espacialidade de cada formação socioespacial capitalista. Refletem, assim, necessidades e possibilidades sociais, criadas por processos e mecanismos que muitos deles criaram. E são os agentes que materializam os processos sociais na forma de um ambiente construído, seja a rede urbana, seja o espaço intraurbano. Afirma-se que processos sociais e agentes sociais são inseparáveis, elementos fundamentais da sociedade e de seu movimento. (CORRÊA, 2013, p. 43)

A capital cearense ganhou forma a partir das práticas sociais dos migrantes nas ocupações irregulares; da elite na criação de novos bairros; do poder público ao dotar a cidade de infraestrutura, serviços e equipamentos urbanos; do setor privado investindo na indústria, comércio, serviços e na abertura de loteamento, construção de edificações e dos movimentos sociais nas reivindicações de suas demandas, ante outros agentes. O processo de formação da cidade está diretamente ligado aos agentes sociais que nela estão inseridos.

Para compreender as contradições no espaço urbano de Fortaleza é preciso não apenas entender o direcionamento de sua expansão, mas também como cresceram os vários bairros da cidade e quais as diferentes formas de moradias. Muitos deles surgiram não pela demanda da elite, nem do setor imobiliário, mas particularmente pela necessidade da população com menor poder aquisitivo de habitar a cidade.

## **2.2. O SURGIMENTO DAS FAVELAS E AS CONTRADIÇÕES SOCIOESPACIAIS EM FORTALEZA**

Fortaleza cresceu, sobretudo a partir das décadas de 1920/30. Neste momento, novos espaços da capital passaram a ser habitados. Contudo, devido às secas que assolavam o Nordeste, muitos migrantes se deslocavam para a cidade e se fixavam próximos ao centro, na faixa de praia, onde se criaram os primeiros aglomerados urbanos subnormais, que caracterizam as favelas.

Em diversos trabalhos são encontrados relatos do surgimento das primeiras favelas em Fortaleza após 1900, entretanto, determinadas ocupações irregulares, já se instalam num período anterior a esse, como é o exemplo do Arraial Moura Brasil. Jucá (2003) observa que

Seria ingenuidade pensar em separar a área ocupada pela pobreza como um espaço de fronteiras definidas. Em Fortaleza, desde 1888, constava na planta da cidade o registro de casas dispersas no arraial Moura Brasil, “... a mais antiga forma de pré-favelamento que a cidade conheceu...”. O número de edificações aumentava, principalmente com casas pobres, geralmente apertadas, sem quintais, classificadas como foco de propagação de doenças infecto contagiosas. (JUCÁ, 2003, p. 48)

A expansão de Fortaleza, em especial nas áreas mais carentes, é marcada, fundamentalmente, pela migração sertaneja. Este processo “marca” a capital cearense, pois o Estado ao longo dos anos passou por longos períodos de estiagem, o que favoreceu o processo migratório. Com isso, a população mais carente, vinda do sertão, chegava a Fortaleza e ocupava áreas que não eram valorizadas pelos seus habitantes. As secas eram constantes e os migrantes se deslocavam em busca de melhores condições de vida. Neves (1995) descreve o quanto era dura esta realidade.

Em 1877, este problema explode no cenário urbano de Fortaleza de maneira dramática e alarmante. A cidade é invadida e ocupada por sertanejos em número quase quatro vezes maior que sua população. Epidemias, crimes, descatos à recatada moral das famílias provincianas, tragédias indescritíveis se desenvolvem à vista de todos: assassinatos, suicídios, saques, loucuras, antropofagia! (NEVES, 1995, p. 94)

Essa população foi levada para os chamados “campos de concentração” que substituíam os “abarracamentos<sup>7</sup>”, onde ficavam confinados, tudo isso em prol da ordem, do embelezamento e das questões de higiene da cidade. Nos dados da Secretaria de Cultura de Fortaleza, um destes campos localizava-se no Arraial Moura Brasil, bairro que fica entre o centro e a praia. Ainda hoje o bairro é composto por moradias para a população carente e foi rebatizado com o nome de Moura Brasil.

Durante a estiagem muitas pessoas mudam para a capital em busca de melhores condições de vida, buscando o apoio do poder público. Passado este período de seca, alguns retornam à zona rural, mas outros permaneciam, o que contribuiu para

---

<sup>7</sup> Eram alojamentos localizados a sotavento da cidade, criados pelo poder público para conter a população migrante das grandes secas de 1877-79, 1888, 1915, para evitar a disseminação de doenças na cidade.

uma expansão e crescimento desordenado da cidade. Estes migrantes ocupavam, na época, áreas públicas ou privadas desvalorizadas pelo setor imobiliário, como as zonas de praia, dunas, entorno de lagoas e margens de riachos, dando origem às primeiras favelas em Fortaleza. É o que afirma Silva (1992) ao explicar que “o homem do campo, que se desloca em busca de melhores condições de vida na cidade, quando chega, é logo “expulso” para as periferias urbanas, ficando numa situação idêntica ou pior, que a anterior”.

Assim se percebe como são difíceis a chegada e a permanência do homem do campo na capital, mas os períodos de estiagem forçavam esse deslocamento. A partir deste período determinados bairros e comunidades começaram a se formar e muitas deles ainda permanecem hoje mantendo as características de sua formação inicial. Souza destaca o papel da migração no crescimento das favelas

O crescimento de Fortaleza se verifica, portanto, a expensas de uma alta participação de migrantes procedentes, na sua grande maioria, do interior do Estado. Constitui-se, principalmente, de uma população de baixa renda, que, chegando à cidade, contribuiu para a expansão das aglomerações faveladas que apresentaram amplo crescimento na capital, nos últimos anos. (SOUZA, 2009, p. 15).

As aglomerações faveladas em Fortaleza derivam, sobretudo, dos migrantes vindos da zona rural. Com exceção do Arraial Moura Brasil, que data de 1888, as demais favelas surgiram a partir dos anos de 1930. Com o tempo, estes agrupamentos cresceram e novas favelas se instalaram na cidade. Jucá (2003) ressalta a sua localização

[...] De 1930 a 1950, além das favelas do Pirambu e do Mucuripe, havia o Cercado do Zé Padre, o Lagamar, o Morro do Ouro, situado entre o açude João Lopes e o atual Monte Castelo, além da Varjota, Meireles, Papoquinho e a da Estrada de Ferro. Também era ocupado pela população carente o Morro do Moinho, entre a estação ferroviária e o cemitério São João Batista, o bairro do Seminário, o de São João do Tauape, que se estendia à área mais baixa do Lagamar. À margem da BR-116 ficava o Alto da Balança e, antes de Mecejana, havia a localidade denominada Cajazeiras. (JUCÁ, 2003, p. 48)

Ainda sobre estes ajuntamentos, Silva (2009) nomeia e data alguns deles: entre 1930-1955 surgiram as seguintes favelas na cidade: Cercado do Padre Zé (1930), Mucuripe (1933), Lagamar (1933), Morro do Ouro (1940), Varjota (1945), Meireles (1950), Papoquinho (1950), Estrada de Ferro (1954).

Com isso, percebemos que muitos destas concentrações que se formaram a partir de 1930, ainda se caracterizam como áreas de favelas existentes na cidade de Fortaleza, como por exemplo, Lagamar, Pirambu, Moura Brasil, dentre outros.

Em 1945, Pirambu e o Arraial Moura Brasil, localizados em terrenos da Marinha, eram considerados os bairros mais pobres e foram construídas em espaços ocupados por comunidades pesqueiras. Os moradores sofriam com o impacto do avanço das marés, por conta da construção do porto do Mucuripe e o descaso do poder público, pois tais áreas não eram bem vistas por quem governava a cidade. Dantas (2011) afirma que os espaços litorâneos ainda não tinham tanta importância para a população local e quando este passa a ter maior significado, é em a direção à zona leste, que ocorre maior valorização, como são os casos da Praia de Iracema e Meireles.

Estes bairros possuíam características similares. Jucá (2003, p. 49) salienta que o Pirambu era considerado “[...] um prolongamento do Arraial Moura Brasil, tanto territorial como no sofrimento do povo...”, embora no primeiro a luta de seus moradores tenha se mostrado mais intensa pela posse da terra. Contudo, havia outros bairros carentes na cidade, como mostra Jucá (2003):

Vila dos Estivadores, Mucuripe, Amadeu Furtado, onde grassava “... um pauperismo avassalador...”, o Monte Castelo, Bela Vista, Brasil Oiticica, Campo de Aviação - Futura Aerolândia - Antônio Bezerra, Vila Zoraide, Montese, São João do Tauape, Otávio Bonfim e até o Pici. (JUCÁ, 2003, p. 53)

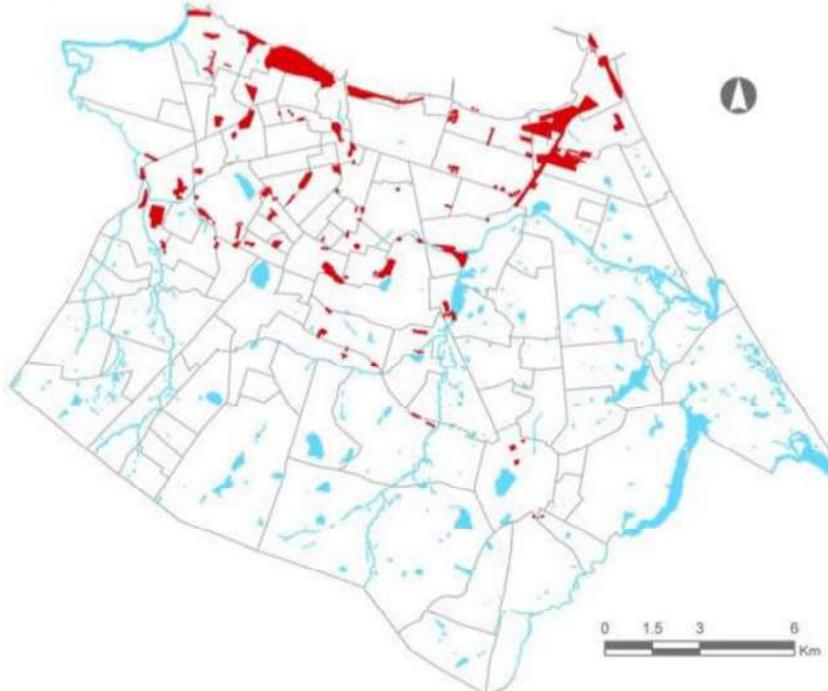
Tal fato nos faz perceber que a população pobre se distanciava do centro, formando novos bairros com características de aglomerados urbanos. Nos outros bairros de classe média o preço da terra era mais elevado impedindo que a população pobre e migrante tivesse acesso a eles. Costa (1988) mostra como eram as condições habitacionais na cidade

Os espaços realmente urbanizados em Fortaleza são reduzidos e até ociosos. A maior parte da população da cidade não tem acesso aos terrenos, que ficam “em pousio” nas áreas da cidade “urbanizada”. Mas como a população não pode viver fora do espaço, ela “invade” terrenos públicos e privados “amontoando-se” nas favelas ou “afastando-se” para periferias e conjuntos habitacionais distantes, com precária e até mesmo ausência de oferta de serviços e infra-estrutura. São verdadeiras cidades dentro da cidade. (COSTA, 1988, p. 46)

A forma precária de viver imprime na paisagem urbana do século XXI as marcas da desigualdade social. Este modelo é originário dos processos de formação e expansão urbana de Fortaleza, em que espaços foram produzidos para diferentes grupos sociais. Ao mesmo tempo em que bairros de classe média se alicerçaram, como Aldeota, Joaquim Távora, Praia de Iracema, Jacarecanga, Benfica, Farias Brito, as favelas e os loteamentos periféricos se espalhavam pelas áreas que não despertavam o interesse econômico.

No mapa 7 destaca-se no litoral Oeste, além do Moura Brasil, bem próximo ao centro, o grande Pirambu que vai se estendendo em direção à foz do Rio Ceará. Na zona oeste, há a favela do Trilho, adensamento de aglomerados subnormais ao longo do ramal Parangaba-Mucuripe da RFSA.

**Mapa 07: Áreas de favelas em Fortaleza – 1973**



Fonte: Programa de desfavelamento de Fortaleza. Fundação Serviço Social de Fortaleza – FSSF

A expansão de Fortaleza é marcada pelo agravamento da pobreza, particularmente a partir de 1950, quando a taxa de crescimento populacional atinge mais de 90%. Os migrantes sem renda, emprego e qualificação profissional vão ocupando terrenos públicos sem infraestrutura e contribuindo na configuração de favelas, que contrastam com os bairros organizados de classe média.

As primeiras favelas de Fortaleza se localizavam próximo do centro da cidade e dos locais de trabalho dos seus habitantes, ocupando terrenos vazios, públicos ou privados, ou áreas menos valorizadas, como por exemplo, às margens da via férrea, áreas sujeitas a inundações e trechos de orla marítima (terrenos de Marinha), ou ainda leitos de ruas. (SOUZA, 2006, p. 154)

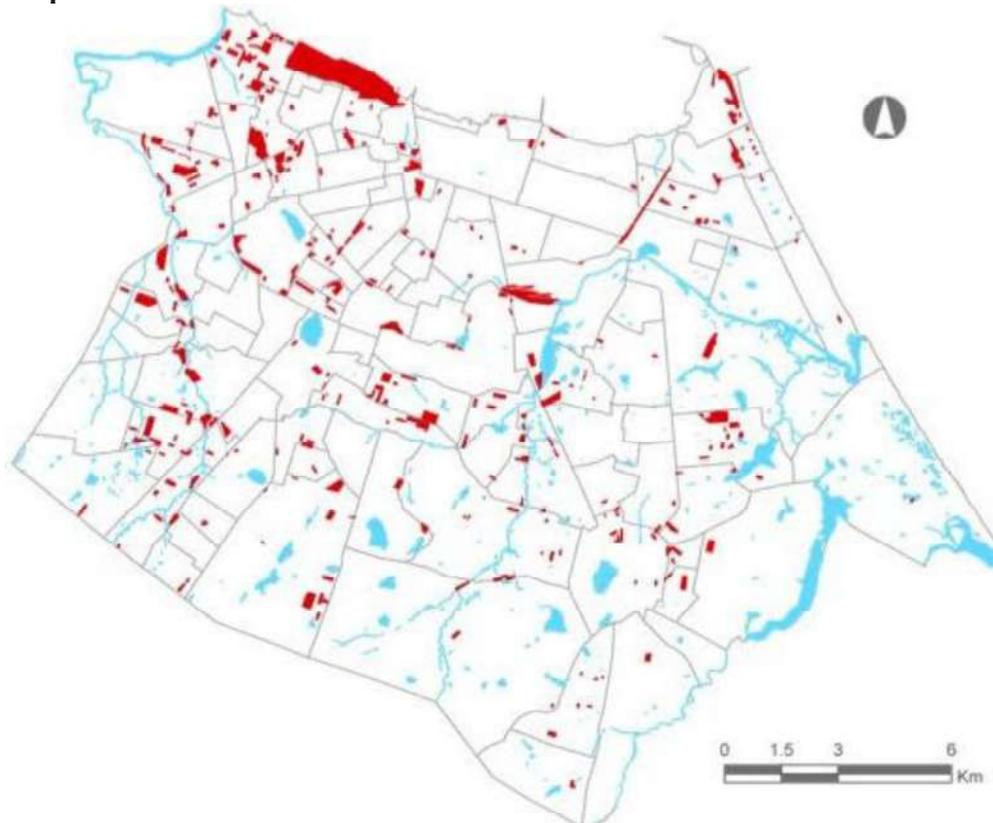
As áreas em cores vermelhas indicam as favelas já existentes na cidade no período. Dados da antiga Superintendência de Desenvolvimento do Estado do Ceará (SUDEC) destaca que em 1970, havia 73 favelas em Fortaleza. O Arraial Moura Brasil, o Pirambu, o Mucuripe e Varjota aparecem como áreas com maior relevância. Entretanto, é possível vislumbrar que as áreas de favela na cidade não ficavam muito longe da área central e dos bairros de classe média.

Como afirma Souza (2006, p. 149) “o referido processo de urbanização não tem sido acompanhado de um fortalecimento da economia urbana, gerando graves problemas de emprego e subemprego na metrópole”. Estes problemas, sobretudo de ordem econômica, vão contribuir para a ocupação irregular, desordenada e precária na cidade. Neste contexto, observa-se a segregação socioespacial com a concentração de determinadas classes ou grupos sociais em certos espaços da cidade. Esta centralização varia de acordo, principalmente, com o poder aquisitivo e o acesso ou não a bens e serviços. Souza indica a gênese do processo de segregação socioespacial na cidade

Teve início em 1950 quando do crescimento das favelas e de grande expansão urbana, tanto para o setor leste quanto para os setores oeste e sul, acompanhando os principais eixos viários e também para além da ferrovia. As vias de acesso orientaram e dimensionaram o crescimento da cidade e, assim, à proporção que aumentava a população, surgiam novos bairros através da aglutinação cada vez maior dos espaços periféricos. (SOUZA, 2006, p. 151)

Embora a expansão urbana tenha se dado por “etapas”, acompanhando os eixos de ligação da cidade com o interior, Fortaleza cresce de forma desordenada. As favelas se espalham, acompanhando o crescimento da cidade e o surgimento de novos bairros. Souza (2006) indica que entre 1973 e 1991, houve significativo aumento no número de favelas, passando de 73 para 313, segundo dados do Programa de Assistências às Favelas (PROAFA).

**Mapa 08: Áreas de favelas em Fortaleza -1991**



FONTE: Levantamento de assentamentos subnormais de Fortaleza. Companhia de Habitação do Ceará – COHAB-CE. Secretaria do trabalho e ação social do Ceará – STAS-CE.

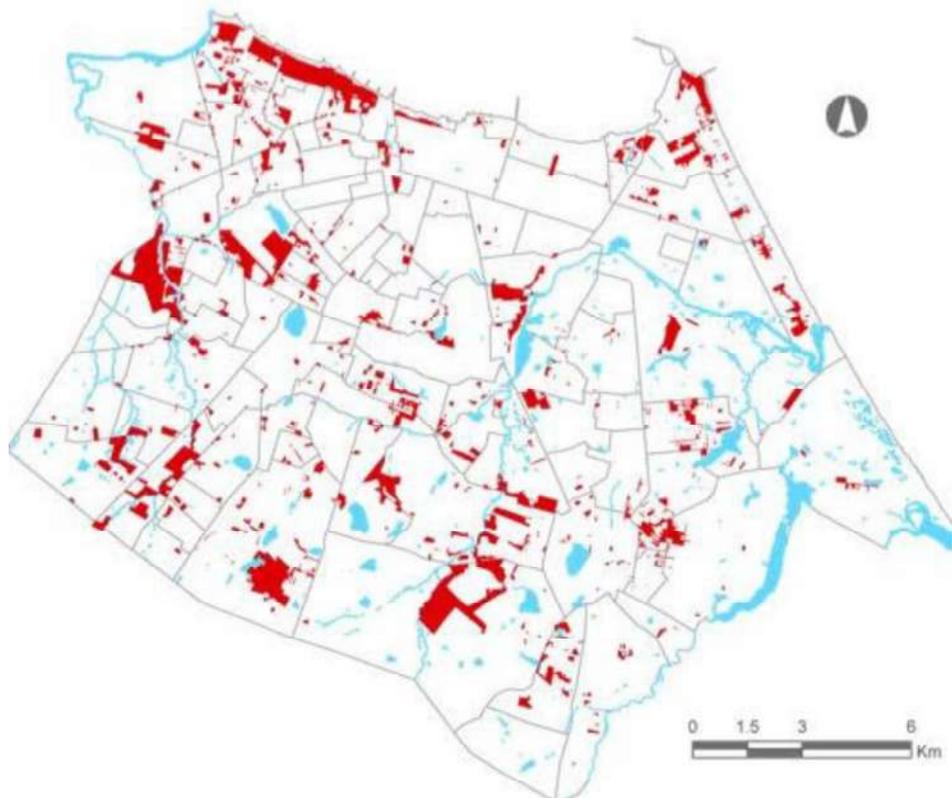
Com a ampliação do tecido urbano ocorreu o aumento no número de favelas. O Mucuripe e a Varjota, pesquisados por Silva (2009) e Jucá (2003), desde os anos 1940 e 1950, tem sua área reduzida no mapa das favelas de 1991. Isso se deve à valorização destes espaços que vai atrair uma população com elevado poder aquisitivo resultando no aparecimento de um novo padrão de residências. O Mucuripe, uma continuação do Meireles, torna-se atrativo para os condomínios verticais de luxo e a atividade turística, recebendo vários hotéis e flats. A Varjota, devido à proximidade com a Aldeota e o Meireles, verticaliza-se e é considerado um dos polos gastronômicos da cidade. Enquanto estes espaços se consolidam como de classe média, outros são produzidos e permeados pelas desigualdades sociais.

Souza (2006, p.154) declara que na década de 1990 a maioria das favelas estava no setor oeste, que centralizava 72,3% da população favelada da cidade. A autora lista os bairros e a quantidade de habitantes existentes nestas áreas: Pirambu (67.005

habitantes), Pici e Planalto Pici (40.725), Barra do Ceará (30.700), Genibaú (23.939), Granja Portugal (22.305) e Autran Nunes (22.230).

Em 2011, a malha urbana de Fortaleza já está com grande parte do seu espaço ocupado, algumas áreas densamente povoadas indicando elevada pressão demográfica, sobretudo próxima aos limites metropolitanos. O mapa 09 indica os aglomerados subnormais<sup>8</sup> existentes em Fortaleza e aponta os que atingiram maiores proporções com a consolidação e ampliação de favelas mais antigas.

### Mapa 09: Áreas de favelas em Fortaleza – 2011



FONTE: Plano Local Habitacional de Interesse Social – Fundação HABITAFOR

<sup>8</sup> Segundo IBGE (2010, pag 26-27) “aglomerado subnormal é um conjunto constituído de, no mínimo, 51 (cinquenta e uma) unidades habitacionais (barracos, casas...) carentes, em sua maioria de serviços públicos essenciais, ocupando ou tendo ocupado, até período recente, terreno de propriedade alheia (pública ou particular) e estando dispostas, em geral, de forma desordenada e densa. A identificação dos Aglomerados Subnormais deve ser feita com base nos seguintes critérios: a) Ocupação ilegal da terra, ou seja, construção em terrenos de propriedade alheia (pública ou particular) no momento atual ou em período recente (obtenção do título de propriedade do terreno há dez anos ou menos); e b) Possuírem pelo menos uma das seguintes características: urbanização fora dos padrões vigentes - refletido por vias de circulação estreitas e de alinhamento irregular, lotes de tamanhos e formas desiguais e construções não regularizadas por órgãos públicos; e precariedade de serviços públicos essenciais”.

As favelas existentes em Fortaleza no ano de 2011 estão espalhadas por quase toda a malha urbana, indicando a heterogeneidade do espaço urbano. As porções do oeste, sudoeste e sul da cidade abrigam um maior número de população em favelas. Para Maricato (2013) um dos aspectos considerados para a definição das áreas de favelas é a ocupação ilegal do solo. Nestes espaços predominam a carência de infraestrutura e serviços, essenciais à vida nas cidades, como água, esgoto, coleta de lixo, mobilidade urbana, etc. Para a autora, o número de favelas no Brasil, nas cidades médias e grandes, cresce de maneira acelerada, muitas vezes dificultando até o controle do IBGE na hora de contabilizar tais áreas.

Nas favelas brasileiras, ainda de acordo com Maricato (2013), os moradores têm maiores dificuldades para encontrar emprego, em razão do estigma e muitas vezes da falta do endereço formal. Nestes locais é significativa a presença de mães solteiras, bem como de elevados índices de violência e criminalidade. Enfim, estes espaços concentram uma série de problemas que indicam, diretamente, a vulnerabilidade das famílias.

Assim, vimos uma Fortaleza dividida e segregada, com bairros ricos, que possuem uma gama de infraestrutura e serviços e bairros pobres, carentes de tudo. Entrementes, a elite que buscava cada vez mais distanciar-se dos pobres via neles também a força de trabalho necessária para manter seu padrão de vida.

São nessas “Fortalezas” paupérrimas, que a força de trabalho se reproduz em condições mínimas de subsistência. E a super exploração da classe trabalhadora, com seus salários miseráveis, que sustenta o luxo das mansões e do exército de trabalhadores domésticos mal remunerados da outra Fortaleza - a cidade dos ricos, os pseudo-ricos, da classe média alta, da grande Aldeota. (COSTA, 1988, p. 47)

A presença das favelas é o retrato da forma como foi produzida e expandida a cidade, de maneira desigual e sem planejamento. Para o ano de 2010, o IBGE contabilizou na capital, 109.122 domicílios nas condições de aglomerados subnormais, abrigando uma população de 326.970 habitantes.

Esta produção desigual do espaço urbano mostra por um lado o crescimento de áreas de valorização imobiliária, equipados pelo poder público, e de outro, para a

formação das favelas, espaços de segregação socioespacial. Estes locais, caracterizados pela vulnerabilidade social, serão analisados no próximo tópico.

### **2.3. VULNERABILIDADE SOCIAL E ENFOQUE AVEO: ALGUMAS DISCUSSÕES TEÓRICAS**

O crescimento da malha urbana de Fortaleza possibilitou o surgimento de novos bairros. A cidade extrapola o centro, com o surgimento dos bairros, e posteriormente ultrapassa os limites metropolitanos. No entanto, a expansão não ocorre de maneira planejada, muitas vezes espontaneamente, o que contribui para a formação de bairros bastante heterogêneos, seja em sua paisagem, seja em suas condições sociais e econômicas de seus moradores.

Fortaleza, como as outras metrópoles brasileiras, é marcada pelas contradições e desigualdade social. De um lado, favelas e bairros que abrigam populações pobres, centralizando todo tipo de carência, e de outro, bairros bem estruturados, servidos de boa infraestrutura e serviços que garantem aos seus habitantes uma melhor qualidade de vida.

A organização socioterritorial nas metrópoles brasileiras e a relação com as desigualdades existentes nestas, conforme o Observatório das Metrópoles (2005), favorecem a constituição de “bolsões” de população vulnerável que reproduzem a desigualdade e a pobreza nos espaços urbanos brasileiros. Estes “bolsões” são frutos do modelo de produção urbana do espaço capitalista que beneficia uns em detrimento de outros, criando espaços com condições precárias e de exclusão social e territorial.

As discussões sobre vulnerabilidade, existentes principalmente em vários países da América Latina, propõem uma análise deste processo. Este trabalho visa discutir a vulnerabilidade social em Fortaleza comparando a situação da população nos anos 2000 e 2010. Objetiva também refletir sobre as políticas públicas e o papel dos entes governamentais que possibilitam a superação desta subcondição em diferentes grupos sociais.

A vulnerabilidade não é um conceito exclusivo da Geografia. Vários autores mostram que ela é parte de nosso cotidiano. Não é apenas o meio ambiente e/ou a sociedade que é vulnerável, mas também “os mercados, as instituições, as cidades, as

populações, grupos demográficos específicos, gêneros, etnias, lugares, regiões, nações, todos podem ser vulneráveis”. (Hogan & Marandola Jr., 2006, p. 24). Desta forma, é importante compreender que a vulnerabilidade se faz presente em diferentes contextos.

Hogan & Marandola Jr. (2006, p. 23) afirmam que “vivemos em um momento histórico propício para pensarmos a vulnerabilidade. Parece que nunca nos sentimos tão vulneráveis”. Ao ressaltar uma série de acontecimentos ocorridos no mundo, desde catástrofes ambientais as sociais, fazendo referências à “sociedade de risco”, os autores nos mostram que no pensamento acadêmico, o conceito de vulnerabilidade vem ganhando destaque, diante da impotência da sociedade e das pessoas em diversas situações. Ao discutir o conceito da vulnerabilidade e sua origem eles fazem referência à presença do risco, pois para muitos, este, faz parte da sociedade moderna. A vulnerabilidade pode estar associada a diversos tipos de riscos, não somente ambientais como mostra Almeida (2012, p. 85): “O termo risco está frequentemente acompanhado de um adjetivo, que o qualifica e que o associa ao cotidiano dessa sociedade”. Assim, pode-se concluir que riscos ambientais, sociais, naturais, etc. estão presentes na concepção de vulnerabilidade e podem ser utilizados pelos geógrafos.

As discussões sobre a temática se tornaram mais intensas a partir de 1980 com pesquisas sobre perigos ambientais e desastres naturais e com isso, o conceito ganhou novas definições. Notamos a multidimensão desta percepção permeando várias áreas, tais como a cultural, social, econômica, psicológica, dentre outras. A noção de vulnerabilidade está ligada aos diversos riscos, possibilitando assim, vários debates acerca do tema:

Além disso, fatores como pobreza, idade, gênero, etnia, incapacidade, classe ou status social, casta, são características que podem indicar se determinados grupos da sociedade são mais propensos do que outros ao dano, à perda e ao sofrimento no contexto das diferentes ameaças. (ALMEIDA, 2011, p. 91)

Para pensarmos a vulnerabilidade é necessário compreender que o risco está presente em diversas situações do dia a dia. Fatores sociais, econômicos, demográficos, raciais, de gênero, etc., vão resultar em diferentes índices de vulnerabilidade e a exposição às diversas ameaças e riscos que os grupos sociais podem estar expostos. Portanto, é possível ver que a ideia de vulnerabilidade social não é algo novo e vem sendo utilizado por vários pesquisadores e técnicos.

O tema da vulnerabilidade social não é novo, uma vez que essa terminologia vem sendo usualmente aplicada por cientistas sociais de diferentes disciplinas há bastante tempo. O tema caracteriza-se por um complexo campo conceitual, constituído por diferentes concepções e dimensões que podem voltar-se para o enfoque econômico, ambiental, de saúde, de direitos, entre tantos outros. Ainda que essa temática venha sendo trabalhada ao longo de anos, cabe salientar que ela consiste em um conceito em construção, tendo em vista sua magnitude e complexidade. (MONTEIRO, 2012, P. 31)

Além dos diferentes cientistas sociais que utilizam a concepção de vulnerabilidade em seus trabalhos, o termo também passou a ser usado frequentemente por entidades governamentais e instituições internacionais para explicar as condições de vida de grupos sociais e direcionar políticas para superá-las. Este debate ocorre em muitos países que encontraram, no estudo da vulnerabilidade, uma forma de ver seus problemas e sua pobreza de maneira mais profunda, considerando não apenas características de rendas, mas de outros fatores que levam as pessoas e/ou grupos a situação de fragilidade.

Katzman (2005) afirma que vulnerabilidade não é o mesmo que pobreza, mas é um dos elementos que contribui para ampliar esta situação. Na maioria dos casos de vulnerabilidade, as necessidades básicas da população não são atendidas, impossibilitando ou dificultando o acesso a elas (moradia, educação, renda, etc.), tornando-as assim mais vulneráveis. Para o autor:

Vulnerabilidad no es exactamente lo mismo que pobreza se bien la incluye. Esta última hace referencia a una situación de carência efectiva y actual mientras que la vulnerabilidad trasciende esta condición proyectando a futuro la posibilidad de padecería a partir de ciertas debilidades que se constatan em el presente. (KATZMAN, 2005, p. 4)

Logo, a pobreza não é o mesmo que vulnerabilidade. A pobreza por si só não pode explica-la socialmente, em especial, se for considerada apenas a renda ou a privação desta, pois outras limitações contribuem para a exposição dos diferentes grupos à condição de vulnerável, como aponta SEADE (2013).

Desse modo, a vulnerabilidade à pobreza não se limita a considerar a privação de renda, mas também a composição familiar, as condições de saúde e o acesso aos serviços médicos, o acesso e a qualidade do sistema educacional, a possibilidade de obter trabalho com qualidade e remuneração adequadas, a existência de garantias legais e políticas, etc. (SEADE, 2013, p. 8).

A carência de infraestrutura básica, o acesso a bens e serviços, condições precárias de trabalho, baixa remuneração e também a composição do arranjo familiar vão indicar e intensificar ou não a exposição ao risco. Tais situações estão ligadas à oferta de recursos que podem se transformar em ativos para as famílias e/ou comunidades que possibilitarão a redução da vulnerabilidade social. As comunidades mais pobres mobilizam ou recebem poucos recursos, e estas muitas vezes não conseguem aproveitá-los de forma a atender suas necessidades e avançar.

Rubén Kaztman (2005), ao escrever sobre vulnerabilidade social nos países da América Latina, indica que a pobreza possui um caráter heterogêneo. Para ele, os indivíduos e famílias vulneráveis à pobreza são aqueles que possuem déficit de ativos, necessários para o aproveitamento de uma “estrutura de oportunidades” controladas por três ordens básicas: o Estado, o mercado e a comunidade.

A ausência dos ativos e das estruturas de oportunidades vão gerar problemas sociais que farão com que determinados grupos vivam na cidade em grande desvantagem frente aos outros. Esta ausência pode ser observada em Fortaleza, onde os bairros mais distantes da área central, além de concentrar as populações com piores condições sociais, apresentam uma série de carências. Mostra que a pobreza é um fator de desvantagem que contribui para elevados índices de vulnerabilidade social. Conforme Deschamps (2009)

A falta de ativos e/ou a indisponibilidade de estruturas, significam “desvantagens sociais”, ou seja, condições sociais que afetam negativamente o desempenho de comunidades, lares e pessoas. Implica em menos acessos (conhecimento e/ou disponibilidade) e menos capacidade de gestão dos recursos e das oportunidades que a sociedade entrega para o desenvolvimento de seus membros. A desvantagem social pode se expressar por meio da desigualdade socioeconômica, fazendo com que a pobreza constitua um fator de desvantagem, justamente pelas limitações que ela impõe aos indivíduos, considerando também, que a pobreza pode ser resultado de tais desvantagens. (DESCHAMPS, 2009, p. 11)

Em suma, a estrutura de oportunidades varia de acordo com as condições políticas, sociais e econômicas dos grupos, possuindo diferentes dimensões no tempo e no espaço. Sobre os ativos e as estruturas de oportunidades em Fortaleza, Rosa e Costa (2009) afirmam que

Fortaleza destaca-se como concentradora da maior parte dos investimentos da região e de uma população privilegiada. Ao mesmo tempo, a capital atrai

grande número de pessoas com baixos activos em busca das estruturas de oportunidade. Em alguns municípios mais rurais estes contrastes são menos visíveis. Dessa maneira, percebemos que a RMF abriga, em alguns bairros, expressivos segmentos populacionais expostos a diferentes condições de vulnerabilidade social (ROSA & COSTA, 2009, p. 166).

Os estudos sobre vulnerabilidade social propõem a compreensão das desigualdades socioespaciais em diferentes escalas, da metropolitana à familiar. Esta pesquisa, tendo a capital como recorte espacial, calcula o índice de vulnerabilidade social (IVS) na escala dos setores censitários, o que possibilita maior nível de detalhamento, sua espacialização e observação da enorme desigualdade socioeconômica em Fortaleza. Assim nas grandes cidades, tanto no contexto nacional e internacional, a vulnerabilidade é vista como um risco social e

[...] caracteriza-se pela concentração da precariedade (ou falta) de serviços coletivos e de investimentos públicos em infraestruturas (os ativos e as estruturas de oportunidades), que desse modo provocam a desproteção social das comunidades mais carentes. A vulnerabilidade pode ou não estar associada a riscos ambientais, como, por exemplo, moradias localizadas em áreas de alta declividade (perigo de deslizamentos e soterramentos de pessoas e habitações) ou sujeitas a enchentes. (PENNA & FERREIRA, 2014, p. 26)

O termo vulnerabilidade, no dicionário da língua portuguesa, é definido em seu sentido literal, como o lado fraco de um assunto ou questão em que alguém pode ser atacado, ferido ou lesionado, física ou moralmente. Nesse contexto, vulnerabilidade se remete a risco ou fragilidade. Cunha *et al.* relata que

Um dos consensos sobre o conceito de vulnerabilidade social é que este apresenta um carácter multifacetado, abrangendo várias dimensões, a partir das quais é possível identificar situações de vulnerabilidade dos indivíduos, famílias ou comunidades. Tais dimensões dizem respeito a elementos ligados tanto às características próprias dos indivíduos ou famílias, como seus bens e características sociodemográficas, quanto àquelas relativas ao meio social em que estes estão inseridos. O que se percebe é que, para os estudiosos que lidam com o tema, existe um carácter essencial da vulnerabilidade, ou seja, referir-se a um atributo relativo à capacidade de resposta diante de situações de risco ou constrangimentos. (CUNHA *et al.* 2004 p. 4)

Para Costa (2009, p. 145) “A vulnerabilidade é uma noção multidimensional, na medida em que afeta indivíduos, grupos e comunidade em planos distintos de seu bem-estar, de diferentes formas e intensidade”. Zanella *et al.* (2009), acrescenta que

As condições sociais, culturais, étnicas, políticas, econômicas, educacionais e de saúde vão tornar as pessoas e os grupos, mais ou menos vulneráveis, ou

seja, com capacidade de superar ou minimizar as dificuldades e riscos, e de aproveitar as oportunidades para melhorar sua situação de bem-estar. (ZANELLA, *et al.*, 2009, P. 192).

Essa noção multidimensional reforça também a relação entre a vulnerabilidade e as questões demográficas existentes na sociedade. Deschamps (2009) afirma que a estrutura familiar, o ciclo de vida e os aspectos demográficos tradicionais possuem relação direta com a temática. Para a autora, o aumento da proporção de mulheres chefes de família, aquelas formadas por jovens (chefes de família adolescentes) e também aquelas que possuem muitos membros (família extensa) vão indicar maiores dificuldades na mobilização de ativos, menor capacidade de superar as adversidades, sobretudo se estes fatores estiverem associados aos baixos níveis educacionais e baixos rendimentos.

Com base em definições de vulnerabilidade, várias pesquisas foram iniciadas com o objetivo de refletir sobre as suas especificidades. Os ativos e as estruturas de oportunidades contribuem para a diminuição da vulnerabilidade de diferentes grupos sociais, sendo necessário definir estes termos.

Alguns índices de vulnerabilidade social foram criados e cada um deles buscou enfatizar variáveis para avaliar a intensidade deste problema em distintas realidades sociais, econômicas e ambientais. Estes índices quantitativos apontam para atuação de elementos de cunho qualitativo que permitem compreender como os diferentes grupos sociais se mobilizam para sair da condição de vulneráveis.

O enfoque “Ativos, Vulnerabilidade e Estruturas de Oportunidades” - AVEO foi criado em 1997, no escritório da *Comisión Económica para América Latina y el Caribe* (CEPAL) de Montevideu, com o objetivo de analisar as estruturas sociais das cidades da região relacionadas aos programas voltados para a redução da pobreza e a inclusão social. Esta perspectiva discute a vulnerabilidade a partir dos conceitos de ativos e estruturas de oportunidades, buscando compreender como estes estão presentes no dia a dia das famílias, pessoas, comunidades, grupos, etc. Para Kaztman e Filgueira (1999), as nações mais excluídas de ativos tornar-se-ão mais vulneráveis e mais incapazes de aproveitar as estruturas de oportunidades que lhes são oferecidas. Ativos, vulnerabilidade e estrutura de oportunidade, os três componentes do enfoque AVEO

estão relacionados e são fundamentais para avaliar as condições de vulnerabilidade. Dois marcos são fundamentais para se compreender a vulnerabilidade a partir do enfoque AVEO

El marco conceptual que guía este trabajo también incorpora esa premisa, pero contempla algunas adicionales. Dos son las más importantes. La primera afirma que los recursos que controlan los hogares no se pueden valorar con independencia de la estructura de oportunidades a la que tienen acceso. En rigor, se afirma que los recursos se convierten en activos en la medida que permiten el aprovechamiento de las oportunidades que ofrece el medio a través del mercado, el Estado o la sociedad. La segunda afirma que las estructuras de oportunidades no son una constante sino una variable. Esto quiere decir que las unidades nacionales no son iguales en materia de oportunidades como tampoco lo son los diferentes momentos históricos de la trayectoria de un país. (KAZTMAN, R. FILGUEIRA, C., 1999, p.8)

Portanto, os ativos são antes do seu aproveitamento apenas recursos. À medida que os recursos disponibilizados são aproveitados, tornam-se ativos. Salientamos que os ativos estão diretamente ligados ao aproveitamento das estruturas de oportunidades, que são oferecidas pelo mercado, Estado e a sociedade. Os autores enfatizam que as estruturas de oportunidades são variáveis e não uma constante, pois podem ser diferentes dependendo das características de cada país. As estruturas de oportunidades são definidas como

Al conjunto de esas fuentes de activos lo llamamos estructura de oportunidades. Cuando los recursos de los hogares son insuficientes para aprovechar las oportunidades de acceso al bienestar hablamos de vulnerabilidad a la pobreza y/o a la exclusión social. (KAZTMAN, & FILGUEIRAS, 2006, p.43).

As estruturas de oportunidades como geradoras de ativos são apresentadas por Kaztman e Filgueiras como

Las estructuras de oportunidades se definen como probabilidades de acceso a bienes, a servicios o al desempeño de actividades. Estas oportunidades inciden sobre el bienestar de los hogares, ya sea porque permiten o facilitan a los miembros del hogar el uso de sus propios recursos o porque les proveen recursos nuevos. (KAZTMAN & FILGUEIRAS, 1999, p.9)

Com isso, as estruturas de oportunidades podem contribuir para a geração de novos ativos, ou para o aprimoramento dos já existentes ou ainda renovando alguns já esgotados. Eles podem surgir de maneira mais significativa a partir do funcionamento do mercado, do Estado ou da comunidade, facilitando assim a acumulação dos mesmos.

Concordando com a CEPAL, as estruturas de oportunidades só importam se permitirem devolver a confiança em suas próprias capacidades e com isto ter um mínimo de esperança de progresso. Para os autores

Las estructuras de oportunidades se definen en términos de probabilidades de acceso a bienes, servicios o a actividades que inciden sobre el bienestar de los hogares, ya sea porque facilitan a los hogares el uso de sus propios recursos o porque les suministran otros que resultan útiles para su integración a la sociedad a través de los canales existentes. La clave para distinguir la fuente de los activos de los activos mismos es la noción de control o comando. Las fuentes más importantes no pueden ser transformadas o afectadas por la acción individual de las personas. Por el contrario, esas fuentes constituyen estructuras de oportunidades para el acceso a los activos. Los individuos pueden utilizar o no esas oportunidades dadas sus preferencias y capacidades, pero no las pueden modificar individualmente (aunque sí pueden organizarse para modificarlas, como cuando los vecinos demandan colectivamente la instalación de escuelas e policlínicas en un barrio). (KAZTMAN & FILGUEIRAS, 2006, p. 44)

Em sendo assim, o aproveitamento das estruturas de oportunidades geradas pelo Estado, comunidade ou mercado vai permitir o surgimento de ativos. O que antes era apenas um recurso, ao possibilitar a sua utilização pela família e/ou comunidade passa a ser compreendido como ativo. Ou seja, quando um determinado recurso passa a cumprir sua função, torna-se um ativo. Para Kaztman e Filgueiras (1999), ativo

(...) se refiere al subconjunto de esos recursos que componen aquellos cuya movilización permite el aprovechamiento de las estructuras de oportunidades existentes en un momento, ya sea para elevar el nivel de bienestar o para mantenerlo ante situaciones que lo amenazan. (KAZTMAN, e FILGUEIRAS, 1999, p.19).

Destarte, os ativos e as estruturas de oportunidade estão interligados e são fatores importantes para compreender como as pessoas, famílias, comunidades, etc., reagem às situações adversas e como elas “contornam” e superam as dificuldades diárias. Logo, compreender a vulnerabilidade nos proporciona pensar a sociedade, de forma que possibilite relações mais justas e menos desiguais. Com isso, cada “ator” tem capacidade diferenciada de aproveitar as oportunidades que lhe são geradas. O Estado, o mercado e a sociedade podem oferecer alternativas, mas os mais vulneráveis, nem sempre estarão aptos a aproveitá-las. Ilustremos com um exemplo: uma família X, com uma renda suficiente apenas para cobrir as despesas com alimentação e outras necessidades básicas. Nesta família apenas um cônjuge trabalha, pois o outro deve cuidar das crianças que ainda estão na faixa etária dos até três anos. Reproduzem-se em uma comunidade, várias famílias nesta situação. Se essa comunidade receber uma

creche do poder municipal (Estado), a mãe poderá trabalhar. Nesse contexto, a creche se caracterizou como estrutura de oportunidade, gerada pelo Estado, permitindo que as famílias deixem suas crianças na creche e o outro cônjuge se insira no mercado de trabalho, aumentando então a renda familiar.

O setor privado também oferece recursos. Uma empresa de confecções ao se instalar nesta comunidade irá gerar empregos femininos (recurso). Estes empregos poderão se tornar ativos, pois as mães teriam uma creche para deixar seus filhos. Tais empregos que eram apenas recursos tornam-se ativos, pois incrementam a renda da família, podendo reduzir a situação de vulnerabilidade social.

Esse é um exemplo simples de como funciona a relação dos ativos e as estruturas de oportunidades. Essa família pode, agora, viver em melhores condições e em alguns casos até diminuir sua condição de vulnerabilidade. Muitos recursos não são ativados devido à ausência de estruturas de oportunidades e tal ausência impossibilita mudar o quadro de fragilidade em determinados bairros, comunidades, famílias, etc.

A discussão do enfoque AVEO presente em diversos estudos, permite adentrar à lógica da vulnerabilidade social, não apenas através de um índice, mas compreendendo as dificuldades que determinados grupos sociais têm de se aproveitar, de maneira significativa, do que lhes é ofertado. Este serve também para verificar a força que a sociedade civil tem para mobilizar e aproveitar recursos sendo que a comunidade, juntamente com o Estado e o mercado, se coloca como entes geradores de estruturas de oportunidades.

Assim, com base nos esclarecimentos sobre a vulnerabilidade social e o enfoque AVEO, parte-se para a análise dos dados e discussão do índice de vulnerabilidade social encontrado em Fortaleza nos anos de 2000 e 2010.



### **O ÍNDICE DE VULNERABILIDADE SOCIAL – IVS: METODOLOGIA E AS VARIÁVEIS QUE O COMPÕE**

Fortaleza apresenta-se como uma cidade com propriedades bem heterogêneas visíveis em sua paisagem, que reflete as características sociais e econômicas dos diferentes grupos e indivíduos que nela habitam. Diante das desigualdades existentes na capital, os estudos sobre vulnerabilidade são importantes para perceber as diferenças sociais, espaciais e econômicas e contribuir para repensar as políticas públicas visando melhorar a qualidade de vida da população.

A vulnerabilidade social se faz presente em diversas cidades da América Latina, sobretudo nos espaços metropolitanos que são marcados pela desigualdade social e segregação socioespacial, dentre outros problemas urbanos. Diante da heterogeneidade e dos contrastes no espaço urbano é impossível pensá-lo de maneira uniforme, pois implicaria em uma simplificação da análise sobre a cidade.

Para discussão da vulnerabilidade social na capital cearense, foi utilizado o Índice de Vulnerabilidade Social (IVS) formado a partir de variáveis do censo demográfico do IBGE, dos anos 2000 e 2010, disponibilizadas por setores censitários. A análise entre os dois períodos a partir do IVS, permitirá compreender as transformações ocorridas na cidade ao longo de uma década.

O capítulo seguinte divide-se em duas partes: na primeira será apresentada a metodologia acerca do IVS, as variáveis selecionadas e as mudanças na montagem do banco de dados entre 2000 e 2010. Na segunda, serão apresentados e discutidos os resultados coletados acerca dos três indicadores que formam o índice nos anos de 2000 e 2010 através de mapas, gráficos e tabelas que oferecem subsídios para análises mais aprofundadas acerca do IVS.

### 3.1. A CONSTRUÇÃO DO ÍNDICE: METODOLOGIA E DESAFIOS

O Índice de Vulnerabilidade Social - IVS elaborado pelo núcleo Fortaleza do Observatório das Metrópoles, no ano de 2009, teve o propósito de analisar a vulnerabilidade social na RMF, a partir de dados do Censo Demográfico de 2000, relacionados à renda, educação e qualidade da habitação, disponibilizados na plataforma do IBGE. O IVS propõe indicar as áreas de maior e menor vulnerabilidade social, indicando também os fatores que contribuem para explicar índices tão extremos no contexto urbano da capital do Ceará.

Sabe-se que um índice sempre está sujeito a questionamentos, entretanto, para determinados estudos são necessários à elaboração deste tipo de ferramenta. O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), bastante utilizado desde 1990 pela Organização das Nações Unidas - ONU, ainda é debatido por não “abarcar” todas as características necessárias para discutir o desenvolvimento humano nos diferentes países do globo. Contudo, continua sendo utilizado, pois mesmo com os questionamentos e as fragilidades, ele permite uma interpretação acerca do desenvolvimento humano no mundo. O IDH ganhou popularidade e hoje vários índices sintéticos passaram a ser utilizados no Brasil e no mundo visando compreender diferentes aspectos que infelizmente não podem ser apreendidos só com o olhar do pesquisador. Como relata Guimarães & Januzzi

Premidos, por um lado, pela necessidade de atender as demandas de informação para formulação de políticas e tomada de decisões nas esferas públicas e inspirados por outro, pelo sucesso “mercadológico” do IDH no Brasil e Mundo, diversas instituições de pesquisa e grupo de pesquisadores empreenderam esforços para desenvolvimento de medidas-resumo da situação social - os Indicadores Sintéticos ou Índices sociais. (GUIMARÃES & JANUZZI, 2004, p. 9)

Para se mensurar a vulnerabilidade social faz-se necessário a criação de índices, mesmo que apresentem fragilidades. Estes permitem adentrar nas particularidades socioeconômicas dos municípios, bairros e até de comunidades existentes na cidade, ajudando no entendimento de sua espacialização e oferecendo subsídios para a implantação de políticas públicas que reduzam a vulnerabilidade.

Nesta pesquisa, usou-se o IVS elaborado pelo núcleo Fortaleza do Observatório das Metrópoles, para a RMF (ROSA e COSTA, 2009), já que foi testado e

utilizado em pesquisas anteriores que relacionaram a vulnerabilidade social com violência, educação, saúde, habitação e problemas ambientais em Fortaleza e na RMF.

Este índice foi criado com base no Índice Paulista de Vulnerabilidade Social - IPVS<sup>9</sup>, e na tese de doutorado de Marley Deschamps (2004) sobre a vulnerabilidade socioambiental em Curitiba. Para a sua construção foram selecionadas algumas variáveis a partir do banco de dados do IBGE, relacionadas à educação, renda e qualidade da habitação, que posteriormente foram testadas e, a partir disso, escolhidas àquelas que se mostraram com maior influência para compor o índice de vulnerabilidade social. O quadro 01 mostra as variáveis utilizadas para o cálculo do IVS 2000.

**Quadro 01: Variáveis selecionadas para a construção do IVS 2000**

<b>Variáveis para a construção do Índice de Vulnerabilidade Social</b>		
<b>Educação</b>	<b>Renda</b>	<b>Qualidade da habitação</b>
Mulheres responsáveis analfabetas	Mulheres responsáveis sem rendimento ou com rendimento mensal de até 2 SM	Domicílios particulares permanentes que não possuem abastecimento de água da rede e de poço ou nascente na propriedade e canalização em pelo menos um cômodo
Mulheres responsáveis sem instrução ou com até 3 anos de estudo		Domicílios particulares permanentes que não possuem banheiro ou sanitário ligado à rede geral de esgoto ou com fossa séptica
Homens não-alfabetizados responsáveis por domicílios particulares permanentes	Homens responsáveis por domicílios particulares permanentes sem rendimento e com rendimento nominal mensal de até 2 SM	Domicílios particulares permanentes que não possuem lixo coletado por serviço de limpeza ou caçamba e sem outro destino do lixo
Homens responsáveis por domicílios particulares permanentes sem instrução ou com até 3 anos de estudo		

Fonte: Banco de dados de vulnerabilidade socioambiental da RMF. Elaboração ROSA & COSTA, 2009.

<sup>9</sup> O IPVS foi elaborado para o estado de São Paulo, após a divulgação do censo demográfico do ano 2000. A pesquisa foi demandada pela Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo e executada pela Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados - SEAD e o Centro de Estudos das Metrópoles - CEM, em 2003, teve como justificativa a necessidade do poder público de ter dados precisos para implantar políticas públicas voltadas às comunidades mais vulneráveis.

Estas variáveis apresentam-se disponíveis no documento do Censo Demográfico 2000 e nas planilhas que o IBGE disponibiliza em seu site. Para melhor compreensão dos termos utilizados no censo, são importantes as definições utilizadas e detalhadas no quadro 02:

**Quadro 02: Definição dos termos utilizados no censo demográfico 2000**

<b>Definição dos termos utilizados no censo demográfico 2000</b>	
Domicílio particular permanente	Domicílio construído para servir, exclusivamente, à habitação e, na data da pesquisa, tinha como finalidade a moradia de uma ou mais pessoas.
Pessoa responsável por domicílio	Homem ou mulher, considerado pelo IBGE com 10 anos ou mais de idade, reconhecida pelos moradores como responsável pela unidade domiciliar.
Pessoa Alfabetizada	Aquela capaz de ler e escrever um bilhete simples no idioma conhecido.
Pessoa analfabeta	Aquela que aprendeu a ler e escrever, mas esqueceu por ter passado por um processo de alfabetização que não foi consolidado e também aquela que apenas assinava o próprio nome.
SM	Salário mínimo
Sem rendimentos	Empregados e trabalhadores domésticos que recebem apenas alimentação, roupas, medicamentos e outros benefícios em troca do seu trabalho.

Fonte: IBGE, 2000.

O índice tem como base dados sociais, econômicos e demográficos levantados pelo Censo Demográfico do IBGE. Estas informações são apresentadas na escala dos setores censitários<sup>10</sup> permitindo maior nível de detalhamento da realidade local, e assim se perceber as diferenças socioespaciais na cidade, apontando as contradições existentes não somente entre os bairros, mas também neles.

Para a coleta desses dados utilizou-se como fonte o documento do Censo Demográfico do IBGE (2000), agregado por Setores Censitários dos Resultados do

<sup>10</sup> O setor censitário, segundo a definição do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, “é a menor unidade territorial, formada por área contínua, integralmente contida em área urbana ou rural, com dimensão adequada à operação de pesquisas e cujo conjunto esgota a totalidade do Território Nacional, o que permite assegurar a plena cobertura do país”. (IBGE, 2010, p. 4) “É a unidade territorial de controle cadastral da coleta, constituída por áreas contíguas, respeitando-se os limites da divisão político-administrativa, do quadro urbano e rural legal e de outras estruturas territoriais de interesse, além dos parâmetros de dimensão mais adequados à operação de coleta.” (IBGE, 2010, p. 9).

Universo, (2ª edição), disponível na página da instituição. Os indicadores (educação, renda e qualidade da habitação) utilizados na construção do índice foram tratados estatisticamente, como afirma Rosa e Costa (2009)

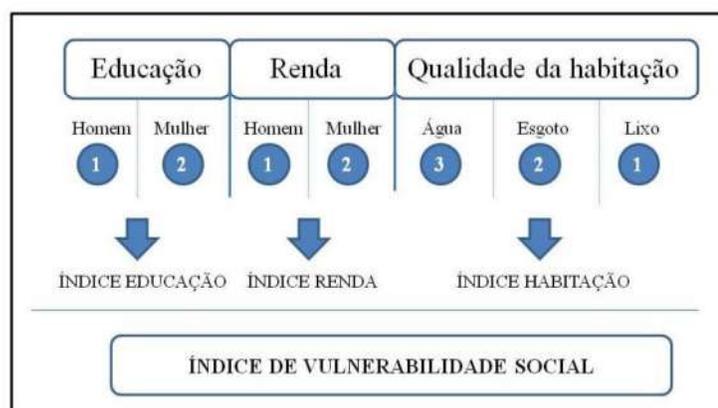
Esses indicadores foram tratados estatisticamente para a elaboração do índice. Depois de calculado o percentual de cada indicador foi aplicado, para cada um, uma equação que a transforma em um índice variando de 0 a 1 e que expressa a razão entre o valor observado para o setor e a amplitude total do indicador analisado. (ROSA E COSTA, 2009, p. 180).

O IVS varia entre 0 e 1 (quanto mais próximo de zero têm-se os piores resultados e quanto mais próximos de um estão os melhores), e para obter esta variação ele é calculado a partir da seguinte fórmula:

$$= \frac{\text{Valor observado no setor da variável (em\%) - pior valor da variável no universo de análise (em\%)}}{\text{Melhor valor da variável do universo de análise (em\%) - pior valor da variável no universo de análise (em\%)}}$$

Essa fórmula foi aplicada às variáveis selecionadas relativas à renda, educação e qualidade da habitação, gerando para cada uma delas um índice específico que posteriormente se juntou aos outros no qual se aplicou a média ponderada<sup>11</sup> até chegar ao índice final - o IVS. Os valores encontrados para cada variável foram submetidos ao cálculo da média ponderada, tendo cada uma destas variáveis seu grau de importância, como exibe a figura 01.

**Figura 01: Ilustração da média ponderada utilizada para calcular o IVS**



Fonte: Banco de dados de vulnerabilidade socioambiental da RMF. ROSA & COSTA, 2009. Elaboração: ARAÚJO, R.V. de. 2015

<sup>11</sup> Média ponderada consiste na atribuição de valores diferentes de acordo com a importância de cada item. Nela o valor é multiplicado a sua importância e em seguida dividido pelo número de importâncias.

O cálculo da média ponderada das variáveis que compõe os indicadores vai considerar a renda (rendimento do chefe de família por gênero e por médias salariais) e a educação (escolaridade do chefe de família por gênero), recebendo o peso dois, os valores relacionados às mulheres chefes de família. Considera-se que, quando o responsável pelo domicílio é do sexo feminino, a família tem mais chances de estar exposta aos altos índices de vulnerabilidade, principalmente se também estiver em situação de baixos rendimentos e baixo índice de alfabetização. A mulher, chefe de família, especificamente as que não têm cônjuge, muitas vezes, ao sair para trabalhar, deixa os filhos mais tempo sozinhos, ante as mais adversas circunstâncias, como a violência, além de, em muitos casos, ter maior dificuldade de acompanhar os estudos das crianças. Deschamps discorre sobre a estrutura das famílias

No plano de formação das famílias, são assinalados dois fenômenos que tendem a acentuar a vulnerabilidade demográfica: o incremento da uniparentalidade (uma família formada por chefe e cônjuge estaria em melhores condições para atender satisfatoriamente aos aspectos emocionais, financeiros, de tempo, e de trabalho para a manutenção de um lar com dependentes menores); o aumento na proporção de mulheres chefes de família (estas teriam maiores dificuldades para seu desenvolvimento cotidiano). (DESCHAMPS, 2009, p. 12)

Com isso, quando o responsável por domicílio for do sexo feminino, atribui-se no cálculo da média ponderada o valor dois. A autora afirma que as famílias que possuem apenas o chefe, sem cônjuge, vão apresentar maiores dificuldades em atender os filhos, pois estes precisam dedicar mais tempo ao trabalho para suprir as necessidades financeiras domésticas. Além disto, terá maior ausência, afetando os dependentes menores de maneira a comprometer seu estado emocional e sua afetividade. Costa e Marra (ano, p. 149) evidenciam que:

A falta de tempo como um elemento nitidamente incorporado à rotina dessa mulher, que tem como prioridade sair de casa para trabalhar. Há uma dificuldade da mulher, mãe e provedora do sustento da família em preservar uma participação efetiva com seus filhos e com ambiente familiar, sendo o trabalho uma necessidade extrema, um sacrifício necessário para guiar e manter a unidade familiar. (COSTA & MARRA, 2012, p. 149)

Outro fator importante para se atribuir a mulher o peso dois no cálculo da média ponderada está no fato do preconceito sofrido por elas no mercado de trabalho e ainda receberem salários inferiores ao dos homens, mesmo quando elas exercem os

mesmos cargos. Em outros casos elas ocupam cargos inferiores aos dos homens, como demonstra a pesquisa realizada pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos - DIEESE.

No entanto, os baixos rendimentos nos domicílios chefiados por mulheres resultam principalmente da baixa renda do trabalho obtido por estas chefes. Por isso, importa conhecer como a inserção das mulheres no mercado de trabalho viabiliza essas novas responsabilidades no lar. Os dados de mercado de trabalho apontam sempre que a crescente entrada da mulher na força de trabalho é marcada pela desigualdade de inserção, de remuneração e de oportunidades, com conseqüências diretas sobre a qualidade de vida de suas famílias, sejam elas chefes ou não. (DIEESE, 2005, p. 10 e 11)

As mulheres, em particular, diante da possibilidade de engravidar e a necessidade da licença maternidade acabam sendo discriminadas nos postos de trabalho perdendo espaços para os homens, especialmente nos cargos mais altos e de confiança. Tais fatores mostram porque as causas de variáveis relacionadas ao sexo feminino receberem peso maior no cálculo do IVS.

No indicador referente à qualidade da habitação avalia-se o acesso das famílias às infraestruturas e condições sanitárias. As famílias que não possuem abastecimento de água, nem esgoto ou fossa séptica e coleta de lixo em seus domicílios são mais suscetíveis às doenças e apresentam dificuldades em responder as situações adversas, tendo em vista que mudar essa realidade depende muito mais do poder público do que da vontade do indivíduo.

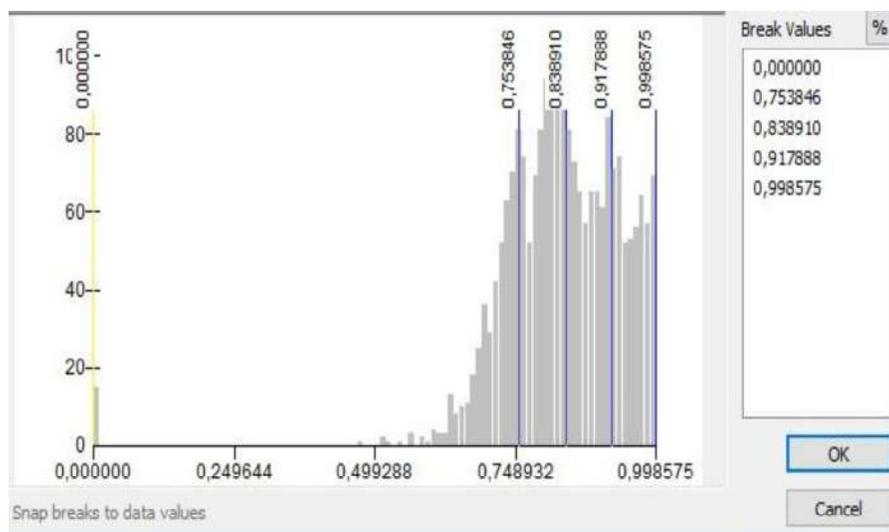
Estas variáveis também receberam pesos diferenciados, considerando-se que a água (peso três) é a variável de maior importância no cálculo (três), pois é essencial à vida humana, desde o consumo para ingestão ao uso nas atividades desempenhadas nas residências como cozinhar, tomar banho, etc. Ao esgoto é atribuído peso dois, pois sua ausência nas residências facilitará problemas de saúde nas famílias e também problemas ambientais, desde poluição dos recursos hídricos - o que é muito comum em Fortaleza - até contaminação das águas subterrâneas. À variável referente à coleta de lixo foi atribuída peso um, por ser considerado para Fortaleza, um benefício praticamente universalizado, apresentando pouca carência na cidade.

Depois de tratar cada indicador, foi possível somar os três, fazer a média, o que resultou no índice de vulnerabilidade social. Os valores encontrados no índice variam de

0,46 a 0,99. Para Fortaleza, os dados de vulnerabilidade social do ano 2000, a partir do IVS apresentam cinco variações que expressam índices de vulnerabilidade social muito alta (0,467 – 0,694), alta (0,694 – 0,774), média (0,774 – 0,852), baixa (0,852 – 0,929) e muito baixa (0,929 – 0,999). Reforçando que, quanto mais próximo de 1 (um) menor será a vulnerabilidade social do setor censitário.

O programa utilizado para a produção do mapa sugere uma quebra com base nos valores que mais se repetem, entretanto, seria impossível considerar esta quebra, pois por ser o primeiro valor encontrado bem distante de zero, retrataria a grande disparidade entre o melhor e o pior resultado. A figura 02 mostra os valores encontrados, a frequência deles para o ano 2000 e a opção de quebra sugerida pelo programa.

**Figura 02: Infográfico do IVS ano 2000**



Fonte: Araújo, 2015

Pela imagem é possível identificar que a quebra sugerida pelo programa iria considerar os piores índices os valores entre 0 e 0,75 o que tornaria o índice muito resumido, dando aos valores contidos no intervalo de 0,8, já bem próximo do ideal, nomenclatura referente à vulnerabilidade baixa e média e não expressariam a realidade da cidade. Porém, no IVS 2000 optou-se por uma quebra que ponderasse todo o universo encontrado na geração do índice, considerando como melhores índices de vulnerabilidade social para a cidade aqueles que estão realmente próximos de um, assim

o IVS 2010 manteve a mesma divisão para que fosse possível a comparação entre os anos em análise.

Com o índice pronto foi construído o mapa de vulnerabilidade social onde se podem demonstrar as áreas onde se encontram as populações mais vulneráveis socialmente em Fortaleza. Outros mapas foram elaborados com base nos índices específicos de renda, educação e habitação de maneira isolada, o que permite observar o peso que cada uma das variáveis exerce, contribuindo para tais resultados, e permitindo delimitar quais as maiores carências presentes na cidade.

Para atingir o objetivo da pesquisa - realizar as comparações entre os anos de 2000 e 2010 acerca da vulnerabilidade social - foi gerado o IVS 2010. Para a coleta das variáveis utilizou-se o documento intitulado: *Base de informações do Censo Demográfico 2010: Resultados do universo por setor censitário*, que forneceu todas as informações necessárias para o cálculo e a construção do mapa. Neste documento, estão as informações na escala dos setores censitários, as definições das variáveis e a apresentação dos procedimentos e das planilhas que contém toda a base de dados.

Os dados estão disponíveis em planilhas específicas separadas por características de renda, domicílios, educação, população total, dentre outros. Foi realizada a coleta dos dados<sup>12</sup> e a tabulação dos mesmos, alicerçado no documento disponibilizado no site. Criou-se a base de dados do IVS 2010 organizando as informações e realizando os cálculos dos vários índices.

No momento do recolhimento de dados foram encontradas algumas modificações acerca da disponibilidade dos mesmos na plataforma do IBGE e também as mudanças nas divisões dos setores censitários. O número foi ampliado, passando de 2.194, em 2000 para 3.043 setores em 2010, justificado pelo crescimento da população fortalezense, o que demandou a criação de novos setores. Este fato não prejudicou a pesquisa, pois continua consentindo a visualização das contradições existentes na cidade, proporcionando maior nível de detalhamento dos diferentes espaços da capital.

---

<sup>12</sup> Os dados do IVS 2010, não se encontram disponíveis na dissertação, pois se trata de mais de 3 mil setores censitários com as informações das variáveis, organizadas em um documento no Excel, que não convém inserir no trabalho escrito e impresso, pois iriam demandar muito espaço. Os dados poderão ser encontrados na plataforma metrowiki.net, na página de Vulnerabilidade social. Juntamente com os dados tabulados é possível encontrar o documento base com as informações dos setores censitários 2010.

Apesar disso, a indisponibilidade dos dados que se tinha em 2000 e deixaram de existir em 2010, não admitiam a comparação fiel nas décadas em questão. A partir daí foram necessárias algumas adaptações com a finalidade de atingir o objetivo geral da pesquisa. Para 2010, a variável referente à quantidade de anos de estudos dos responsáveis por domicílios não foi liberada pelo IBGE. Portanto, nos dados de educação só tinham a variável correspondente aos responsáveis por domicílios (mulheres e homens) analfabetos.

A proposta inicial foi adaptar o índice, utilizando dados de níveis de escolaridade (o fundamental, o médio e o superior). No entanto, esta ação foi inviabilizada pela ausência dos dados na escala de setores censitários, não sendo possível usá-los no cálculo do IVS. Com isso, a alternativa foi recalcular o IVS 2000, ajustando-o de forma que os dois anos tivessem as mesmas variáveis, possibilitando assim uma comparação entre os dois períodos.

Para isso, foram retiradas as variáveis referentes aos homens e mulheres responsáveis por domicílios particulares permanentes com até três anos de estudos, do IVS 2000, refazendo o cálculo e gerando novos valores para o índice, mantendo apenas as variáveis referentes aos chefes de família responsáveis por domicílios analfabetos, tanto para os homens, como para as mulheres, informações que existiam para o ano de 2010.

A retirada das variáveis foi necessária para manter a fidelidade da pesquisa, entretanto, foram colocados na planilha os valores referentes ao IVS 2000, calculados por Rosa e Costa (2009) e a da versão adaptada. Constatou-se que a ausência desta variável gerou pouca diferença na comparação destes dois valores. Foram encontradas variações entre 0,001 a 0,018, o que quase não influencia nos valores do índice. Todavia, manteve-se o IVS 2000 adaptado para melhor viabilidade da pesquisa sendo criado também um novo mapa do IVS 2000 para ser utilizado nas análises. O quadro 03 ilustra as variáveis usadas para calcular o IVS, empregado nesta pesquisa, tanto para o ano 2000 (depois da adaptação) como para o ano de 2010.

**Quadro 03: Variáveis que compõem o IVS 2000 (adaptado) e 2010**

<b>Variáveis que compõem o IVS 2000 (adaptado) e 2010</b>		
<b>Educação</b>	<b>Renda</b>	<b>Qualidade da habitação</b>
Mulheres responsáveis analfabetas	Mulheres responsáveis sem rendimento ou com rendimento mensal de até 2 SM	Domicílios particulares permanentes que não possuem abastecimento de água da rede e de poço ou nascente na propriedade e canalização em pelo menos um cômodo
Homens não-alfabetizados responsáveis por domicílios particulares permanentes	Homens responsáveis por domicílios particulares permanentes sem rendimento e com rendimento nominal mensal de até 2 SM	Domicílios particulares permanentes que não possuem banheiro ou sanitário ligado à rede geral de esgoto ou com fossa séptica  Domicílios particulares permanentes que não possuem lixo coletado por serviço de limpeza ou caçamba e sem outro destino do lixo

Fonte: Banco de dados de vulnerabilidade social de Fortaleza, 2000 (adaptado) e 2010.  
Elaboração: ARAÚJO, 2015.

Dentre os setores censitários de 2010 verificou-se a ausência de 22 que estavam presentes na base cartográfica, mas que não continham informações nas planilhas disponibilizadas pelo IBGE. Isto ocorre porque tais setores são porções da cidade que fazem referências aos órgãos públicos, áreas de proteção ambiental e também instituições privadas onde não havia pessoas habitando e, por isso, não necessitaram constar no levantamento.

O IVS 2010 por setor censitário foi calculado, possibilitando a construção de mapas e permitindo diversas análises, destacando cada um dos indicadores ou relacionando estas informações com os elementos naturais (recursos hídricos, dunas, praias), a malha viária, a expansão urbana e as áreas de aglomerados subnormais da cidade.

Criou-se um banco de dados referentes ao IVS 2000 e 2010, possibilitando uma comparação tanto do índice final (IVS), como dos três indicadores (renda, educação e qualidade da habitação) e as variáveis que o compõem, destacando-se as que apresentam maiores e menores índices e também o que mudou no intervalo de tempo proposto na pesquisa.

A partir das informações da composição do índice e dos resultados obtidos no IVS e suas variáveis foi possível à análise de cada indicador, suas particularidades e alterações entre 2000 e 2010. No próximo tópico serão apresentados os dados de renda, educação e qualidade da habitação para Fortaleza, através de gráficos e tabelas, possibilitando a comparação entre os períodos e identificando os fatores que contribuíram para as transformações ocorridas na cidade.

### **3.2. AS VARIÁVEIS DO IVS: COMPARAÇÕES ENTRE OS ANOS 2000 E 2010**

Como já destacado, a vulnerabilidade social é parte do cotidiano das grandes cidades na América Latina, fundamentalmente nos espaços metropolitanos, que são marcados pela desigualdade social, segregação socioespacial, dentre outros problemas urbanos. Diante das desigualdades existentes na capital do Ceará, os estudos sobre vulnerabilidade são importantes para compreender suas diferenças sociais, espaciais e econômicas e contribuir para repensar as políticas públicas e visam melhorar a qualidade de vida da população.

Para compreender a vulnerabilidade social no espaço fortalezense, criou-se um banco de dados a partir de informações dos censos demográficos do IBGE de 2000 e 2010, que permite identificar as mudanças ocorridas nesta década. Serão discutidos os resultados acerca dos indicadores que compõem o IVS, no entanto, se faz necessário à compreensão de determinadas características e mudanças observadas na coleta dos dados.

Assim, para iniciar as discussões sobre as mudanças ocorridas no IVS na década de 2000-2010, é importante destacar a taxa de crescimento populacional e o aumento da quantidade de domicílios.

Nos dados dos censos demográficos do IBGE 2000, Fortaleza, em 2000, possuía uma população de 2.114.402 habitantes e um total de 526,069 domicílios particulares permanentes. Em 2010, constatou-se que a população cresceu 15,62%, atingindo um total de 2.444.849 habitantes, enquanto o número de domicílios aumentou 34%, atingindo um total de 710.066. A tabela 03 mostra que a taxa de crescimento de domicílios foi o dobro da taxa de crescimento populacional.

**Tabela 03: Crescimento da população e domicílios anos 2000 e 2010**

	2000	2010	Taxa de crescimento	
			Absoluto	%
Total da população	2.114.402	2.444.849	330.447	15.62
Quantidade de domicílios	526.069	710.066	183.997	34.97

FONTE: IBGE, Censo demográfico 2000 e 2010.

Várias hipóteses podem ser levantadas. A primeira estaria relacionada ao crescimento no número de casamentos e divórcios ocorridos na última década no país, o que segundo o IBGE, foi favorecido pela desburocratização. O crescimento das uniões estáveis, a independência financeira dos jovens e a facilidade de obtenção de crédito para financiamento de imóveis contribuíram para o significativo aumento do número de domicílios na cidade. Este fato pode, em parte, explicar o aumento na taxa de crescimento de domicílios, superior ao da população, considerando-se que casamentos e divórcios geram demanda por mais residências.

Outro elemento para explicação do crescimento no número de domicílios está nas políticas públicas que buscavam enfrentar o déficit habitacional na cidade. O período, em análise na pesquisa (2000/2010), é marcado por investimentos sociais no país, tanto na educação quanto em políticas habitacionais e distribuição de renda.

Um exemplo seria a construção de habitações populares que beneficiaram famílias de baixa renda e não possuíam moradia digna. Nas informações da Prefeitura Municipal de Fortaleza, as habitações edificadas foram distribuídas nos bairros Álvaro Weyne, Alto Alegre, Bom Jardim, Carlito Pamplona, Floresta, Granja Lisboa, Itaperi, Passaré, Pici, São João do Tauape, dentre outros. (PMF, 2012, p. 63). O quadro 04 mostra os principais conjuntos habitacionais entregues na cidade de 2005 a 2011.

**Quadro 04: Principais conjuntos habitacionais entregues (Unidades Habitacionais)**

Conjunto habitacional	UH	Comunidades beneficiadas
Maria Tomásia	1126	Zeza e Vila Cazumba
Rosalina	412	Rosalina
Maravilha	606	Canal do Tauape
Jana Barroso	248	Rato e Reviver
Rosa Luxemburgo	171	Dunas da Goiabeira

Barbara de Alencar I	104	Buraco da Velha
Turmalina	120	MC, MV** Vila Velha
Padre Hélio Campos	264	Vila do Mar
Santo Agostinho	232	MC, MV** Barra do Ceará

Fonte: Fundação de Desenvolvimento Habitacional de Fortaleza - HABITAFOR

\*\*MC, MV - Minha Casa, Minha Vida

Os conjuntos habitacionais implantados na cidade, como afirma a PMF, são dotados de infraestrutura (água, luz, esgoto, coleta de lixo, área de lazer), e abriga uma população que antes não dispunha destes benefícios. Isso interfere nos índices de vulnerabilidade social, contando que a infraestrutura presente funcione como um conjunto de ativos, melhorando a qualidade de vida da população e diminuindo a exposição aos diversos riscos sociais, aos quais àquela população estava exposta ao morar em áreas de perigo e/ou com carência de infraestrutura. Além destas, outras habitações do *Programa Minha Casa, Minha Vida*, foram financiadas pela Caixa Econômica, Banco do Brasil e bancos particulares, sem contar com os aportes diretamente negociados com as imobiliárias e construtoras.

No cálculo do IVS, o indicador referente à educação apresenta menores disparidades ao ser espacializado. A variável utilizada na formação deste índice, responsáveis por domicílios analfabetos, explica a predominância de nível educacional médio a elevado, pois, na capital, o analfabetismo é um mal que está sendo erradicado. No entanto, umas pequenas parcelas dos setores censitários ainda apresentam níveis educacionais classificados como muito baixo e baixo.

O indicador referente à renda apresenta uma distribuição muito desigual em Fortaleza, com bairros com população de rendas elevadas e outros em situação de pobreza. A concentração de população mais abastada se reflete na paisagem urbana através do tipo e qualidade da habitação e da presença de comércio e serviços em alguns bairros.

A qualidade da habitação como o terceiro indicador que compõe o IVS e sua distribuição no espaço urbano, permite vislumbrar as diferentes “cidades” dentro de uma mesma cidade. A Fortaleza, da área central e suas proximidades, estão moldadas para atender a demanda de uma população mais abastada e possui os melhores índices, enquanto a periferia ainda se encontra com baixo ou muito baixo índice de qualidade

habitacional. A análise dos dados permite afirmar que a infraestrutura e os serviços de coleta de lixo e a distribuição de água estão mais bem distribuídos na cidade, não apresentando tantas disparidades entre os bairros; entretanto, o saneamento básico é um dos três componentes que arrasta a variável qualidade da habitação para taxas indesejáveis. Tais índices serão detalhados para uma melhor discussão do IVS e compreensão da vulnerabilidade social na capital cearense.

### 3.2.1. Renda

Para calcularmos o índice sintético de renda utilizamos as seguintes variáveis: responsáveis por domicílios com rendimentos de até dois salários mínimos<sup>13</sup>, e responsáveis por domicílios sem rendimento nominal. Os dados também estão divididos por gênero (masculino e feminino), recebendo peso dois, para o sexo feminino, e peso um para o sexo masculino na realização do cálculo da média ponderada.

Ao analisar os dados sobre dos anos 2000 e 2010 constatou-se algumas transformações importantes acerca do rendimento dos responsáveis por domicílios na capital. (Tabela 04).

**Tabela 04: Total de responsáveis por domicílio por renda (2000-2010)**

Rendimentos do responsável por domicílio	2000		2010	
	Total	%	Total	%
Sem rendimentos	52.843	10,05%	90.036	12,68%
Até ½ SM	7.840	1,49%	36.635	5,15%
Entre ½ e 1 SM	111.982	21,28%	234.104	32,96%
Entre 1 e 2 SM	120.359	22,88%	158.829	22,36%
Acima de 2 SM	233.045	44,30%	190.462	26,85%
Total de domicílios	526.069	100%	710.078	100%

Fonte: Censo demográfico IBGE, 2000 e 2010.

Os dados indicam um aumento no número de responsáveis por domicílios sem rendimentos, passando de 10,05% para 12,68%, como também dos que auferem até meio salário mínimo, de 1,46% para 5,15% e dos que estão entre ½ e um salário

<sup>13</sup> Os valores referentes a este dado não aparecem na planilha do IBGE desta forma como apresentamos, estes aparecem da seguinte forma: responsáveis por domicílios com até ½ (meio) salário mínimo; responsáveis por domicílios com rendimentos entre ½ (meio) e 1 salário mínimo; responsáveis por domicílios com rendimentos entre 1 e 2 salários mínimos. Para o cálculo é feita a soma das três variáveis.

mínimo, que aumentou de 21,28% para 32,96%. Aconteceu uma estabilização nos que ganharam entre um e dois salários, em torno de 22%. Todavia, foi grande a queda dos que recebem acima de dois salários mínimos, de 44,3% para 26,85%. Este fato ocorreu não só em Fortaleza, mas também no Brasil.

O aumento da quantidade de domicílios chefiados por responsáveis sem rendimentos pode estar relacionado às famílias encabeçadas por mulheres sem cônjuges, com níveis educacionais baixos dificultando o acesso ao mercado de trabalho. Outro fator que o IBGE indica refere-se aos filhos que passam a morar perto dos pais, em domicílios diferentes (maioria dos casos vizinhos), mas que dependem do rendimento dos pais ou avós, aparecendo no censo como responsáveis por domicílios sem rendimentos. Os autores indicam esse tipo de convivência:

O que mais chama atenção é o alto percentual de famílias sem rendimento no conjunto de famílias conviventes secundárias (21,8%), o que pode estar associado ao fato de que a maioria delas é composta por mulheres sem cônjuge com filhos, observando-se que a maioria dessas mulheres é constituída por filhas do responsável da família principal do domicílio. (COSTA & MARRA, 2013, p. 144)

Nota-se que a maioria das famílias sem rendimentos é constituída por filhas (sexo feminino) que dependem da renda do responsável da família principal do domicílio. Destacam-se nesse contexto as mulheres de camadas mais populares, estas geralmente se inserem no mercado de trabalho com péssimas condições e salários. Isso contribui para o crescimento dos responsáveis sem rendimentos em Fortaleza e no Brasil, demonstrando que isto é uma característica nacional.

O IBGE revela que as mulheres, embora tenham conseguido avançar no nível educacional, ainda possuem menores salários que os homens, e que três em cada dez brasileiras sequer possuem rendimento próprio. Isto contribui para o crescimento dos domicílios onde o chefe não possui rendimentos. O IBGE aponta que das famílias chefiadas por mulheres 90% não possuem cônjuge, isso se deve ao aumento de mães solteiras e do número de divórcios e separações.

Abramovay *et. al* (2002) afirma que a renda é um fator que está diretamente ligada ao fator educacional. Os baixos índices educacionais vão interferir na renda, tendo em vista que, quanto menor o grau de escolaridade mais difícil será conseguir um emprego com altos rendimentos:

Muitos estudantes abandonam os estudos para trabalhar, comprometendo, por muitas vezes, seu processo de formação e capacitação profissional. Assim, percebe-se uma defasagem do ensino formal frente às novas exigências de habilidades e conhecimentos, e isso tem constituído inequívoca fonte de vulnerabilidade. A vulnerabilidade atinge os trabalhadores em diversas dimensões, ou seja, dado às referidas novas exigências do mercado, e heterogeneidade da produção contribuem para que este grupo enfrente maiores dificuldades, baseadas na falta de instabilidade nos empregos, crescimento da informalidade e escassa abertura de novos postos de trabalho. (ABRAMOVAY, *et. al* 2002, p. 45)

O abandono escolar acontece, sobretudo, entre as populações mais pobres, que em muitos casos, necessitam trabalhar cedo para sustentar a família, aceitando empregos com baixos salários e impossibilitando uma formação escolar completa. Normalmente, estes jovens se enquadram no grupo dos que sobrevivem com menos de um salário mínimo, ou que não possuem rendimentos. Comumente, pessoas com baixo nível educacional, também terão a renda mais baixa e ocuparão cargos menores.

Além das pessoas com baixo ou nenhum rendimento, os dados do IVS indicam o crescimento significativo do número de responsáveis com até dois salários mínimos entre 2000 e 2010 em Fortaleza convergindo com o *índice de Gini* do IBGE que indica para uma diminuição da desigualdade de renda no Brasil entre 2000 e 2010 de 11%, atingindo as cinco regiões brasileiras.

De acordo com matéria do jornal O Povo, o Ceará teve a 10ª maior queda entre os estados do país na desigualdade de renda. “Segundo o Censo 2010, o número de pessoas que ganham de meio a um salário mínimo cresceu aproximadamente 73% no Estado. A quantidade de pessoas que ganham acima de 20 salários mínimos baixou 53%” indicando também que a quantidade de pessoas empregadas entre 2000 e 2010, aumentou no estado do Ceará, contribuindo para mudanças no perfil de renda dos habitantes. (O POVO, 2012)

O crescimento da malha urbana da cidade gera necessidades ao longo de sua expansão demandando serviços públicos (educação, saúde, segurança, administração) e provocando o surgimento de novos empreendimentos comerciais nos muitos bairros da cidade, evitando o deslocamento para realizar atividades cotidianas. Este fato cria maior comodidade à população dos bairros mais distantes das principais centralidades, como também contribui para a geração de emprego e renda a população local.

O surgimento de novos estabelecimentos comerciais contribui para o aumento na oferta de empregos, inserindo pessoas no mercado de trabalho, sobretudo nesse recorte de rendimentos que vai até um salário mínimo, o que pode induzir no aumento do número de responsáveis por domicílios com rendimentos nessa faixa salarial.

O crescimento dos responsáveis por domicílios com rendimentos entre meio e um salário mínimo, assinala para a diminuição das desigualdades de renda na cidade. O Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará – IPECE afirma que, embora ainda haja desigualdade de renda no país, esse decréscimo é significativo, e isso se deve, especialmente, aos programas de transferência de renda do Governo Federal, mas, o rendimento dos trabalhos ainda teve o papel mais importante nessa mudança. (IPECE, 2012)

Esse aumento significativo de responsáveis com rendimentos de meio a um salário mínimo também se deve ao fato do crescimento do número de empregos formais na cidade, entre 2000 e 2010. O IPECE afirma que houve um crescimento de 75% nos empregos formais na cidade, com destaque para a construção civil, motivado pela expansão do mercado imobiliário, seguido pelo setor de serviços e comércio.

Para o IBGE, outras fontes também passaram a custear as famílias entre 2004 e 2013, fruto de uma forma de governo que investiu em programas de transferência de renda. Segundo matéria da Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL/Fortaleza), as famílias mais pobres passaram a contar com o Programa Bolsa Família que tem um impacto positivo no orçamento familiar. O órgão afirma que “estes programas de transferência de renda não substituem o rendimento do trabalho, mas é uma garantia”. (CDL, 2014). As políticas de transferência de renda, como bolsa família, bolsas estudantis (ofertadas aos alunos da educação básica e superior e pós-graduação) complementam também a renda dos domicílios. Entrementes, muitas vezes eles não aparecem nas estatísticas do censo. Alguns moradores sonégam estas informações, por temerem ser cortados dos programas governamentais.

Ao tratar da diminuição das desigualdades sociais, o IPECE (2012) explicita uma mudança nas classes sociais<sup>14</sup>, entre os anos 2000 e 2010, com a diminuição da classe baixa e a ampliação das classes média e alta. (Tabela 05)

**Tabela 05: Classes sociais em Fortaleza (2000 - 2010)**

	2000		2010	
	Total	%	Total	%
Classe Baixa	1.145.873	54,40	873.858	35,68
Classe Média	639.699	30,37	1.083.298	44,23
Classe Alta	320.743	15,22	491.920	20,09

Fonte: IPECE, 2012. Elaboração: ARAÚJO, 2015

Os dados indicam a ampliação da classe média na cidade. Importante destacar o que o IPECE considera classe média. A baixa classe média, a chamada classe C, teria rendimento per capita entre R\$ 261,00 a R\$ 394,00, o que permitia um novo padrão de renda e de consumo. Contudo, o maior desafio é manter essa situação, evitando que tais famílias voltem à condição de pobreza.

Nos dados do IBGE (2000 e 2010) utilizados para o IVS ocorreu uma diminuição na quantidade de responsáveis por domicílios com renda acima de dois salários mínimos. A valorização do salário mínimo entre os anos 2000 e 2010, pode ter contribuído para essa queda. Em janeiro/2000, o salário mínimo brasileiro era R\$136,00, atingindo em dezembro de 2010, R\$510,00, ou seja, um valor quatro vezes maior. No entanto, é necessário relativizar este aumento em função da inflação e do poder de compra do salário mínimo.

Para o DIEESE, Fortaleza, entre 2000 e 2010, possuía o menor valor da cesta básica<sup>15</sup> do Brasil e teve também o menor aumento médio neste período. Levando-se em

<sup>14</sup> Como discutido anteriormente, neste estudo utilizaremos o método de definição das classes empregado pela comissão Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República - SAE/PR que define três grandes classes sociais, já tradicionalmente presentes em outros contextos: a **Classe Baixa**, a **Classe Média** e a **Classe Alta**. De acordo com a divulgação do estudo realizado pela SAE/PR, a divisão entre as classes pode possuir como parâmetros valores de renda domiciliar *per capita* mensal. Os valores foram definidos em uma classificação absoluta, ou seja, são definidos em termos reais e invariantes no tempo com base em março de 2012. A Classe Baixa considera pessoas que vivem em domicílios com renda *per capita* até R\$ 290 por mês. Já a Classe Média é composta por todas as pessoas vivendo em domicílios com renda *per capita* entre R\$ 291 e R\$ 1019 por mês, e a Classe Alta é definida por rendimentos domiciliares *per capita* iguais ou superiores a R\$ 1020. (OLIVEIRA, *et. al.* 2012, p. 53)

<sup>15</sup> Os produtos dessa cesta compreendem: carne, leite, feijão, arroz, farinha, batata, tomate, pão francês, café em pó, banana, açúcar, óleo e manteiga.

consideração o incremento do salário mínimo, da cesta básica e da inflação, o crescimento real do salário mínimo nesse período foi de quase 98%, porém, ao desconsiderar inflação, cesta básica, o aumento seria de mais de 300%. Este fato pode ajudar na explicação da redução do número dos responsáveis pela família, com ganhos superiores a dois salários mínimos. Com a valorização do salário mínimo, não houve aumento na mesma proporção no rendimento dos que recebiam acima de um salário mínimo.

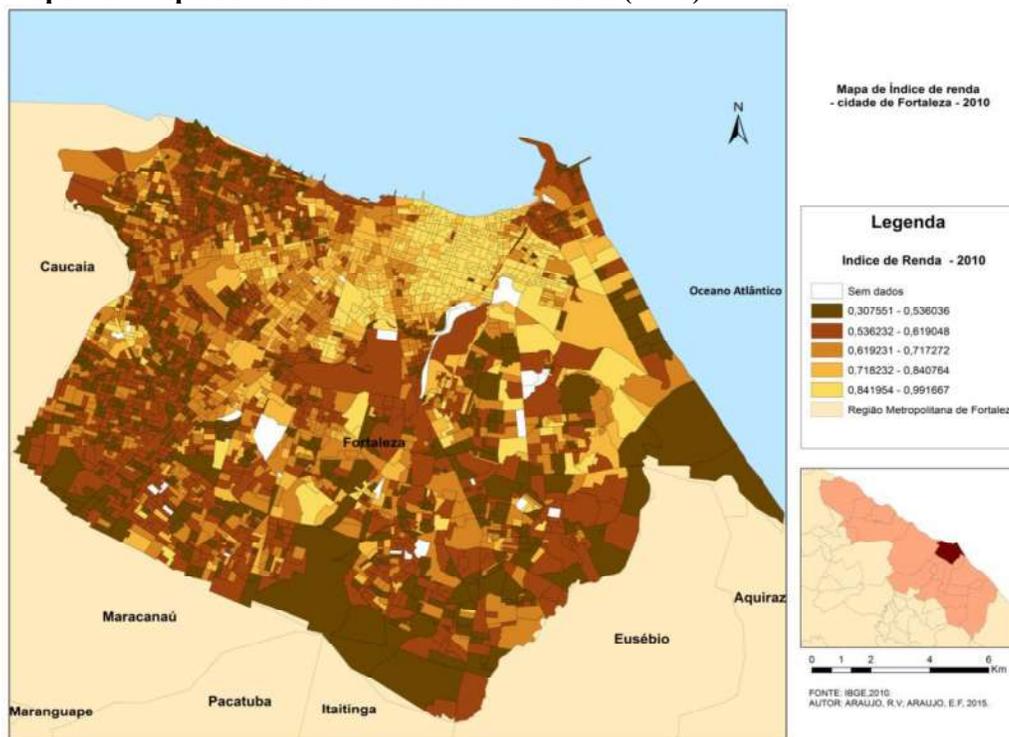
Outro fator que justifica a diminuição da renda superior a dois salários mínimos na cidade é a quantidade de jovens que constituem união estável ou que optam por ter sua independência, expandindo o número de domicílios. Estes novos responsáveis pela família, geralmente apresentam rendas mais baixas e continuam recebendo apoio dos pais.

Embora tenha havido diminuição dos responsáveis por domicílios com maiores salários, houve um aumento daqueles que possuem rendimentos de até dois salários mínimos, apontando para uma distribuição de renda menos desigual, como já mostrou o IBGE e o IPECE. Estes avanços na melhoria da qualidade de vida da população, ainda não são suficientes, mormente no que se refere à renda, pois ainda é visível essa desigualdade econômica que se reflete no espaço urbano.

O mapa do índice de renda de Fortaleza - 2010 (mapa 10) indica que ela ainda aparece centralizada em determinados espaços mostrando poucas áreas onde se concentram as melhores rendas. O restante da capital ainda é tomado por um mosaico de cores, predominando rendimentos mais inferiores.

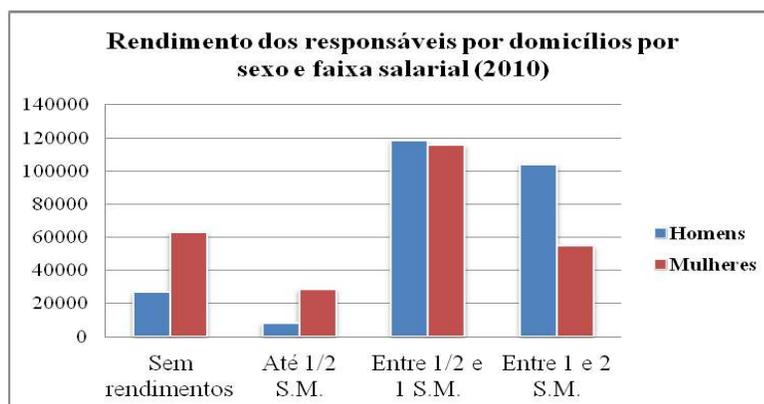
Os índices de renda são divididos nos seguintes intervalos: renda muito baixa (0,30-0,53), renda baixa (0,53-0,61), renda média (0,61-0,71), renda alta (0,71-0,84) e renda muito alta (0,84-0,99). De acordo com os dados, em 2010, a maior parte dos responsáveis por domicílios possuíam uma renda de até dois salários mínimos e somente 26,82% apresentava renda superior a este rendimento.

**Mapa 10: Mapa do índice de renda de Fortaleza (2010)**



Comparando as rendas dos responsáveis de domicílios por gênero, verifica-se que nos domicílios onde os lares são chefiados por mulheres, encontraremos os menores salários. A situação é mais grave quando se observa que 70% dos domicílios sem rendimentos são chefiados por mulheres. Esta situação permanece também nos lares com rendimentos até meio salário mínimo. No entanto, acima de meio salário mínimo, a situação começa a se inverter (gráfico 01).

**Gráfico 01: Rendimento dos responsáveis por domicílios por sexo e faixa salarial em Fortaleza (2010)**



FONTE: Censo demográfico, 2010

Como se observa no gráfico, o gênero feminino ainda possui os piores rendimentos na capital, o que explicita a discriminação da mulher no mercado de trabalho, mesmo quando exercem funções semelhantes as dos homens.

Este fato indica que a vulnerabilidade social, em particular a partir da renda, pode ser mais elevada ao se tratar de famílias aonde o responsável do domicílio é do sexo feminino, tornando estas mais expostas aos riscos sociais e a condições mais precárias de educação, trabalho e habitação. Mulheres chefes de família, com pouca escolaridade, baixos ou nenhum salários, fazem com que as famílias se tornem mais vulneráveis. Os baixos salários não permitem ter uma moradia adequada, boas condições de saúde e alimentação, condições de lazer, etc. Em geral, faz com que essas mulheres trabalhem até mais que o permitido para garantir o sustento da família. Muitas dessas deixam os filhos, boa parte do dia sozinhos e sujeitos à situações de risco.

A distribuição de renda na capital é desigual. Grande parte dos setores censitários existentes na capital possuem níveis de renda de médio a muito baixo, sobretudo nos bairros periféricos mais próximos a outros municípios da RMF. (Ver tabela 06)

**Tabela 06: Distribuição da renda e da população por bairros de Fortaleza<sup>16</sup>**

Bairro	Renda média R\$	Bairros	Renda média
<b>Melhores rendas</b>		<b>Piores rendas</b>	
Meireles	3659,54	Conjunto Palmeiras	239,25
Guararapes	3488,25	Parque Presidente Vargas	287,92
Cocó	3295,32	Canindezinho	325,47
De Lourdes	3211,09	Siqueira	326,80
Aldeota	2901,57	Genibaú	329,98
Mucuripe	2742,25	Granja Portugal	334,83
Dionísio Torres	2707,35	Pirambu	340,36
Varjota	2153,80	Granja Lisboa	341,36
Praia de Iracema	1903,17	Autran Nunes	349,74
Fátima	1756,11	Bom Jardim	349,75

Fonte: IPECE, 2012. Elaboração: ARAÚJO, 2015.

<sup>16</sup> Os dados referem-se à renda média *per capita* dos habitantes

Os dados do IPECE para a renda em 2010 em Fortaleza chamam atenção para elevada disparidade entre os bairros da capital. Aqueles que apresentam segundo à tabela as menores rendas são os que cresceram de maneira desorganizada e foram ocupados por uma população com pouco poder aquisitivo, que estavam impossibilitados de ocupar áreas com melhor acesso à infraestrutura e serviços, notadamente àquelas mais valorizadas da cidade.

Os dados mostram que ainda há elevada confluência de renda na capital, deixando o bairro com menor renda bem distante daquele que possui a maior. O Conjunto Palmeiras tem uma renda quinze vezes menor que a do Meireles. Conforme Silva

Realizando um comparativo entre o bairro mais rico e o bairro mais pobre, a renda média pessoal do bairro Meireles é 15,3 vezes maior que a renda do Conjunto Palmeiras. Já a média das rendas dos 10 mais ricos é 8,6 vezes maior que a média das rendas dos 10 bairros mais pobres. Utilizando uma estatística mais grosseira, calculou-se a soma total das rendas de cada bairro multiplicando-se a renda média pessoal pelo respectivo número de habitantes. Concluiu-se então que 7% da população total de Fortaleza que vive nos 10 bairros mais ricos se apropriam de 26% da renda pessoal total da cidade. Por outro lado, os 44 bairros de menor renda, que juntos somam quase metade da população total de Fortaleza (49%), se apropriam dos mesmos 26% da renda pessoal total. (SILVA, 2012, p. 87)

Como se pode concluir, a maior parte da riqueza, ainda se mantém acumulada nas mãos de poucos, havendo um abismo entre as melhores e as piores rendas. Portanto, muito ainda tem que ser feito para Fortaleza ter uma distribuição mais justa e democrática. A má distribuição de renda pode resultar em outros problemas sociais.

É evidente que essa elevada desigualdade espacial pode ocasionar, entre outros problemas, a potencialização de tensões sociais culminando com o aumento da violência, assim como maiores transtornos em termos de mobilidade urbana, na medida em que é natural nesses casos o movimento de pessoas de bairros muito pobres para bairros de nível de renda mais elevada em busca de emprego, renda e serviços. (IPECE, 2012, p. 03)

No quesito da vulnerabilidade social, a violência pode aparecer como um passivo, que inviabiliza ou dificulta a mobilização de novos recursos pela sociedade. A desigualdade social vai potencializar a violência, sobretudo nas grandes cidades, tornando os habitantes destes espaços mais pobres, cada vez mais susceptíveis aos riscos sociais urbanos, como o aumento do consumo de drogas, a criminalidade, o aumento no número de assaltos e homicídios, etc.

No perfil do IVS, as políticas de transferência de renda, como o programa do Governo Federal, o Bolsa Família, auxiliam no complemento da renda familiar, aparecendo no contexto do enfoque AVEO como um ativo que insere as famílias num novo padrão de renda e consumo. Isto permitiu o acesso de algumas famílias a outros bens e serviços que antes estavam mais distantes de sua realidade, levando à diminuição da pobreza extrema na capital.

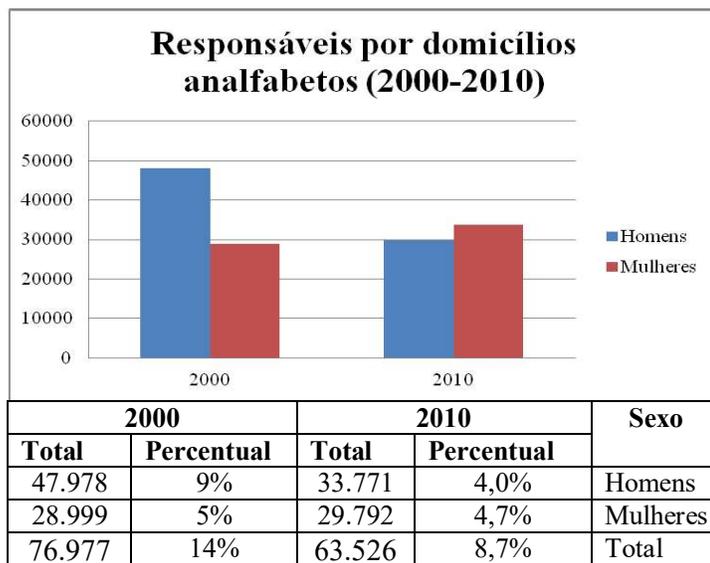
Para o IVS, o indicador relacionado à renda, registra a capital como um problema que deve ser pensado ao longo dos anos, com políticas públicas que contribuam para a redução dessa concentração de renda, proporcionando melhores condições de alimentação, moradia, educação e lazer as famílias e tirando-as da situação de vulnerabilidade.

### ***3.2.2. Educação***

No cálculo do índice de educação constam duas variáveis: mulheres responsáveis por domicílio analfabetas e homens responsáveis por domicílios analfabetos. Pelos motivos já apresentados anteriormente, no cálculo da média ponderada, é atribuído peso 2 (dois) a variável que se refere às mulheres responsáveis por domicílio.

No intervalo de dez anos, os níveis de analfabetismo caíram no Brasil. Em Fortaleza, dos 526.069 domicílios contabilizados pelo censo demográfico, em 2000, 76.977 tinham chefes de família analfabetos, ou seja, 14,63%. Esse número cai para 63.526, em 2010, em um total de 710.066 domicílios, equivalendo a 8,94% e resultando em uma redução em números absolutos de 13.414 chefes de família analfabetos, em dez anos. Destaca-se o fato que houve uma taxa de crescimento de 34,97% no número de domicílios, o que correspondeu em termos absolutos a 183.997 unidades.

Dentre os responsáveis analfabetos, em 2000, o homem predominava, mas em 2010, as mulheres superaram em número, ficando a diferença entre os sexos de 0,7%. Em 2000, os domicílios chefiados por analfabetos somavam 14% do total (9% homens e 5% mulheres) e em 2010 esta taxa foi reduzida para 8,7% (4% homens e 4,7% mulheres), como ilustra o gráfico 02.

**Gráfico 02: Total de responsáveis por domicílios analfabetos (2000-2010)**

FONTE: IBGE, Censo demográfico 2000 e 2010.

Os dados mostram as transformações ocorridas na capital com a diminuição da taxa de analfabetismo dos responsáveis por domicílios. Isso se deve aos investimentos visando melhorias na qualidade e no acesso à educação, sobretudo em função das políticas voltadas para a alfabetização de adultos, que por diferentes motivos não conseguiram concluir os estudos na faixa etária ideal.

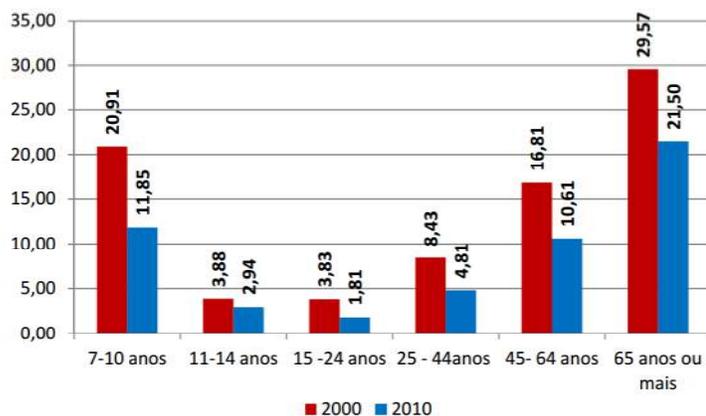
Os investimentos voltados à educação funcionam como estruturas de oportunidades que abrirão portas para o acesso a outros ativos pelas famílias fortalezenses. O aumento no grau de escolaridade incide na melhoria da qualidade de vida da população, possibilitando às pessoas o acesso a empregos melhor remunerados, impactando duplamente em menores índices de vulnerabilidade, pela renda e nível educacional. Como consta na pesquisa do IPECE:

O nível educacional formal dos indivíduos assume um papel importante na sociedade contemporânea ao ser reconhecidamente incorporado ao denominado capital humano. Nesse sentido, grande parte do desenvolvimento socioeconômico de uma sociedade está relacionada ao nível de instrução de seus indivíduos. O acesso das pessoas ao conhecimento promove a criatividade e aumenta a produtividade no mercado de trabalho, exercendo efeitos positivos sobre os salários, potencializando a redução do nível de pobreza da população. (IPECE, 2012, p. 14)

Com isso, é possível afirmar que a melhoria na educação, ao se diminuir as taxas de analfabetismo, possibilita qualidade superior de emprego e, conseqüentemente, melhor renda, favorecendo a inclusão social de diferentes pessoas e grupos sociais.

O IPCE mostra a diminuição das taxas de analfabetismo entre os anos 2000 e 2010, em todas as faixas etárias, conforme o gráfico 03.

**Gráfico 03: Evolução da população analfabeta por grupos etários de Fortaleza**



Fonte dos dados: IBGE - Censos Demográficos 2000/2010 / IPECE. 2012, p. 105

De acordo com os diferentes grupos etários percebe-se significativa diminuição nos índices de analfabetismo na cidade ao longo de dez anos. Contudo, os dados utilizados nesta pesquisa para o cálculo do IVS, na escala de setor censitário foram usados apenas às informações sobre os responsáveis por domicílios<sup>17</sup> analfabetos. As taxas de analfabetismo do IPECE são calculadas para todos os habitantes de Fortaleza. Há uma maior concentração na faixa etária de crianças de 7 a 10 anos, que ainda não se alfabetizaram e nos adultos, acima de 45 anos. Assim, os dados demonstram que os problemas educacionais não são recentes, pois as taxas se concentram principalmente nas pessoas mais velhas que outrora não foram alfabetizadas. Hoje, mesmo com idade avançada, alguns ainda buscam incrementar seu grau de instrução, como é o caso de chefes de família que trabalham durante o dia e frequentam a escola no horário noturno. Porém, as taxas de analfabetismo no Brasil ainda representam hoje um grave problema, conforme revela Rodrigues e Pinho (2012, p.104 e 105).

<sup>17</sup> Pessoa responsável pelo domicílio - para a pessoa (homem ou mulher), de 10 anos ou mais de idade, reconhecida pelos moradores como responsável pela unidade domiciliar.

Argumenta-se que um dos principais problemas das altas taxas de analfabetismo no Brasil seja reflexo do atraso e do fracasso do sistema de ensino do passado e que o estoque atual seja composto por gerações mais velhas, sendo o processo de redução uma questão meramente demográfica. A falha deste argumento é que as gerações antigas não podem ser consideradas as únicas responsáveis pelas altas taxas atuais, pois o processo de universalização da educação básica se inicia, sobretudo, na década de 1990. Portanto, como pode ser verificado (...) para a capital cearense, o estoque de analfabetismo por grupo etário, embora tenha reduzido significativamente na década, ainda persiste entre as novas gerações. Assim sendo, é possível deduzir que o estoque de analfabetos na população é composto tanto pela geração mais velha, como também pela reposição da população mais jovem não alfabetizada. (RODRIGUES & PINHO, 2012, p. 104-105)

Os autores destacam a elevada taxa de analfabetismo na cidade entre crianças na faixa etária entre 7 a 10 anos de idade, uma situação que, se não for modificada, trará prejuízo em longo prazo para a população residente em Fortaleza.

Outro dado que chamou a atenção foi a taxa de analfabetismo escolar na cidade, que embora venha reduzindo significativamente nos anos recentes, ainda continua elevada e, o que é mais preocupante, o estoque de analfabetos é composto não apenas pela população adulta analfabeta, mas também pelas novas gerações não alfabetizadas, representadas, principalmente, por pessoas do sexo feminino. (RODRIGUES & PINHO, 2012, p. 113)

A população analfabeta, composta pela nova geração dá sinal de incertezas futuras na composição demográfica da cidade, pois a permanência desses índices vai contribuir para o agravamento de problemas sociais, como o desemprego, baixa renda, ausência de mão de obra qualificada, dentre outros elementos, que podem aparecer já nos próximos censos demográficos, tendo em vista que essas crianças irão se tornar chefes de família com baixo nível educacional. No entanto, como já foi demonstrado, ocorreu uma redução da taxa de analfabetismo dos chefes de família na última década.

Conforme o IBGE, Fortaleza foi a sétima capital do país que mais reduziu o número de analfabetos. Tais resultados direcionam a pesquisa na busca de explicações para os fatos que favoreceram estas mudanças. A diminuição dessas taxas está relacionada aos programas voltados para alfabetização de jovens e adultos realizados na cidade ao longo da década como o Programa Brasil Alfabetizado - PBA<sup>18</sup>, além de

---

<sup>18</sup> O Programa Brasil Alfabetizado (PBA) é “uma porta de acesso à cidadania, e o despertar do interesse pela elevação da escolaridade. O Brasil Alfabetizado é desenvolvido em todo o território nacional, com o atendimento prioritário a municípios que apresentam alta taxa de analfabetismo, sendo que 90% destes localizam-se na região Nordeste. Tem por objetivo promover a superação do analfabetismo entre jovens com 15 anos ou mais, adultos e idosos e contribuir para a universalização do ensino fundamental no Brasil. Sua concepção reconhece a educação como direito humano e a oferta pública da alfabetização

outros como Programa Nacional de Inclusão de Jovens - PROJOVEM<sup>19</sup> e Educação de Jovens e Adultos - EJA<sup>20</sup> “que objetivam elevar o grau de escolaridade, mirando o desenvolvimento humano e o exercício da cidadania por meio da conclusão do Ensino Fundamental, da qualificação profissional e do desenvolvimento de experiências de participação cidadã”. (PMF, 2014)

Esses programas funcionam, em sua maioria em horário noturno, buscando uma maior frequência do estudante trabalhador e pretendendo a diminuição da evasão escolar. Considera que grande parte do público que os frequentam são compostos por jovens e adultos que durante o dia estão exercendo suas atividades profissionais para manter a renda da família. Os programas voltados para a alfabetização de jovens e adultos em Fortaleza contribuíram, ao longo desta década, para as transformações nos indicadores que tratam da educação. Os dados da PMF afirmam que “entre os anos de 2005 e 2011, nas duas etapas do programa, o PROJOVEM formou mais de 25 mil jovens em Fortaleza” (PMF, 2012, p. 146). Esta ação contribuiu para a diminuição da taxa de analfabetismo na cidade ao longo do período em análise, e com Programas como este está se contribuindo para a redução no quadro da vulnerabilidade das famílias fortalezenses.

Outros programas também têm ampliado os recursos e transformados em ativos para a população, pois tem auxiliado no aumento do grau de instrução da população de maneira geral. Dentre os que estão voltados para a melhoria da educação na cidade - alguns na esfera estadual, outros na municipal e alguns na federal - estão o Programa de Inclusão Digital de Fortaleza (PROINFOR) que proporciona cursos de informática aos

---

como porta de entrada para a educação e a escolarização das pessoas ao longo de toda a vida”. (Portal do Ministério da Educação – MEC, Governo Federal).

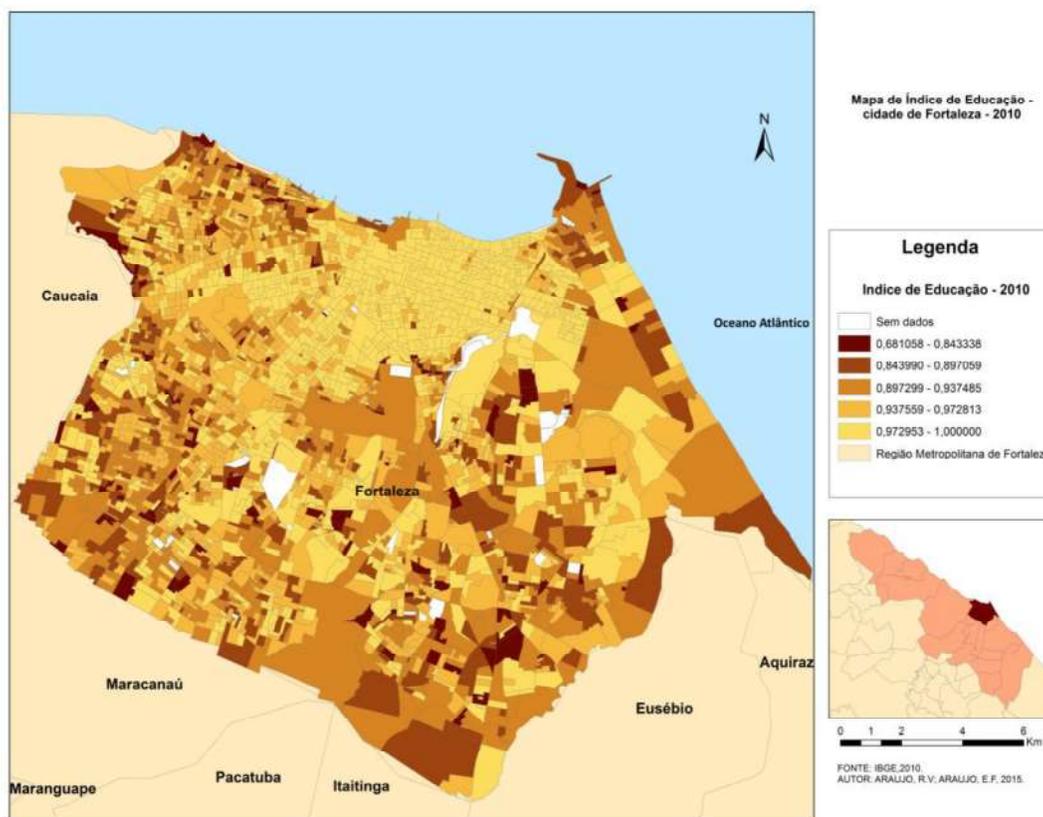
<sup>19</sup> O ProJovem é dividido em quatro modalidades: ProJovem adolescente, Urbano, Campo e o Trabalhador. O Projovem Urbano é executado em Fortaleza com o objetivo de elevar o grau de escolaridade, visando o desenvolvimento humano e o exercício da cidadania por meio da conclusão do Ensino Fundamental, da qualificação profissional e do desenvolvimento de experiências de participação cidadã. Os alunos que estão matriculados e participam das atividades do programa recebem uma bolsa mensal no valor de R\$100,00. (Portal do Ministério da Educação - MEC, Governo Federal).

<sup>20</sup> É a modalidade de ensino que recebem jovens e adultos que não completaram os anos da Educação Básica em idade apropriada por qualquer motivo. A EJA atende as demandas específicas de cada aluno, contribuindo para sua compreensão e inclusão no mundo do trabalho. (Portal do Ministério da Educação - MEC, Governo Federal).

jovens, promovendo a inclusão digital e a qualificação para o mercado de trabalho; o Cursinho Pré-Vestibular da cidade (2008-2011); os Centros Urbanos de Cultura, Arte, Ciência e Esporte (CUCAs) que oferecem cursos e uma programação cultural variada aos jovens.

Os dados que compõem o indicador de educação dentro do IVS e também os dados contidos nos trabalhos do IPECE e da PMF apontam para investimentos que funcionam como estruturas de oportunidades fomentadas, sobretudo, pelo Estado que possibilitam o acesso a novos ativos ou o melhoramento dos já existentes, como por exemplo: melhores empregos e rendas, conseqüentemente, melhores condições de moradia, etc. Todos os indicadores do IVS estão interligados e o sucesso de alguns pode incidir diretamente para as transformações nos demais indicadores e no resultado final do índice.

**Mapa 11: Mapa do Índice de Educação - Fortaleza (2010)**



Os índices educacionais em Fortaleza, para o ano de 2010, representados no mapa 11, permite identificar a espacialização das taxas de analfabetismo na capital.

Baseados apenas na taxa de analfabetismo dos chefes de família (homens e mulheres) contribuem para a predominância de valores médios (0,89 – 0,93), alto (0,93 – 0,97) e muito alto (0,97 – 1,0). Os piores índices aparecem de forma pontual em alguns setores censitários da capital. Os setores referentes à área central e os bairros Aldeota, Meireles, Varjota, Dionísio Torres, Fátima e Cocó são mais uniformes, pois possuem níveis educacionais muito altos com a presença de pequenos setores censitários com nível alto, pois são nesses setores que se localiza a população com maiores rendas, logo as que possuem mais anos de estudos.

Na periferia, encontramos valores mais baixos, mas ainda assim a maioria corresponde ao nível educacional médio, com presença de setores com índices alto e muito alto. O que diferencia tais áreas é a presença de níveis educacionais baixos e muito baixos, mas tais valores não correspondem à maioria dos setores. Os setores censitários que possuem níveis educacionais baixos e muito baixos localizam-se, grosso modo, nos bairros limítrofes com outros municípios da RMF. Tais valores estão presentes em Vila Velha, Jardim Iracema e Barra do Ceará, Siqueira, Granja Lisboa, Granja Portugal, Autran Nunes, Sabiaguaba, Cais do Porto. Os dados referentes à educação indicam para setores a partir de 0,6, o que mostra que no geral, com base na variação do índice (0 a 1), os indicadores de educação apresentam taxas superiores ao valor médio do intervalo, aproximando-se mais do valor ideal do índice.

O IPECE destaca os dez bairros com maiores e menores quantidades de responsáveis por domicílios analfabetos (tabela 07), que coincidentemente são os mesmos que apresentam melhores e piores rendas.

**Tabela 07: Total e percentual dos responsáveis pelos domicílios analfabetos para os dez maiores e menores bairros de Fortaleza - 2010**

<b>Bairros</b>	<b>Nº de pessoas de 20 anos ou mais responsável pelo domicílio</b>	<b>Nº de pessoas analfabetas responsável pelo domicílio</b>	<b>% de pessoas analfabetas responsáveis pelo domicílio</b>
<b>10 maiores</b>			
Cais do Porto	6.330	1.129	17,84
Ancuri	5.843	1.028	17,59
Pirambu	4.870	843	17,31
Sabiaguaba	588	101	17,18
Aeroporto (Base Aérea)	2.387	399	16,72

Granja Portugal	10.806	1.781	16,48
Autran Nunes	5.613	916	16,32
Praia do Futuro I	1.936	313	16,17
Siqueira	9.258	1.477	15,95
Genibaú	11.358	1.780	15,67
<b>10 menores</b>			
Meireles	12.700	101	0,8
Fátima	7.264	77	1,06
Estância (Dionísio Torres)	4.845	54	1,11
Cocó	6.439	80	1,24
Gentilândia	1.269	18	1,42
Alagadiço	4.422	69	1,56
Parquelândia	4.432	70	1,58
Cidade 2000	2.624	43	1,64
Guararapes	1.546	26	1,68
Aldeota	13,748	234	1,7

Fonte: IPECE, 2012. Elaboração: ARAÚJO, 2015

Os dados indicam que os bairros que contém as menores taxas de analfabetismo, são também aqueles que concentram os mais altos rendimentos constatando que as duas variáveis estão diretamente ligadas. O elevado grau de analfabetismo dificulta o acesso a empregos que ofertam os melhores cargos e salários. Além dos bairros que possuem maiores rendas na capital, outros bairros também se sobressaem por possuir bons índices educacionais, como os conjuntos habitacionais, espaços que apresentam menores índices de analfabetismo em Fortaleza e região metropolitana:

Os bons índices educacionais nos conjuntos habitacionais na região metropolitana chamam atenção, o que demonstra a expansão da malha urbana, com o extravasamento da capital. A população de renda média baixa estável, impossibilitada de morar em áreas mais próximas, buscou como alternativa habitacional, na década de setenta, oitenta e noventa, os conjuntos habitacionais financiados e construídos pelo poder público, ao longo das vias férreas e rodovias, e que aos poucos foram sendo dotados de boa infraestrutura e serviços urbanos. A estabilidade financeira, casa própria e serviços urbanos favorecem a continuação dos estudos. Existem bairros pobres que pela proximidade do centro e presença de serviços, dão possibilidade a seus moradores permanecerem na escola até a conclusão do ensino médio. Há uma queda nestes índices entre as pessoas de 18 a 25 anos que freqüentam escola e serie adequada, pois estas são obrigadas a entrar no mercado de trabalho, muitas não tendo condições de continuar os estudos pré e universitários. (COSTA, 2009, p. 177)

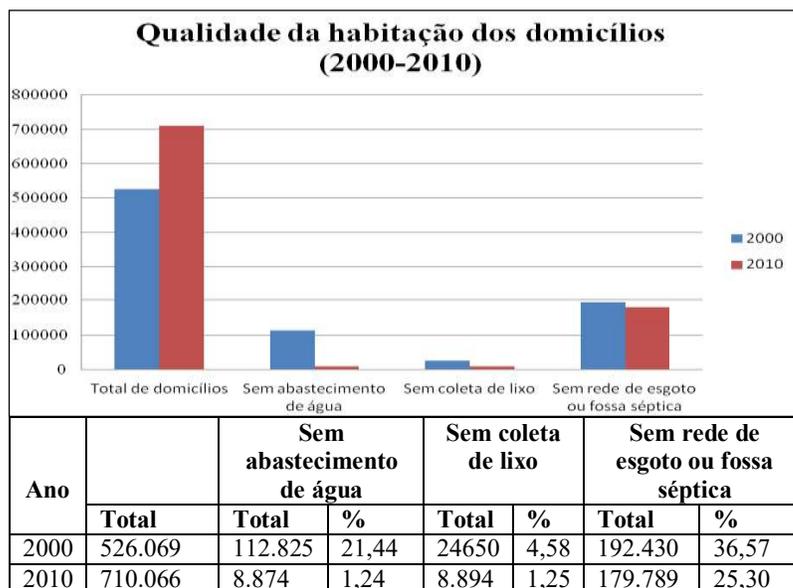
A autora ressalta que as condições de moradia, emprego e renda estão diretamente ligadas às questões educacionais. As pessoas, principalmente os jovens, que são de famílias onde existe estabilidade financeira, boas condições de habitação e infraestrutura, tendem a possuir maiores índices educacionais. Isso também justifica a elevada taxa de analfabetismo entre os idosos, pois muitos destes chegaram à capital em busca de melhores condições de vida, e não tiveram oportunidade de estudar, pois entraram no mercado de trabalho para garantir o sustento da família.

Se considerarmos os indicadores que compõem o IVS é possível afirmar que o de educação é o que mostra menores disparidades quando espacializado na capital cearense, pois foi utilizada apenas a variável “chefes de família analfabetos”. No entanto, o mapa do indicador referente à educação para o ano de 2010, mostra que nas periferias concentram-se os maiores índices de analfabetismo, coincidindo com as áreas de rendas mais baixas e também as piores condições habitacionais e sanitárias.

Os dados levantados, ao serem confrontados com outros, possibilitaram analisar e compreender a vulnerabilidade social na cidade, visto que os demais índices possuem características bem peculiares. Em determinadas áreas, onde o grau de analfabetismo é elevado, teremos também uma população com rendas pequenas e com baixa qualidade na habitação. Mostrando que os indicadores que compõem o IVS possuem uma ligação direta entre si conclui-se que a junção destes definirá o grau de vulnerabilidade em que se encontram as diferentes famílias que habitam a capital.

### ***3.2.3. Qualidade da habitação***

O terceiro indicador que compõe o IVS é referente à qualidade da habitação na capital. Este possui três variáveis e cada uma delas tem um peso específico no cálculo da média ponderada. As variáveis são as seguintes: a) domicílios particulares permanentes que não possuem abastecimento de água da rede e de poço ou nascente na propriedade e canalização em pelo menos um cômodo (peso três); b) domicílios particulares permanentes que não possuem banheiro ou sanitário ligado à rede geral de esgoto ou com fossa séptica (peso dois) e, c) domicílios particulares permanentes que não possuem lixo coletado por serviço de limpeza ou caçamba e sem outro destino do lixo (peso um). O gráfico 04 ilustra as mudanças na cidade acerca da qualidade da habitação nos anos 2000 e 2010.

**Gráfico 04: Qualidade da habitação nos domicílios de Fortaleza (2000-2010)**

Fonte: Censo demográfico, IBGE, 2000 e 2010

Nos dados do IPECE o índice referente ao abastecimento adequado de água, ligado à rede geral na cidade, entre 2000 e 2010 representou um avanço de 44% na expansão dentre os domicílios, colocando Fortaleza na 9ª posição dentre as capitais brasileiras. A melhora no abastecimento de água se deve ao papel do Estado como fornecedor de estruturas de oportunidades. Este avanço é fruto dos investimentos realizados pelo Governo Federal, Estadual e pela Companhia de Água e Esgoto do Ceará (CAGECE), proporcionando a ampliação e universalização deste serviço. (CAGECE, 2012)

Os investimentos ocorridos em Fortaleza contribuem para a diminuição da vulnerabilidade das famílias e/ou grupos sociais e estabelecem que a superação das adversidades só aconteça se os entes geradores de estruturas de oportunidades atuarem efetivamente criando recursos necessários para a melhoria da qualidade de vida das pessoas. Com relação à qualidade da habitação, o Estado, tem um papel fundamental, pois as condições básicas de saneamento são ofertadas por ele. O abastecimento adequado de água vai ajudar na melhoria das condições de moradia e salubridade da população, evitando a proliferação de várias doenças e favorecendo a qualidade de vida, além do conforto de se ter água encanada nas residências.

Quanto ao número de domicílios atendidos pela coleta de lixo, Fortaleza está em uma situação muito boa, pois este serviço está quase universalizado. Em 2000, menos de 5% dos domicílios, ou seja, 24.650, não eram atendidos por coleta de lixo. Houve uma redução considerável em 2010, que deixou sem atendimento apenas 1,25, ou seja, 8.894 dos domicílios. Para o IPECE (2012, p. 4), “Fortaleza caminha para a universalização deste serviço urbano”, pois 98,75% das residências contam com total coleta de lixo realizada por empresa de serviço de limpeza.

Na capital, segundo informações da empresa responsável pelo recolhimento de lixo em Fortaleza e da PMF, a coleta é feita nos bairros três vezes por semana. Em alguns bairros elas acontecem nas segundas, quartas e sextas e outros nas terças, quintas e sábados. Tal fato contribuiu para melhoria no índice de qualidade habitacional.

Este fato coopera para qualidade de vida da população em geral, sobretudo nas questões de higiene e limpeza, colaborando diretamente para redução nos índices de vulnerabilidade social em Fortaleza, tornando mais digno o local de habitação.

Contudo, a variável que mais influencia de maneira negativa o índice de qualidade habitacional refere-se à rede de esgoto. O número de domicílios particulares permanentes que não possuem banheiro ou sanitário ligado à rede de esgoto ou fossa séptica pouco mudou ao longo dos dez anos. No ano 2000, o número de domicílios nesta condição eram 192.430, caindo para 179.798 em 2010. As taxas de saneamento não diminuíram tanto, mas julgando-se pelo aumento da população e da quantidade de domicílios pode-se afirmar que o percentual nas duas décadas teve significativo avanço em relação aos valores totais da população e dos domicílios.

No entanto, a variável considera o número de domicílios com banheiro ligado à rede de esgoto ou fossa séptica, com um significativo crescimento nos domicílios ligados à rede de esgoto, como se pode perceber na tabela 08.

**Tabela 08: Total de domicílios ligados à rede de esgoto ou fossa séptica 2000 e 2010**

Anos	Total de domicílios	Rede de esgoto	Fossa séptica	Outro tipo de ligação
2000	526.069	233.580	100.069	192.420
2010	710.066	422.710	107.180	180.184

Fonte: Censo Demográfico IBGE, 2000 e 2010.

É possível identificar benefícios na rede de esgoto da cidade; em dez anos o dado revela a ampliação desta rede, embora os domicílios ligados à fossa séptica e a outros tipos de ligação somam juntos quase 300 mil domicílios. Esses dados indicam que, em termos de esgotamento sanitário, Fortaleza ainda tem muito que avançar, mas também assinala que as mudanças na última década foram significativas para a população, como afirma o IPECE:

O número de domicílios ligados ao fornecimento de rede de esgoto apresentou expansão significativa com variação de 81,1% em uma década. Enquanto no ano 2000 a cobertura contemplava 233.586 domicílios (44,4%), em 2010, era 422.936 (59,6%).

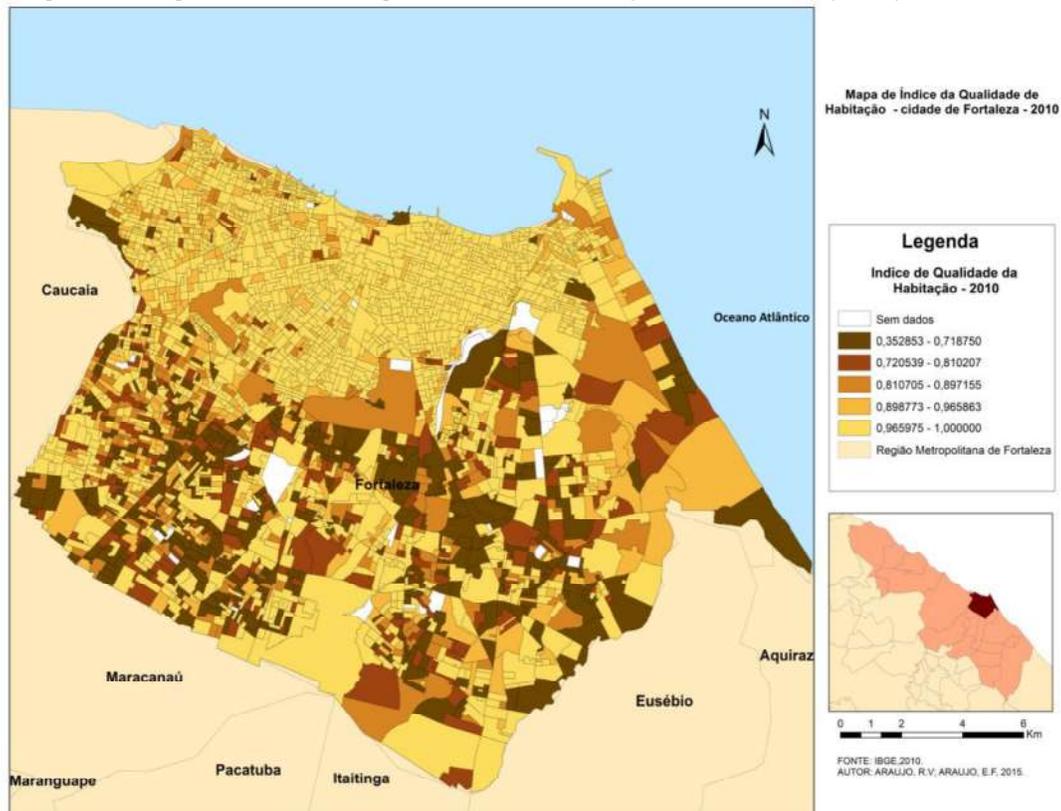
Apesar dos avanços, os indicadores mostram que 40% dos domicílios continuam descobertos por um esgotamento ligado à rede geral ou fluvial. (IPECE, 2012, p. 171)

Os investimentos aplicados para a ampliação da rede de esgoto na cidade são, como aponta a CAGECE, advindos do Programa de infraestrutura básica em saneamento do estado do Ceará - SANEAR I e II e o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) do Saneamento, que elevaram a cobertura do esgotamento sanitário na cidade para 53,62%, como afirma o IPECE e o IBGE. (CAGECE, 2012)

Assim pode-se dizer que os investimentos destes programas contribuíram para as melhorias na qualidade da habitação, considerando os indicadores que compõe o IVS, onde no ano 2000 o percentual de domicílios com carência de esgoto era de 36,57% do valor total e, em 2010, esse percentual caiu para 25,32% do total de domicílios registrados pelo IBGE indicando uma diferença positiva de 11% no intervalo de dez anos. Segundo a CAGECE, o objetivo é universalizar este serviço na capital até o ano de 2020.

Com base no índice de qualidade da habitação foi elaborado o mapa 12, no qual é possível observar sua espacialização e esquematizar as áreas de maior carência em Fortaleza para o ano de 2010.

**Mapa 12: Mapa do índice de qualidade da habitação - Fortaleza (2010)**



Os índices estão divididos em cinco intervalos: qualidade habitacional muito baixa (0,35-0,71), baixa (0,72-0,81), média (0,81-0,89), alta (0,89-0,96) e muito alta (0,96-1). Este índice não difere dos demais, portanto, quanto mais próximo do dígito 1, melhor é a qualidade da habitação. O resultado muito baixo é o que possui maior intervalo de dados, pois este vai de 0,35 a 0,71 chegando a quase  $\frac{3}{4}$  do valor total da variação dos índices. Os demais resultados possuem uma variação menor e seus intervalos não possuem tantas disparidades.

Conforme apresentado, das três variáveis que compõem o indicador, a carência de esgoto é a que mais interfere nos resultados gerais de qualidade da habitação. Isto porque a carência das demais variáveis corresponde a um percentual de 2,5% do total de domicílios, apresentando-se, na capital, os serviços de coleta de lixo e distribuição de água, já praticamente universalizados.

Os melhores índices de qualidade da habitação estão presentes, sobretudo, nas primeiras áreas formadas na capital (1930), estes se localizam no centro da cidade e nas

áreas vizinhas, que cresceram a partir da demanda de uma população mais abastada residentes dos bairros da Aldeota, Meireles, Praia de Iracema, Varjota, etc, que buscavam espaços com mais infraestrutura e melhores condições para morar. Também os bairros tradicionais da cidade como Benfica, Jacarecanga, Bairro de Fátima possuem bons índices. Estes espaços concentram os índices de qualidade da habitação muito alto, bem próximo do ideal. Os bairros como Conjunto Ceará, Cidade 2000, por se tratarem de conjuntos habitacionais, também expõem bons índices habitacionais, pois são bairros que já surgem servidos de infraestrutura de água, esgoto e coleta de lixo.

Merece destaque as áreas nos limites dos bairros Quintino Cunha e Vila Velha, na porção oeste da capital, já próximos ao município de Caucaia - no mapa de coloração bem escura - representando os piores índices na qualidade da habitação. Trata-se de área de preservação do Rio Ceará, que não deveria estar ocupada, mas que recebe elevada pressão populacional, resultando em sérios problemas ambientais e sociais, com impacto negativo na saúde da população que reside nestes espaços.

No mapa, os demais bairros da capital mostram um mosaico de cores, onde é possível vislumbrar uma mistura de índices que o compõem. A variação de cores expõe uma heterogeneidade acerca de qualidade da habitação, sobretudo quando se trata da presença de esgoto ou fossa séptica. Pequeno (2015), atenta para a distribuição das três variáveis em Fortaleza:

Com efeito, algumas das infraestruturas, como o abastecimento de água por rede e a coleta de lixo, já se mostram universalizados, passadas algumas décadas quando políticas públicas se voltaram a resolver estes problemas. No caso do saneamento, porém, ainda predomina um quadro tanto de menor justiça social, no sentido do atendimento coletivo, como de pior qualidade de vida, tratando-se do atendimento domiciliar. (PEQUENO, 2015, P. 266)

O IVS calculado para os diversos setores censitários de Fortaleza comprova o que já foi tratado por Pequeno. Ocorre a quase universalização da rede de água e coleta de lixo, entretanto, há uma distribuição desigual da rede de esgoto, conforme ilustra o mapa 12. Os bairros mais distantes da área central da cidade e mais próximo dos municípios metropolitanos são os que denotam maior déficit desses serviços.

O IPECE identifica os dez bairros com maiores e menores percentuais de atendimento nos serviços de abastecimento de água, coleta de lixo e quantidade de

domicílios ligados à rede de esgoto em Fortaleza para o ano de 2010. Sobre os domicílios ligados à rede geral de água em Fortaleza, o órgão afirma que a capital “possui um valor médio de 93,31%, verifica-se que alguns bairros da cidade detêm proporções abaixo de 80%, mais precisamente Vila Velha, Sabiaguaba e Jardim Guanabara”, o que pode ser observado na tabela 09.

**Tabela 09: Percentual de domicílios ligados à rede geral de água para os dez maiores e menores Bairros - Fortaleza - 2010**

<b>Bairros</b>	<b>% de domicílios ligados à rede geral de água</b>	<b>Bairros</b>	<b>% de domicílios ligados à rede geral de água</b>
Ceará	77,22	Fortaleza	93,31
<b>10 maiores</b>		<b>10 menores</b>	
Bom Futuro	99,54	Jardim Guanabara	55,84
Conjunto Ceará II	99,30	Sabiaguaba	66,84
Cidade 2000	99,01	Vila Velha	77,36
Aerolândia	99,00	Jardim Iracema	80,87
Canindezinho	98,87	Praia do Futuro I	82,18
Parreão	98,78	Jóquei Club (São Cristóvão)	82,19
Jardim América	98,73	Jacarecanga	82,77
Guajeru	98,71	Floresta	82,79
Granja Lisboa	98,69	Quintino Cunha	83,14
Cajazeiras	98,48	Pirambú	84,29

Fonte dos dados: Censo demográfico IBGE, 2010. Elaboração: IPECE, 2012

Os dados estampam uma desigualdade na distribuição dos investimentos públicos, apresentando espaços com elevadas taxas de abastecimento de água, enquanto outros têm menores índices, com resultados até próximos de 50% do total dos domicílios. No entanto, são poucos os bairros que oferecem cobertura menor que 80%, o que revela para uma distribuição mais homogênea do serviço.

O conjunto Cidade 2000 e Conjunto Ceará II aparecem com o serviço de água atingindo quase 100% dos domicílios. Tal fato está diretamente ligado à sua construção com recursos do Banco Nacional de Habitação (BNH), nas décadas de 1970 e 1980, objetivando diminuir os problemas habitacionais na cidade. Estes conjuntos já surgem capacitados de infraestrutura e serviços, o que justifica os elevados percentuais de domicílios ligados à rede de água.

O serviço de coleta de lixo domiciliar na capital cearense no ano de 2010 atingiu 98,75%. Estas informações do IPECE confirmam os dados que deram origem ao IVS, que indicam que o serviço atende praticamente toda a capital. Indica os bairros que possuem maiores e menores percentuais (Tabela 10). A qualidade do serviço cai, com menos de 80 % dos domicílios atendidos nos bairros Sabiaguaba e Pedras.

**Tabela 10: Percentual de domicílios com coleta de lixo realizada por serviço de limpeza para os dez maiores e menores Bairros - Fortaleza - 2010**

Bairros	% de domicílios com coleta de lixo adequada	Bairros	% de domicílios com coleta de lixo adequada
Ceará	75,34	Fortaleza	98,75
<b>10 maiores</b>		<b>10 menores</b>	
Amadeo Furtado	100,00	Sabiaguaba	78,18
Jardim Guanabara	100,00	Pedras	79,46
José Bonifácio	100,00	Manuel Dias Branco	87,33
Parque Araxá	100,00	Parque Presidente Vargas	90,60
Varjota	100,00	Arraial Moura Brasil	90,86
Vila Ellery	100,00	Siqueira	90,99
Henrique Jorge	100,00	Praia do Futuro II	94,22
Parque Manibura	100,00	Canindezinho	94,36
Aerolândia	100,00	Ancuri	94,56
Jóquei Club (São Cristóvão)	100,00	Barroso	95,70

Fonte dos dados: Censo demográfico IBGE, 2010. Elaboração: IPECE, 2012

Obs. Os bairros do Pan-Americano, Cidade 2000, De Lourdes e Gentilândia também tiveram 100% de cobertura de coleta de lixo.

A tabela sinaliza quatorze bairros da capital com 100% de cobertura deste serviço, demonstrando uma distribuição mais democrática. Os bairros com os piores percentuais atingem quase 80% dos domicílios, o que não caracteriza taxas tão elevadas, se relacionarmos com os valores referentes à água e esgoto. O IPECE afirma que, embora haja uma distribuição mais homogênea, alguns bairros ainda merecem atenção especial:

Não obstante, alguns bairros da cidade ainda carecem de maior atenção, pois possuem um índice inferior a 95% de cobertura, citando, por exemplo: Ancuri, Canindezinho, Praia do Futuro II, Siqueira, Arraial Moura Brasil, Parque Presidente Vargas, Manuel Dias Branco, Pedras e Sabiaguaba. Salienta-se que a ampliação da coleta de lixo dos domicílios ocasiona impactos positivos na minimização de problemas na área ambiental e de saúde pública, melhorando consequentemente a qualidade de vida da população. (IPECE, 2012, p. 4)

Contudo, a universalização desse serviço e dos demais relacionados ao saneamento básico vai contribuir para melhoria na qualidade de vida das pessoas, minimizar os impactos ambientais e diminuir a condição de vulnerabilidade dos diferentes grupos sociais que habitam estes bairros da cidade.

Para o ano de 2010, os valores relacionados aos domicílios ligados à rede de esgoto são inferiores, se comparados aos outros serviços analisados anteriormente. Embora as análises dos IVS de 2000 e 2010 apontem para uma melhoria significativa deste serviço na cidade, sabe-se que ainda é muito carente, sobretudo em áreas mais próximas aos limites metropolitanas, formadas por bairros que durante muitos anos foram ignorados pelo poder público e o setor imobiliário (Tabela 11).

**Tabela 11: Percentual de domicílios ligados à rede geral de esgoto ou pluvial para os dez maiores e menores Bairros - Fortaleza - 2010**

<b>Bairros</b>	<b>% de domicílios ligados à rede geral de esgoto</b>	<b>Bairros</b>	<b>% de domicílios ligados à rede geral de esgoto</b>
Ceará	32,76	Fortaleza	59,56
<b>10 maiores</b>		<b>10 menores</b>	
Cidade 2000	99,89	Pedras	0,54
Conjunto Ceará I	99,69	Parque Presidente Vargas	2,41
Meireles	99,01	Curió	2,75
Bom Futuro	98,83	Parque Manibura	4,85
Parreão	98,60	Parque Santa Rosa	4,97
Praia de Iracema	97,98	Sabiaguaba	5,67
Joaquim Távora	97,98	Mata Galinha	6,29
Fátima	97,97	José de Alencar	7,27
Aldeota	97,89	Cidade dos Funcionários	8,22
José Bonifácio	97,85	Planalto Ayrton Sena	9,32

Fonte dos dados: Censo demográfico IBGE, 2010. Elaboração: IPECE, 2012

Os valores encontrados para a capital com relação a este serviço atingiram um percentual de 59,56% dos domicílios, porém é visível na tabela a disparidade entre os bairros, onde facilmente se identifica bairros próximos a 100%, enquanto outros não chegam nem a 10% dos domicílios com a cobertura do serviço de esgoto.

Afirma-se a necessidade da ampliação deste serviço que, segundo o objetivo da CAGECE, é universalizá-lo. O acesso à rede de esgoto é de extrema importância social e também ambiental contribuindo para melhoria na qualidade de vida da população da cidade, mas os fatores relacionados revelam que a insuficiência de renda influi no acesso a estes serviços que nem sempre a população pode arcar com os custos.

Conclui-se que para Fortaleza, o indicador qualidade da habitação possui os piores resultados na variável referente à rede de esgoto implicando em índices mais elevados que apontam a baixa qualidade nas condições da habitação do fortalezense. Entretanto, houve significativa melhora em todas as variáveis se considerarmos os dados de 2000 e 2010, indicando resultados positivos na qualidade da habitação, resultando diretamente na melhoria do IVS neste período.

Com relação a todas as variáveis que compõem o IVS a renda é o que apresenta a maior disparidade diante das demais. As piores taxas de renda concentram-se em algumas áreas de Fortaleza. Os baixos rendimentos estão relacionados com o nível educacional e a qualidade da habitação, também indicadores para o cálculo do IVS. Quanto à taxa de analfabetismo na capital houve uma queda expressiva, em razão das políticas públicas. A qualidade da habitação apresentou bons resultados graças aos dados referentes à coleta de lixo e rede de água. Entretanto a rede de esgoto ainda apresenta baixas taxas e grande disparidade entre os bairros, impactando negativamente.

A análise das variáveis permite uma discussão sobre o IVS e como este índice está distribuído espacialmente em Fortaleza. Identificando os espaços de maiores e menores vulnerabilidades nos anos 2000 e 2010, será possível uma discussão acerca das particularidades encontradas na capital para o ano de 2010. Essas análises serão apresentadas no capítulo final desta pesquisa.



## **IVS: CONSIDERAÇÕES SOCIOESPACIAIS EM FORTALEZA NO INÍCIO DO SÉCULO XXI**

O IVS é um índice calculado com base em três indicadores: renda, educação e qualidade da habitação. Como já foi apresentado no terceiro capítulo, cada indicador possui suas variáveis e tem sua relevância na construção do índice. Este capítulo propõe discutir a vulnerabilidade social em Fortaleza a partir do IVS de 2000 e de 2010, refletindo sobre as transformações na cidade. A partir da variação do IVS na última década, foram identificadas as áreas de melhores e piores índices e selecionadas três que apresentavam características diferenciadas quanto à densidade populacional, infraestrutura, renda e acesso a serviços, e que em razão de suas peculiaridades ganharam destaque.

Os mapas elaborados permitirão melhor compreensão da espacialização da vulnerabilidade social na capital, favorecendo a leitura desta realidade. Com base nos mapas e dados, foram selecionados alguns bairros para a realização do trabalho de campo (Vila Velha, Barra do Ceará, Moura Brasil, Meireles, Cocó, Vicente Pinzon, Praia do Futuro I e II, Sabiaguaba, Granja Portugal, Bonsucesso, Parque Santa Rosa, Castelão, Papicu, Mucuripe, incluindo o Morro de Santa Teresinha), onde foram levantadas informações e realizados registros fotográficos.

O capítulo está estruturado em dois tópicos: a) comparação dos índices IVS em 2000 e 2010 e a identificação das áreas que sofreram mudanças; b) identificação das áreas com piores e melhores índices de vulnerabilidade social, visando discutir a desigualdade socioespacial em Fortaleza.

#### 4.1. VULNERABILIDADE SOCIAL EM FORTALEZA

O IVS é uma ferramenta importante para identificar as áreas onde se concentram a população de maior vulnerabilidade social em Fortaleza. Os dados sobre o acesso à infraestrutura básica (água, esgoto e coleta de lixo), as taxas de alfabetização e os rendimentos dos responsáveis pelos domicílios ajudam a traçar um perfil dos habitantes da cidade. Os mapas indicam como eles estão distribuídos espacialmente e quais os bairros onde se encontram esta população, permitindo ainda a comparação da década de 2000-2010.

A distribuição dos grupos sociais mais vulneráveis reflete a forma como se deu e se dá a produção do espaço urbano na sociedade capitalista. Fortaleza é resultado da ação de diversos agentes (poder público, setor privado e população), que em diferentes momentos históricos, colaboraram para a formação de uma cidade contraditória, com espaços diferenciados, não só nas formas, como também nas funções. Costa (2008) reflete sobre a diferenciação socioespacial na capital do Ceará:

Fortaleza não é uma só cidade, mas várias cidades dentro desta cidade. Os conjuntos habitacionais, os condomínios fechados, as grandes favelas, os bairros de classe média, etc., com seus centros comerciais e de serviços são verdadeiras “cidades” dentro da cidade. Algumas destas cidades são bem servidas de infraestrutura, comércio e serviços, enquanto outras são extremamente deficientes, exigindo o deslocamento dos moradores para outras áreas, como para o centro tradicional. Apesar destas diferenciações, estas cidades se encontram, se articulam e dependem uma das outras, pois seus habitantes se deslocam, trabalham, usufruem, consomem e investem nestas “cidades”. (Costa, 2008, p 13)

Nestas “várias Fortalezas” é possível encontrar áreas mais frágeis, em que a população não tem o conforto da vida moderna, não tem acesso à infraestrutura e aos serviços urbanos, enquanto em outras, as condições de vida e o IDH é semelhante à de países ricos.

Na sociedade capitalista, *a cidade é uma mercadoria, composta de várias mercadorias* (casas, ruas, praças, estabelecimentos comerciais, escolas, hospitais, transportes, rede água e esgoto, energia elétrica, telefone, etc.), e seu acesso depende do poder aquisitivo de seus moradores. Dentre estas mercadorias destacam-se a moradia cujo preço depende de vários elementos:

A mercadoria moradia tem preços diferenciados não apenas em função do tamanho, do número de compartimentos, do projeto arquitetônico, da qualidade do material utilizado na construção, mas também pela localização, proximidade dos locais de trabalho, das atividades comerciais e de serviços urbanos (postos de saúde, escolas, centros comunitários, transporte urbano) e pelas amenidades e paisagens no seu entorno (espaços de lazer, parques, praias, lagoas, etc.) (COSTA, 2008, p. (14)

Dentre os agentes de menor poder de intervenção temos os movimentos sociais urbanos (MSU), resultado da organização de moradores que não tem renda suficiente para pagar pela mercadoria “casa” e outros bens de consumo coletivo (infraestrutura e serviços) que lhes garantam uma qualidade de vida digna na cidade. Portanto, a situação econômica e a capacidade de organização dos moradores vão definir os lugares que ocuparão na cidade, zonas mais ou menos vulneráveis. A pressão do MSU sobre o poder público tem garantido a urbanização de favelas em Fortaleza, dotando-as de infraestrutura (água, esgoto, coleta de lixo, transporte) e serviços (saúde, educação, segurança e lazer). No entanto, mesmo com esta dinâmica socioespacial, poucas áreas têm recebido estes investimentos públicos, pois é grande a dificuldade de organização dos moradores, retrato da cidade em que vivem. Para Costa (2008):

A cidade é um ser em constante mutação. A produção do espaço, o modo como são apropriados e construídos os equipamentos públicos e privados dependem essencialmente do poder de mobilização de seus moradores e das interações com os outros agentes produtores. O capital político dos cidadãos se reflete diretamente no modo como são experimentados e vivenciados os diversos espaços da cidade [...]. Os destinos da cidade resultam de decisões que passam por cada ação e atitude praticada no espaço urbano. (COSTA, 2008, p. 27)

Spósito (2013) ressalta que na análise do espaço urbano, além destes aspectos, deve-se levar em consideração também a idade, perfil cultural e preferências de consumo dos seus moradores:

Diferentes pessoas movimentam-se e apropriam-se do espaço urbano de modos que lhe são peculiares, segundo condições, interesses e escolhas que são individuais, mas que são, também, determinadas historicamente, segundo diversas formas de segmentação: idade, perfil cultural, condições socioeconômicas, segmentação profissional, preferências de consumo de bens e serviços etc. (SPÓSITO, 2013, p. 134).

Desta maneira, o espaço resulta da ação de diversos agentes movidos por condições econômicas, sociais, políticos e culturais. A forma como se dá a produção e a apropriação do espaço urbano por seus moradores é fruto de muitas estratégias e gera

padrões espaciais distintos, espelhando também os processos históricos de sua constituição. Os índices de vulnerabilidade social refletem estes padrões espaciais, melhores IVS nos condomínios de luxos, nos bairros das elites e os piores IVS nas periferias distante e favelas, sem infraestrutura e serviços, onde se vive em casas precárias, uma população com baixo nível escolar e renda, submetidos a longas horas de deslocamento casa-trabalho. Nestes bairros periféricos a falta de ativos e de estruturas de oportunidades geram desvantagens sociais para seus moradores. Deschamps (2009) chama atenção para o papel da presença e distribuição de recursos, que podem se transformar em ativos, e das estruturas de oportunidade na redução da vulnerabilidade social.

A falta de ativos e/ou a indisponibilidade de estruturas, significam “desvantagens sociais”, ou seja, condições sociais que afetam negativamente o desempenho de comunidades, lares e pessoas. Implica em menos acessos (conhecimento e/ou disponibilidade) e menos capacidade de gestão dos recursos e das oportunidades que a sociedade entrega para o desenvolvimento de seus membros. A desvantagem social pode se expressar por meio da desigualdade socioeconômica, fazendo com que a pobreza constitua um fator de desvantagem, justamente pelas limitações que ela impõe aos indivíduos, considerando também, que a pobreza pode ser resultado de tais desvantagens. (DESCHAMPS, 2009, p. 11)

As desvantagens sociais aparecem na paisagem urbana e o IVS e seu mapa, destacam como a vulnerabilidade social está espacializada em Fortaleza. A partir do IVS é possível compreender como a renda, a educação e a qualidade da habitação são ofertadas nos bairros e setores censitários de Fortaleza, afetando de maneira positiva ou negativa os inúmeros grupos sociais que neles habitam. Essas desvantagens se apresentam, conforme Spósito (2013), pois uma parte da sociedade participa precariamente da vida urbana e da sociedade de consumo, criando assim as desigualdades sociais que podem ser compreendidas a partir da vulnerabilidade social.

Ao analisar os índices de vulnerabilidade social, observamos discretas mudanças entre os anos de 2000 e 2010. Os bairros que apresentavam maior precariedade permanecem assim, pois não foram suficientes os recursos ofertados e as estruturas de oportunidades para superar as adversidades.

Em suma, entre a discussão sobre a produção do espaço e a vulnerabilidade social, propomos tratar da diferenciação socioespacial nos anos 2000 e 2010, na escala dos setores censitários (com piores e melhores índices). Nesta escala é possível ver que

existem áreas vulneráveis em toda a cidade, concentrando-se em algumas regiões, o que pode ser explicado por fatores naturais, históricos, culturais, políticos e econômicos.

Para entender as alterações nos índices de vulnerabilidade social e as transformações em Fortaleza, entre os anos 2000 e 2010, faz-se necessário apresentar e discutir os dados dos dois últimos censos do IBGE. Para isto, utilizaremos análises realizadas pelo núcleo Fortaleza da rede de pesquisa do Observatório das Metrôpoles (CNPq/INCT), que elaborou um recorte espacial para as metrôpoles brasileiras com base nas tipologias socioespaciais.

Esta rede de pesquisa propôs uma metodologia para fazer os recortes espaciais utilizando as estruturas sócio-ocupacionais e considera os usos do território, os fluxos e as ocupações de seus moradores. Com base nas categorias sócio-ocupacionais (CAT's)<sup>21</sup>, tendo como variáveis complementares a renda e o grau de instrução e as Áreas de Expansão de Dados<sup>22</sup> (AEDs) ou Áreas de Ponderação (APs), do IBGE, para a Região Metropolitana de Fortaleza foram identificadas sete diferentes tipologias socioespaciais<sup>23</sup>: Superior, Média Superior, Média, Popular Operária, Inferior, Popular Periférica e Rural. Em Fortaleza, apenas as cinco primeiras foram observadas. Destaca-se que na publicação mais recente do Observatório das Metrôpoles foi realizada uma pequena alteração nas denominações das tipologias ou tipos socioespaciais, visando adequar melhor à realidade. O tipo Popular Operário recebeu a denominação de Operário Popular, o Inferior de Popular e o Popular Periférico de Operário Rural. De acordo com Pequeno

---

<sup>21</sup> As Categorias sócio-ocupacionais (CATs) do IBGE são definidas com base nos seguintes critérios: a distinção entre o trabalho com características urbanas ou rurais; a necessidade de formação profissional para o desempenho da ocupação na cidade seja em atividades secundárias ou terciárias; o nível de instrução; o papel assumido na tomada de decisão; a propriedade dos meios de produção de acordo com o número de empregos gerados.

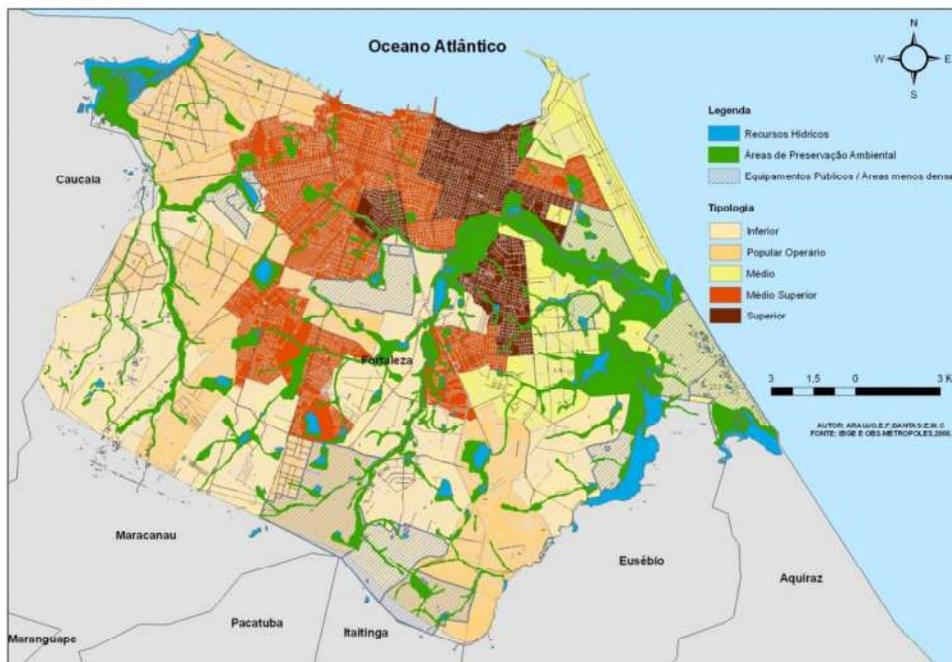
<sup>22</sup> As AED's são unidades espaciais utilizadas pelo IBGE para agregar micro dados obtidos na pesquisa por amostragem. Na primeira publicação da pesquisa do Observatório (2009), foi utilizado o termo Área de Expansão Demográfica, mas na de 2015, esta denominação foi substituída por Áreas de Ponderação (AP). Para Fortaleza, estas áreas geralmente coincidem com um ou dois bairros justapostos.

<sup>23</sup> As tipologias socioespaciais foram definidas a partir da identificação da maior densidade das diferentes CAT's em relação ao conjunto de população, em algumas AED's, permitindo o estabelecimento de uma proposta de recorte espacial. Na RMF, sete tipologias socioespaciais, baseadas em 24 CATs e em 98 AEDs da RMF, foram determinadas a partir de análise fatorial de correspondência binária realizado com o software STATlab.

Merece ser destacado que os tipos socioespaciais identificados encontram-se relacionadas entre si compondo uma hierarquia social cujo significado se associa às distâncias sociais entre as diferentes categorias sócio-ocupacionais. Além disso, vale mencionar que estas tipologias foram conformadas pelo agrupamento de algumas AEDs, cujo conteúdo sócio-ocupacional foi em seguida, submetido à análise verificando-se o grau de coerência existente entre os resultados obtidos pela abordagem quantitativa dos dados e a realidade dos processos socioespaciais na Região Metropolitana de Fortaleza. (PEQUENO, 2008, p. 7)

Este recorte espacial permite visualizar melhor a distribuição das categorias sócio-ocupacionais (os grupos sociais), de acordo com a renda e nível educacional no espaço urbano, ultrapassando a visão dualista da existência de duas Fortalezas, tomando como base a área central: a do leste rica e a do oeste pobre, conforme se observará na distribuição dos piores IVS na cidade (mapa 13).

### Mapa 13: Mapa das tipologias socioespaciais por Aeds em Fortaleza - 2000



Pequeno (2008) descreve as cinco tipologias<sup>24</sup> presentes em Fortaleza no ano de 2000 e cita as AEDs que se destacam cujas denominações coincidem com a dos

<sup>24</sup> Superior abrange as AEDs situadas na porção leste de Fortaleza: Meireles, Aldeota, Dionísio Torres, Fátima, Mucuripe/Varjota, Luciano Cavalcante e Papicu. Apresenta uma maior homogeneidade na sua paisagem, com maior concentração de dirigentes e elites econômicas e intelectuais, edifícios multifamiliares e de escritórios verticalizados em substituição às antigas residências que ocupavam grandes lotes, comércio e serviços de luxo.

bairros da cidade. Com base nas tipologias socioespaciais, será feita a análise da distribuição da população vulnerável em Fortaleza, relacionando-a com os dados de renda, educação e qualidade da habitação, além de outros elementos.

#### ***4.1.1. Vulnerabilidade social em Fortaleza no ano de 2000***

A análise dos índices e dos mapas de distribuição do IVS permite identificar as áreas de maior vulnerabilidade social na capital cearense. Os piores resultados foram encontrados na área periférica da cidade, principalmente próximo aos limites metropolitanos, nas tipologias Inferior e Popular Operária. Já os melhores estão no entorno e em áreas próximas do centro tradicional e na porção leste, em zonas mais valorizadas pelo setor imobiliário, nas tipologias Superior e Médio Superior. É marcante a relação centro-periferia na organização do espaço fortalezense, o que confirma a tese de Spósito.

Nos centros, em diferentes escalas, estariam os espaços onde os indicadores seriam os melhores, e nas periferias, também tomadas em diferentes escalas, seriam os ambientes em que os indicadores denotariam toda sorte de carências ou todo tipo de ausências. (SPÓSITO, 2013, p. 133)

---

Média superior agrupa 18 AEDs, que podem ser classificadas em três grupos: o próprio centro (predomínio da atividade terciária) e bairros limítrofes com uso residencial: Jacarecanga, Praia de Iracema e Arraial Moura Brasil; áreas adjacentes à área central orientadas pelos eixos viários: Avenida Bezerra de Menezes ao oeste, Avenida José Bastos ao sudoeste, Avenida Visconde do Rio Branco ao sul, prosseguindo com a BR 116; e as áreas situadas num semianel intermediário da metrópole: no eixo sudoeste, Parangaba e alguns bairros sob sua influência direta e no eixo viário ao sul (BR -116), Cidade dos Funcionários / Cajazeiras, e na direção leste e sudeste, expansão natural do vetor de elite (tipologia superior) Eusébio e Aquiraz, onde se encontram os condomínios fechados de luxo.

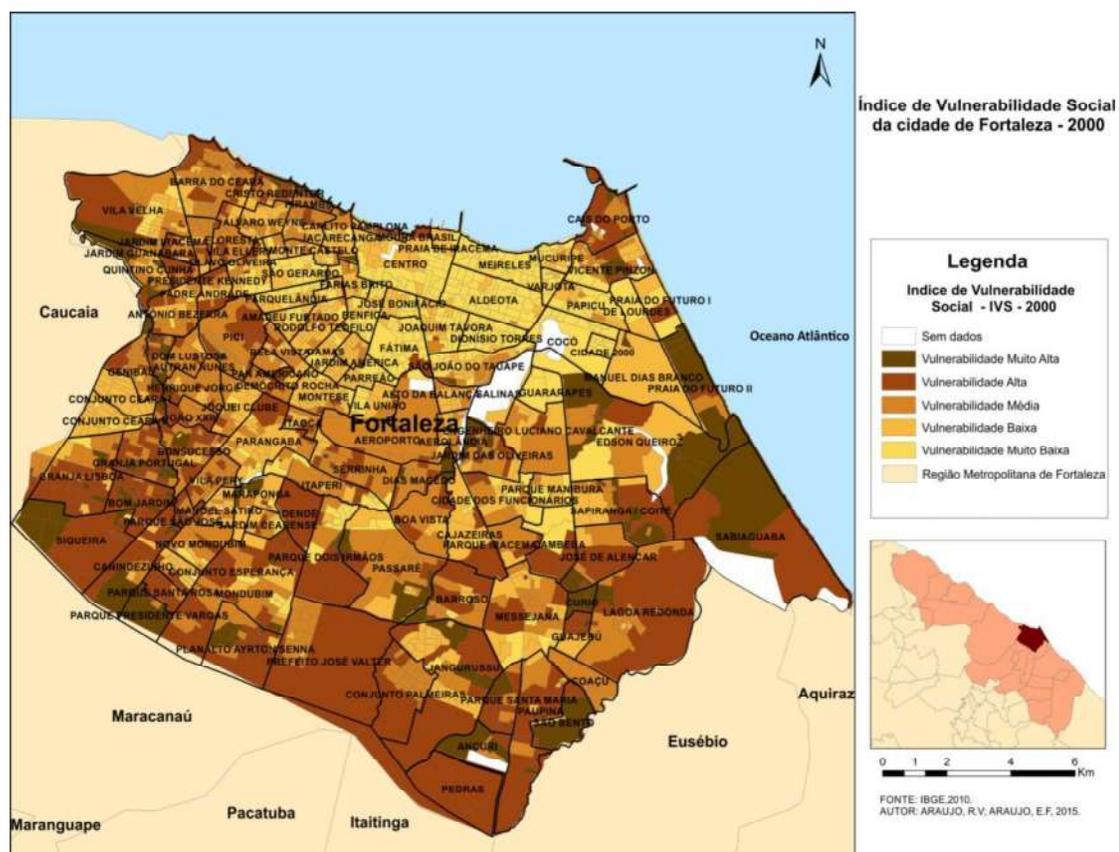
Média compreende nove AEDs, distribuídas em quatro municípios da RMF: Fortaleza, Eusébio, Aquiraz e Caucaia. Predominantemente litorâneas, as AEDs que compõem essa tipologia representam uma fase da expansão urbana de Fortaleza, ocorrida na década de 1970, quando sítios e segundas residências à beira-mar são incorporados à malha urbana, provocando um crescimento desordenado, modificando as atividades econômicas dessas áreas e entrando em choque com o modo de vida das comunidades tradicionais. Caracteriza-se por maiores contradições sociais e econômicas.

Popular Operária é composta por 29 AEDs nos espaços periféricos de Fortaleza, avançando na direção dos municípios de Maracanaú e Caucaia, conurbados à capital. Há uma forte presença de trabalhadores do setor secundário e terciário com melhor renda e maior estabilidade econômica, habitando antigos bairros operários e conjuntos habitacionais, com infraestrutura e serviços. Essas AEDs estão localizadas ao longo das vias férreas e rodovias, onde foram construídos conjuntos habitacionais e indústrias.

Inferior, composta por 22 AEDs, espalhada em toda a periferia da RMF, inclui várias áreas de risco nas margens dos rios e concentra a população de menor poder aquisitivo e os piores indicadores sociais. Na direção oeste, adentrando o município de Caucaia, na Bacia do Rio Ceará; no sudeste, seguindo os rios Siqueira e Maranguapinho, alcançando o município de Maracanaú; ao sudeste, margeando o médio curso do Rio Cocó; a leste, reúne ocupações tradicionais de baixa renda e grandes corpos d'água ainda não atendidos pelas políticas públicas; e ao sul, Mondubim, área isolada entre os eixos viários de conexão.

Tais carências são percebidas ao analisar os dados e comprovadas através de trabalho de campo. Os piores índices de vulnerabilidade social foram encontrados nas áreas mais distantes do centro. Estes aparecem também, com muita frequência, próximos às margens de recursos hídricos (rios e lagoas), nas dunas, em especial na porção oeste e sudoeste da capital, de ocupação mais antiga; áreas que no passado eram desvalorizadas e que coincidem com as áreas de vulnerabilidade natural e ambiental. Nestas áreas é predominante uma população de renda inferior a dois salários mínimos; as maiores taxas de analfabetismo e uma infraestrutura sanitária muito escassa, como foram demonstradas no capítulo 3 (mapa 14).

**Mapa 14: Mapa do índice de vulnerabilidade social de Fortaleza - 2000**



A área mais perto do centro e os demais bairros que se formaram no processo de expansão da cidade, que se solidificam como novas centralidades possuem os menores índices de vulnerabilidade social. Outras áreas que apresentam baixos índices de vulnerabilidade social são os antigos conjuntos habitacionais, financiados pelo BNH,

como os bairros do Conjunto Ceará e Cidade 2000, que como já citamos, são planejados e implantados com certa infraestrutura e serviços. (COSTA, 2009, p. 166)

A tabela 12 contém os vinte setores censitários que apresentam os piores índices de vulnerabilidade social (mais próximo à zero) para o ano 2000, possibilitando localizar em que regiões e tipologia socioespacial se centram, bem como observar as diferenças socioeconômicas entre os espaços da capital.

**Tabela 12: Setores censitários com os piores índices de vulnerabilidade social 2000**

	<b>Código do Setor censitário</b>	<b>AED/Bairro</b>	<b>Tipologias</b>	<b>IVS</b>
1º	230440065090318	Jardim das Oliveiras	Inferior	0,4754
2º	230440070140335	Parque Dois Irmãos	Médio superior	0,5149
3º	230440060060087	Quintino Cunha	Popular operário	0,5162
4º	230440065110334	Sabiaguaba	Média	0,5451
5º	230440065110152	Lagoa Redonda	Inferior	0,5598
6º	230440070140332	Parque Dois Irmãos	Médio superior	0,5605
7º	230440060060013	Autran Nunes	Inferior	0,5657
8º	230440065090319	Jardim das Oliveiras	Inferior	0,5840
9º	230440060060086	Quintino Cunha	Popular operário	0,5882
10º	230440005060782	Vila Velha	Popular operário	0,5989
11º	230440005120650	Vicente Pinzon	Médio	0,6051
12º	230440060060057	Quintino Cunha	Popular operário	0,6061
13º	230440065090109	Edson Queiroz	Médio	0,6071
14º	230440065090013	Alagadiço Novo	Médio	0,6082
15º	230440005070589	Cristo Redentor	Popular operário	0,6130
16º	230440065090020	Curió	Inferior	0,6201
17º	230440005070588	Cristo Redentor	Popular operário	0,6222
18º	230440005070339	Pirambu	Popular operário	0,6279
19º	230440060060058	Quintino Cunha	Popular operário	0,6313
20º	230440070100208	Granja Portugal	Inferior	0,6330

Fonte: IBGE, 2000.

Observa-se que os piores IVS estão nas tipologias Inferior e Popular Operária. Destacam-se as AEDs Parque Dois Irmãos, na tipologia Média Superior, e Vicente Pinzon, Alagadiço Novo e Edson Queiroz na tipologia Média. Estas AEDs se caracterizam por grandes contradições sociais, pois são áreas de expansão urbana, sem infraestrutura de esgoto, com presença de favelas e áreas de risco, que ainda resistem à especulação imobiliária.

No Parque Dois Irmãos, dois setores censitários ocupam a segunda e sexta posição dentre os piores índices de vulnerabilidade social da capital. Estes coincidem com a Comunidade Rosalina, uma favela, com ocupações precárias e altos índices de violência. Este fenômeno mostra que as áreas que foram se formando na cidade a partir de ocupações irregulares e sem investimentos do poder público ou privado possuem elevado déficit de ativos o que impede que seus moradores superem as adversidades. Como mostra Pequeno *et al.* (2009), uma das variáveis que mais pesou foi o esgotamento sanitário, dos mais seletivos na capital, pois não atinge de maneira igualitária todos os espaços, favorecendo a disseminação de doenças e queda da qualidade de vida da população.

As condições de esgotamento adequado indicam a concentração de investimentos em infraestrutura urbana em determinadas áreas da RMF. Diferentemente do abastecimento de água, o saneamento mostra-se mais seletivo na sua implantação, predominando em apenas duas tipologias: Superior e Média Superior. (...) O mesmo fator justifica a maior taxa de inadequação das áreas do Parque Dois Irmãos (60,43%), Cidade dos Funcionários (43,93%), Itaperi (35,5%), Maraponga (33,8%) e Bela Vista (31,43%), situadas nas bordas da tipologia Média Superior, com padrões de ocupação similares às áreas da tipologia Inferior, onde a precariedade supera a metade de seus domicílios. (PEQUENO *et al.*, 2009, p. 210).

Assim, a carência de infraestrutura urbana destes bairros, sobretudo a de saneamento básico favorece o agravamento da vulnerabilidade social. Segundo Pequeno, *et al.* (2009), o bairro Parque Dois Irmãos apresentava 19,82% dos seus domicílios sem banheiro, o que demonstra a precariedade na forma de habitar a cidade.

Na zona leste, longe das indústrias e dos bairros operários, a cidade se estende ocupada por uma população mais abastada. No entanto, algumas destas áreas, antes da valorização imobiliária, também tiveram uma ocupação irregular, com habitações precárias e população pobre se instalando no leito de ruas, espaços públicos e margens de rios e lagoas como as favelas do Campo do América, no Meireles; Santa Cecília, no Dionísio Torres; a favela Verdes Mares e das Placas, no Papicu. Com estas características estão os bairros Alagadiço Novo e a comunidade do Dendê, no bairro Edson Queiroz, da tipologia Média. Nesta tipologia, no litoral leste, também está o bairro Vicente Pinzon, composto de várias favelas, dentre elas Serviluz, que surgiu com o alojamento de trabalhadores em função da construção do porto de Mucuripe, nos anos 1940.

Os bairros Sabiaguaba, na tipologia Média, e Lagoa Redonda, na tipologia Inferior, vizinhos entre si, em áreas de instabilidade ambiental de dunas, mangues e as margens de recursos hídricos (lagoas e rios), no extremo oriental do município, apresentam setores censitários com piores índices de vulnerabilidade social, respectivamente, ocupando o quarto e o quinto lugares no ano 2000. São áreas não beneficiadas pela rede de esgoto, com muitos vazios urbanos e processo de mudança de uso.

Costa (2009), analisando os arranjos familiares, indica outra variável que expressa à vulnerabilidade social - a taxa de adolescentes com experiência reprodutiva. A autora aponta que em Sabiaguaba, foram observados índices elevados de adolescentes com experiência reprodutiva, alcançando o percentual de 9,62%. As jovens mais vulneráveis, que habitam áreas litorâneas que estão sendo invadidas pela atividade turística, são mais sujeitas a se envolverem com os de fora, provocando uma gravidez indesejável. Este fato contribui para o aumento da vulnerabilidade social, tendo em vista que impossibilita e/ou dificulta que tais adolescentes frequentem a escola. Em consequência disto também aparecem às dificuldades para se engajar no mercado de trabalho, exatamente pelo baixo nível educacional. Muitas vezes, estas jovens e seus filhos dependem do salário dos pais ou aposentadoria dos avós, diminuindo a renda per capita familiar e piorando as condições de vida nos lares. Entretanto, nestes dois setores as variáveis de renda e qualidade da habitação são as que apresentam os piores resultados. Em termos educacionais encontrou-se também, nestes setores, altas taxas de analfabetismo dos responsáveis dos domicílios, o que muitas vezes inviabiliza que eles tenham empregos com melhores salários.

Os mais baixos níveis educacionais dos responsáveis dos domicílios foram encontrados em um setor censitário no bairro Lagoa Redonda. Neste bairro, afirma Costa (2007), a frequência escolar era muito baixa, sobretudo de crianças menores de seis anos, o que repercutirá, no futuro, nas taxas de analfabetismo. O crescimento das crianças e jovens longe da escola contribui para exposição a outros fatores, sobretudo a violência urbana. Assim, jovens e adultos sem qualificação profissional tendem a ter maior dificuldade para se inserirem em empregos bem remunerados, mantendo ou elevando os índices de vulnerabilidade nas famílias.

Dentre os dez piores IVS, dois foram identificados no Jardim das Oliveiras, tipologia Inferior, mas também encontrados setores censitários com índices próximos a um, com uma das melhores condições em Fortaleza. Calculando-se a média entre os 27 setores existentes no bairro, tem-se IVS de 0,74 que o caracterizaria com vulnerabilidade social baixa. Portanto, sabe-se que é um bairro com muita desigualdade socioespacial. De um lado, áreas de condomínios horizontais e verticais, acompanhando a Avenida Rogaciano Leite mais próximo aos bairros Cidade dos Funcionários e Engenheiro Luciano Cavalcante, e de outro, favelas ao longo do Rio Cocó, no entorno de lagoas e dos conjuntos habitacionais Tancredo Neves e Tasso Jereissati, inaugurados em 1982, que receberam moradores realocados da favela do Lagamar.

Este bairro apresenta um alto índice de criminalidade, sobretudo de homicídios, como observam Freitas & Costa (2009):

No caso dos homicídios, estes estão distribuídos desigualmente em Fortaleza, concentrando-se principalmente nos bairros do Bom Jardim, Jangurussu, Messejana e Jardim das Oliveiras, enquanto Aldeota, Meireles, Dionísio Torres apresentam números bem inferiores. Essa distribuição desigual dos homicídios parece acompanhar as desigualdades socioespaciais na cidade de Fortaleza. Os bairros com menores índices de homicídios são justamente aqueles dotados de melhor infraestrutura e com bons indicadores sociais. (FREITAS & COSTA, 2009, p. 225)

Os autores ressaltam que a situação de vulnerabilidade e violência “guarda forte relação com a desigualdade social e a segregação urbana”, havendo, então, uma distribuição desigual dos homicídios. A criminalidade violenta acompanha as carências sociais intraurbanas, atingindo com maior incidência os bairros cuja população está sujeita a maior vulnerabilidade social, e principalmente os habitantes que residem em espaços sociais e geograficamente segregados.

As taxas de homicídios, no período de 2006-2009, retratam que a criminalidade violenta se acentua nas áreas de maior vulnerabilidade social e ambiental de Fortaleza, como o Pirambu, Cristo Redentor, Jardim das Oliveiras.

Com isso, é possível afirmar que as desigualdades e as contradições existem na capital, bem como também nos bairros que a formam, onde muitas vezes convivem riqueza e pobreza lado a lado e que os recursos nem sempre são ofertados de forma igualitária. As estruturas de oportunidades não são suficientes para o bom

aproveitamento dos recursos, deixando a população muitas vezes exposta à situação de vulnerabilidade.

Na tipologia Popular Operária se destaca o bairro Quintino Cunha, com quatro dos vinte piores IVS, ocupando o 3º, 9º, 12º e 19º lugares na cidade. Este possui 40 setores censitários, atingindo uma média de 0,8377, que no contexto geral do IVS, corresponde à média vulnerabilidade social. Isso demonstra que dentro do bairro as diferenças socioespaciais são grandes. Todavia, os valores encontrados podem ser justificados principalmente pela sua localização. Estes setores se encontram a oeste da cidade, próximos às margens dos rios Ceará e Maranguapinho, ocupadas por uma população de baixa renda. Neste caso a vulnerabilidade social coincide com a vulnerabilidade ambiental. Sobre estas ocupações, Pequeno *et al.* (2009) aponta para a ausência de sanitários nas residências do bairro:

A situação é mais crítica no caso do Quintino Cunha, próxima ao mangue às margens dos rios Ceará e Maranguapinho, com mais de 30% dos domicílios sem sanitários. Isto se dá em decorrência de ocupações destas áreas de preservação permanente em situação de risco nos últimos anos, especialmente promovida pelas famílias removidas da faixa de praia pelas obras da avenida paisagística Costa Oeste. (PEQUENO *et al.*, 2009, p. 206).

A ausência de sanitários nestas residências, tanto é um problema social como ambiental. A população fica suscetível às doenças causadas pela falta de higiene e poluição do solo e dos recursos hídricos. Segundo a SEMACE, nesta área de elevado adensamento populacional, há uma grande quantidade de esgotos clandestinos e lixos jogados no rio, o que de certa forma explica os elevados índices de fragilidade social.

Pelo mapa o IVS 2000 (mapa 14), observa-se que os bairros fronteiriços Vila Velha e Quintino Cunha, que ficam à margem esquerda do rio Ceará e do afluente Maranguapinho, respectivamente, apresentam pontos de alagamento, sendo marcados por alta pressão demográfica (ver mapa 06, capítulo 02), abrigando uma população com baixos níveis de renda, escolaridade e qualidade na habitação. No prolongamento do conjunto Vila Velha, despontam ocupações e favelas, em área de mangue, onde as características denotam extrema precariedade.

Setores censitários dos bairros Autran Nunes e Granja Portugal, da tipologia Inferior, mostram uma dinâmica bem parecida com o da Vila Velha, devido à ocupação próxima às margens do Rio Maranguapinho.

Os bairros Cristo Redentor, com dois setores censitários e Pirambu com um, no litoral oeste, com os piores IVS, estão inseridos na tipologia Popular Operária. Estes dois últimos bairros, juntamente com a Barra do Ceará fazem parte de uma das mais antigas e maiores favelas do Ceará (Grande Pirambu), constituídas por migrantes da seca que se deslocaram para a capital em busca de emprego e ajuda do Estado. Alojaram-se em terras da Marinha, isolada entre a via férrea (ramal sul) e os cinco quilômetros de litoral, onde se situa a Colônia de pescador Z-8 e suas capatazias das Casas Novas, Marinha e Arpoador. Na primeira metade do século XX, as terras da Marinha e a presença da via férrea das indústrias no eixo da Avenida Francisco Sá favoreceram o surgimento destas favelas e de vários bairros operários.

Os setores que possuem piores índices de vulnerabilidade social em Fortaleza são, principalmente, aqueles que correspondem aos loteamentos periféricos e áreas de favelas, consolidadas a partir da ocupação irregular às margens de recursos hídricos e em dunas, terrenos que ainda não despertavam o interesse no setor imobiliário. Neste quesito, o Estado - um dos principais entes responsáveis por proporcionar estruturas de oportunidades - não tem oferecido muitas alternativas para esses habitantes. Esta carência priva-os muitas vezes de recursos essenciais, tais como saneamento básico de qualidade (coleta de lixo, ligação de água e esgoto), facilitando a propagação de muitas doenças.

Assim, é possível identificar as principais características destes espaços, permitindo a discussão da vulnerabilidade social nestes setores. Os vinte piores IVS estão entre 0,4670 e 0,6940, valores bem distantes dos melhores índices encontrados na pesquisa que se aproximam de um.

Dos vinte setores com melhores índices de vulnerabilidade social, todos estão concentrados na tipologia Superior, situados em quatro bairros da capital: oito no Meireles, seis na Aldeota, cinco no Dionísio Torres e um no Bairro Cocó (tabela 13).

**Tabela 13: Setores censitários com melhores índices de vulnerabilidade social 2000**

	<b>Código do setor censitário</b>	<b>Bairro</b>	<b>Tipologias</b>	<b>IVS</b>
1º	230440005120114	Aldeota	Superior	0,9986
2º	230440005120373	Meireles	Superior	0,9984
3º	230440005120378	Meireles	Superior	0,9978

4º	230440005120382	Meireles	Superior	0,9972
5º	230440005120368	Meireles	Superior	0,9970
6º	230440005120357	Meireles	Superior	0,9966
7º	230440005120367	Meireles	Superior	0,9964
8º	230440005120115	Aldeota	Superior	0,9964
9º	230440005080437	Estância (Dionísio Torres)	Superior	0,9961
10º	230440005120131	Aldeota	Superior	0,9959
11º	230440005120425	Cocó	-	0,9958
12º	230440005120100	Aldeota	Superior	0,9955
13º	230440005080442	Estância (Dionísio Torres)	Superior	0,9954
14º	230440005080452	Estância (Dionísio Torres)	Superior	0,9954
15º	230440005120109	Aldeota	Superior	0,9953
16º	230440005120132	Aldeota	Superior	0,9953
17º	230440005080433	Estância (Dionísio Torres)	Superior	0,9953
18º	230440005080430	Estância (Dionísio Torres)	Superior	0,9951
19º	230440005120364	Meireles	Superior	0,9950
20º	230440005120376	Meireles	Superior	0,9949

Fonte: IBGE, 2000.

Ao analisar os dados referentes ao IVS 2000 observa-se que os melhores resultados são semelhantes (0,99), bem próximos de um, valor ideal para o índice, havendo alteração apenas na terceira casa decimal. Estes dados expressam elevadas rendas, níveis educacionais e excelentes condições sanitárias, com a presença de água encanada, coleta de lixo e esgotamento sanitário. São, portanto, os bairros de Fortaleza que atraem as classes mais abastadas (Silva, 2009, p. 41).

São também estes bairros que possuem as menores taxas de analfabetismo e de analfabetismo funcional. De acordo com Costa

As mais baixas taxas de analfabetismo estão no primeiro quintil (2,19 a 6,16%): em Fortaleza, nos bairros de melhores rendas, de ocupação mais antiga, de acesso e transporte fácil e com boa infraestrutura e serviços educacionais, situados na tipologia Superior, como Meireles (2,19%), Dionísio Torres (2,19%), Fátima, (2,99%), Aldeota, 3,47%, Mucuripe/Varjota, (5,26%) e Eng. Luciano Cavalcanti/Parque Manibura, (5,83%). Desta tipologia destaca-se a AED de Papicu, com presença de favelas, com 9,4% moradores analfabetos, ficando no 39º no ranking de menores taxas de analfabetismo, ao contrário das outras que ficaram nos primeiros lugares do ranking, dentre as 98 AED's. (COSTA, 2009, p. 165).

Os setores com melhores IVS estão inseridos na tipologia socioespacial Superior. Nestes bairros predominam as categorias sócio-ocupacionais dos “representantes dos dirigentes e das elites econômicas e intelectuais, apresentando

maior poder aquisitivo e melhor padrão habitacional, dominando famílias reduzidas”. (COSTA, 2009, p. 165)

Para Pequeno *et al* (2009, p. 199), estes bairros também são os que possuem menores déficits habitacionais. Eles apresentam os menores IVS no ano 2000, pois são equipados de infraestrutura e também agrupam uma população com índices superiores de rendas (acima de três salários mínimos), melhores empregos e elevados níveis educacionais. Estas condições permitem que seus moradores possam desfrutar dos recursos que são gerados para transformá-los em ativos. Graças a sua maior capacidade de mobilizar recursos novos, os moradores destes setores apresentam excelente qualidade de vida e baixíssima vulnerabilidade social. Uma realidade bem diferente dos bairros que apresentam piores IVS, carentes de infraestrutura e serviços.

#### ***4.1.2. Vulnerabilidade social em Fortaleza no ano de 2010***

Em Fortaleza, comparando-se os dados dos censos do IBGE de 2000 e 2010, observam-se várias alterações - nos setores censitários, nas delimitações das AEDs agora chamadas de Áreas de Ponderações (AP) e nas tipologias socioespaciais. Nas tipologias onde há um domínio de categorias sócio-ocupacionais de mais alta renda e nível educacional ocorreram uma expansão.

Pequeno (2015) analisou as transformações na RMF, entre 2000 e 2010, com base nas tipologias socioespaciais 2010<sup>25</sup>, e constatou que todos sofreram crescimento populacional com exceção dos tipos Operário Popular e Popular. Destacou haver uma tendência a uma maior homogeneidade do tipo Superior, em função “das remoções de

---

<sup>25</sup> “No caso, em 2000 havia a subdivisão da RMF em 98 áreas de ponderação (APs), das quais 71 correspondiam ao município de Fortaleza. Para 2010, constatam-se sensíveis mudanças na subdivisão da RMF em áreas de ponderação: o número total de APs aumenta para 107, mas Fortaleza tem o número de áreas reduzido para 55 APs; há uma maior fragmentação do recorte metropolitano periférico à capital, passando de 27 APs para 52 APs fora da capital; apenas os municípios com população inferior a 20 mil habitantes remanescem com apenas uma AP, justamente aqueles com maior característica rural; todos os demais apresentaram aumento do número de áreas de ponderação, garantindo com isso melhores condições de análise para a distribuição populacional nos municípios periféricos da RMF, em especial por conta da separação entre o recorte espacial urbano correspondente à sede do município e o rural.” (...). Contudo, algumas APs definidas em 2000 vieram a ser fundidas numa só, assim como algumas áreas tiveram partes da sua composição repassadas a outras áreas. Entretanto, este redesenho da subdivisão da RMF em APs, talvez por conta da proximidade e da justaposição das áreas que foram redefinidas, no caso de Fortaleza, não chega a comprometer os resultados para o reconhecimento da tipologia socioespacial. (PEQUENO, 2015, p. 201)

comunidades de baixa renda remanescentes e seu reassentamento em grandes conjuntos na periferia”. Isto poderá implicar em redução do IVS em alguns bairros.

A redução dos segmentos operário popular e popular, associada ao crescimento nos demais tipos, indica possíveis melhorias na formação, redução da informalidade e o deslocamento das indústrias para os municípios periféricos. Da mesma forma, o leve crescimento da população do tipo superior pode significar a saturação do seu crescimento urbano via verticalização e o deslocamento das ofertas para os bairros circunvizinhos ao oeste (tipo médio-superior) e ao leste (tipo médio). Segundo os dados obtidos com a pesquisa amostral do Censo IBGE de 2010, a população ocupada na RMF atinge 1.437.740 habitantes, portanto, quase 40% do total da população metropolitana. Chama atenção ter a população ocupada apresentado incremento superior a 37,3%. Isto significa expansão do contingente populacional ocupado superior ao do total da população. (PEQUENO, 2015, p. 205 e 206)

Em Fortaleza ocorreu uma ampliação do número de Áreas de Ponderação de 34 para 39. Em termos de área, o tipo Superior passou de 28 para 42 km<sup>2</sup>, o Médio Superior de 53 para 98 km<sup>2</sup>. No entanto, o tipo Médio caiu de 265 para 107 km<sup>2</sup>, mas teve um elevadíssimo crescimento na densidade populacional de 847 para 4.387 habitantes/km<sup>2</sup>.

Em 2000, o tipo Médio era caracterizado pela expansão imobiliária em região de grandes contrastes sociais, onde conviviam condomínios de luxo, favelas e casas de veraneio, zonas de pesca e atividades rurais com os muitos vazios urbanos. O avanço da indústria em municípios metropolitanos contribuiu para passagem de APs de tipologia Média para Popular Operário e Popular. Em Fortaleza, a expansão do setor imobiliário e a verticalização, concentrando as CAT's de renda mais elevada, explicam a passagem de bairros que estavam na classificação de tipologia Média para Médio Superior e Superior.

**Tabela 14: Comparativo entre as tipologias de 2000 e 2010: superfície, densidade e APs.**

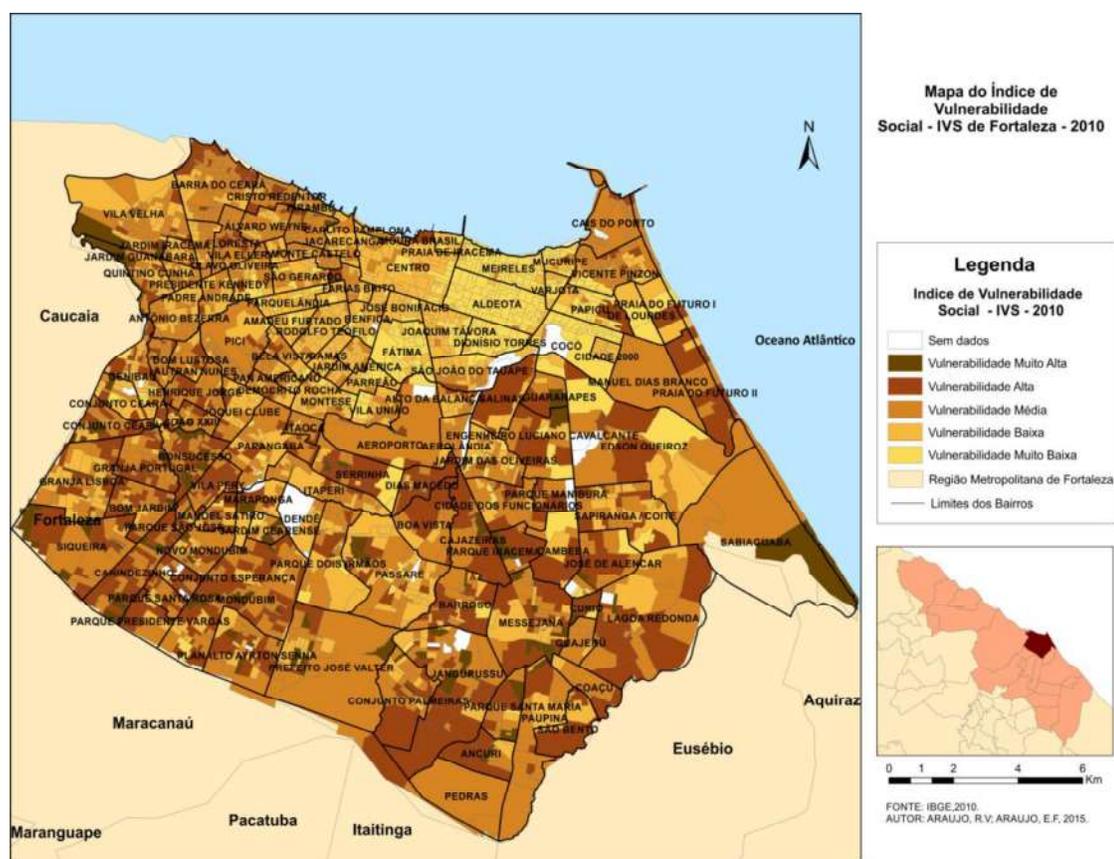
	TIPOLOGIA 2010				TIPOLOGIA 2000			
	APs	Área aprox. km <sup>2</sup>	% / Área RMF	Densidade demográfica (hab./km <sup>2</sup> )	APs	Área aprox. km <sup>2</sup>	% / Área RMF	Densidade demográfica (hab./km <sup>2</sup> )
Superior	7	42	0,72	6.593	7	28	0,58	6.448
Médio superior	21	98	1,69	8.603	18	53	1,09	8.312
Médio	11	107	1,86	4.387	9	265	5,44	847
Operário popular	19	73	1,27	9.369	29	155	3,17	5.944

Popular	18	163	2,82	3.701	22	197	4,05	3.931
Operário rural	16	846	14,63	447	5	511	10,47	382
Rural	15	4.457	77,02	78	8	3.667	75,2	67
<b>Total</b>	<b>107</b>	<b>5.786</b>	<b>100</b>	<b>623</b>	<b>98</b>	<b>4.877</b>	<b>100</b>	<b>612</b>

Fonte: PEQUENO, 2015, p. 211.

Estas alterações nos recortes espaciais com base na tipologia socioespacial ajudam a entender a redução no Índice de Vulnerabilidade Social (IVS) de alguns bairros de Fortaleza, em função do aumento da densidade de certas categorias sócio-ocupacionais em 2010. O mapa 15 ilustra a espacialização deste processo.

**Mapa 15: Mapa do Índice de Vulnerabilidade Social de Fortaleza (IVS) - 2010**



Ao analisarmos o mapa 15 e os dados do IVS para 2010, observa-se que além dos setores censitários de bairros que estavam entre piores IVS, em 2000, como Parque Dois Irmãos (Médio Superior), Quintino Cunha (Popular operário), Granja Portugal, Vila Velha (Popular operário), Cristo Redentor (Popular operário) e Pirambu (Popular operário), outros entram na listagem como Prefeito José Walter (passou de popular operário a Médio Superior), Passaré (passou de popular periférico a Médio),

Canindezinho (Inferior), Jangurussu (Inferior), Granja Lisboa (Inferior); e saem da listagem dos vinte setores com piores IVS os bairros Sabiaguaba (Médio), Vicente Pínzon (Médio), Edson Queiroz (Médio), Alagadiço Novo (Médio), Lagoa Redonda (Inferior), Autran Nunes (Inferior), Jardim das Oliveira (Inferior), Curió (Inferior). Isto não significa que estes bairros deixaram de ter setores com péssimos IVS, apenas não estão na lista dos vinte piores (Tabela 15).

**Tabela 15: Setores censitários com piores índices de vulnerabilidade social 2010**

	<b>Código do Setor Censitário</b>	<b>Bairro</b>	<b>Tipologia</b>	<b>IVS</b>
1º	230440070140335	Parque Dois Irmãos	Médio Superior	0,4850
2º	230440005070345	Pirambú	Popular Operário	0,5153
3º	230440070140318	Parque Dois Irmãos	Médio Superior	0,5496
4º	230440070140717	Prefeito José Walter	Médio sup. /Pop Operário	0,5588
5º	230440005060898	Vila Velha	Popular Operário	0,5895
6º	230440070100207	Granja Portugal	Popular Operário	0,5942
7º	230440070140615	Passaré	Médio/Pop Periférico	0,6017
8º	230440070100477	Canindezinho	Inferior	0,6033
9º	230440070100206	Granja Portugal	Popular Operário	0,6132
10º	230440060060069	Quintino Cunha	Popular Operário	0,6135
11º	230440005060893	Vila Velha	Popular Operário	0,6139
12º	230440070140320	Parque Dois Irmãos	Médio Superior	0,6286
13º	230440005070589	Cristo Redentor	Popular Operário	0,6300
14º	230440065110256	Jangurussu	Inferior	0,6301
15º	230440005070344	Pirambú	Popular Operário	0,6302
16º	230440070100478	Canindezinho	Inferior	0,6306
17º	230440070100523	Granja Lisboa	Inferior	0,6323
18º	230440060060067	Quintino Cunha	Popular Operário	0,6328
19º	230440070140399	Prefeito José Walter	Médio Sup./ Pop Operário	0,6352
20º	230440065110247	Jangurussu	Inferior	0,6352

Fonte: IBGE, 2010.

Mesmo com as políticas públicas e a redução da pobreza no Brasil nas últimas décadas, algumas áreas em Fortaleza permaneceram com altos índices de vulnerabilidade social em 2010. Estes índices encontram-se nas periferias urbanas,

menos assistidas pelo poder público, sobretudo naqueles bairros mais próximos dos limites municipais, ou em áreas de risco ambiental, margens de rios e lagoas, ainda não urbanizados.

Conforme mapa de ocupação urbana de Fortaleza em 2010, as maiores pressões demográficas foram encontradas na zona oeste, nas cercanias do rio Ceará e Maranguapinho, bem como na área sul acompanhando o rio Cocó e seus afluentes, bairros estes de ocupação com moradias horizontais. Muitas destas áreas apresentam-se como de risco e classificadas pelo IBGE como aglomerados subnormais. No Censo Demográfico de 2010, foram identificadas em Fortaleza 109.122 moradias em aglomerados subnormais, alojando 396.370 habitantes, com uma média de 3,6 moradores por domicílios.

Analisar a vulnerabilidade social a partir dos setores censitários possibilita um maior nível de detalhamento, sobretudo na informação cartográfica. Na escala de setores, é possível discutir as particularidades e as desigualdades na distribuição das oportunidades ofertadas e apontar as disparidades existentes nos próprios bairros. Neste contexto, os vinte setores que apresentam os piores índices de vulnerabilidade social no ano de 2010 estão espalhados por várias regiões da capital.

Dos setores apresentados na tabela 15, três são parte do bairro Parque Dois Irmãos na tipologia Média Superior. Em razão do aumento do número de setores censitários, nem sempre é possível encontrar os mesmos códigos para os setores dos anos de 2000 e 2010, entretanto, um dos setores, situado na comunidade da Rosalina, possui a mesma numeração e os demais setores estão localizados próximos deste. Assim como nos anos de 2000, a comunidade Rosalina, identificada como um dos aglomerados subnormais<sup>26</sup> da cidade, continua apresentando um dos piores IVS de Fortaleza, perceptível na paisagem urbana, conforme as figuras 03 e 04.

---

<sup>26</sup> Para o IBGE “aglomerado subnormal é um conjunto constituído de, no mínimo, 51 (cinquenta e uma) unidades habitacionais (barracos, casas...) carentes, em sua maioria de serviços públicos essenciais, ocupando ou tendo ocupado, até período recente, terreno de propriedade alheia (pública ou particular) e estando dispostas, em geral, de forma desordenada e densa. A identificação dos Aglomerados Subnormais deve ser feita com base nos seguintes critérios: a) Ocupação ilegal da terra, ou seja, construção em terrenos de propriedade alheia (pública ou particular) no momento atual ou em período recente (obtenção do título de propriedade do terreno há dez anos ou menos); e b) Possuírem pelo menos uma das seguintes características: urbanização fora dos padrões vigentes - refletido por vias de circulação estreitas e de

### Figuras 03 e 04: Comunidade da Rosalina, Fortaleza – CE



Fonte: Google Street View, 2012.

As imagens colhidas a partir da ferramenta *Google Street View* ilustram as ruas do bairro: estreitas, sem pavimentação, com presença de esgoto a céu aberto e lixo nas calçadas. A comunidade possui 1.067 domicílios ocupados por 4.081 habitantes, com densidade de 3,8 habitantes por domicílios (IBGE, 2010),

Além da característica de aglomerado subnormal, o bairro também possui elevados índices de violência. A criminalidade reflete de maneira direta nos dados de vulnerabilidade social. A violência, muitas vezes, impossibilita a organização da comunidade para a mobilização de novos recursos ou até mesmo dificulta o bom aproveitamento dos recursos gerados e disponibilizados pelas estruturas de oportunidades que já existem nestes espaços. O tráfico de drogas, os índices de homicídios, dentre outros fatores se apresentam de forma negativa para muitas comunidades impedindo a superação das adversidades.

O setor censitário que possui o segundo pior dado de vulnerabilidade social está localizado no bairro Pirambu, no litoral oeste. É uma das favelas mais antigas da cidade, formada na primeira metade do século XX, pela fixação da população que, em virtude dos grandes períodos de estiagem, migrava da zona rural para capital. Os migrantes se fixavam em áreas desvalorizadas na época, zona de dunas, próximas da via férrea e da Avenida Francisco Sá, onde estavam implantadas as indústrias com possibilidade de emprego.

O Pirambu faz parte do litoral, porém não está incluso no “pacote turístico” da capital, pelo contrário, se insere na dinâmica urbana de outra forma. Para o IBGE

---

alinhamento irregular, lotes de tamanhos e formas desiguais e construções não regularizadas por órgãos públicos; e precariedade de serviços públicos essenciais”. (IBGE, 2010, p. 26-27)

(2010), o Pirambu é definido como o sétimo maior aglomerado subnormal do Brasil. Apresenta uma elevada densidade populacional, uma ocupação desordenada com ruas estreitas. A implantação do projeto Vila do Mar<sup>27</sup>, que requalificou a linha de praia e obrigou a remoção de quase duas mil casas, promoveu um maior distanciamento de famílias que, quanto mais se afastavam da Avenida Presidente Castelo Branco, instalavam-se em habitações ainda mais precárias. Não existia delimitação da faixa de praia, que era utilizada como depósito de lixo pela população.

Continuando em direção à foz do rio Ceará, encontraremos as mesmas características nos bairros do Cristo Redentor e da Barra do Ceará, que fazem parte do chamado “Grande Pirambu”. Acredita-se que este projeto, que ainda estava em andamento durante o censo de 2010, contribuirá para a redução da vulnerabilidade social no grande Pirambu. De acordo com Vasconcelos e Silva (2014)

O Projeto Vila do Mar é uma dessas políticas públicas de inclusão social e requalificação urbana. Esse projeto transforma radicalmente o espaço naquela zona da cidade, assim como as relações das pessoas com tal espaço. Além do viés social, o Projeto Vila do Mar tem como um dos objetivos a requalificação ambiental da área, delimitando a faixa de praia além da restauração e da construção espigões para barrar a degradação proveniente das dinâmicas marítimas. (VASCONCELOS & SILVA, 2014 p. 8)

Das tipologias socioespaciais, os bairros Pirambu e Cristo Redentor enquadram-se na Popular Operária, onde se encontram as famílias com menores rendas per capita, “até meio salário mínimo (40,21%) ou de meio até um salário mínimo (33,74%)”. (FREITAS e COSTA, 2015, p. 350). Entretanto, os autores ainda apontam para outro problema, presente nestes bairros: as elevadas taxas de violência urbana:

Neste tipo a taxa de homicídios foi de 5,34, no entanto, encontram-se APs, como o Pirambu/Cristo Redentor, uma das mais antigas e consolidadas favelas de Fortaleza, localizada no litoral, próximo ao Centro, onde se observa um dos maiores índices, 12,36 mortes/10 mil habitantes. (FREITAS & COSTA, 2015, p. 350)

---

<sup>27</sup> Vila do Mar consiste em um projeto de urbanização e requalificação de 5,5 quilômetros da costa oeste de Fortaleza, especificamente nos bairros que formam o Grande Pirambu, Barra do Ceará, Cristo Redentor e Pirambu. Foi aprovado em 2005, no Orçamento Participativo (OP) da PMF, financiado pelo PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) e pelo Fundo Nacional de Habitação de Interesse Social em parceria com o Governo do Estado. O projeto também contou com uma política habitacional, com a construção de conjuntos habitacionais 1.434 unidades e melhoria de 1.650 famílias. Essas famílias foram retiradas de seis áreas de risco, ao longo do litoral e reassentada em quatro conjuntos habitacionais na Av. Francisco Sá. O Projeto Vila do Mar foi entregue em 2012 com apenas 2,5 km concluído. (VASCONCELOS & SILVA, 2014)

A violência apresenta-se como características de áreas com piores índices de vulnerabilidade social, conforme foi visto nos bairros Parque Dois Irmãos (Comunidade da Rosalina), Pirambu e Cristo Redentor. Esta também se faz presente em outras áreas da cidade, como Bom Jardim, Jardim das Oliveiras e Granja Portugal. A violência urbana e o tráfico de drogas acabam afetando estas comunidades, dificultando e/ou impossibilitando a mobilização de estruturas de oportunidades e o bom aproveitamento dos recursos disponibilizados de modo que estes venham a se transformar em ativos. Com isso, além da carência na qualidade da habitação e os baixos níveis educacionais, outros fatores como medo e a violência vão caracterizar os bairros com altos índices de vulnerabilidade social.

Além destes, os outros setores que apresentam os piores IVS em 2010 compõem os bairros Vila Velha, Quintino Cunha, Granja Portugal, Canindezinho, Autran Nunes, e outros. No mapa 15 é possível vislumbrar as áreas com maiores índices; aquelas que se apresentam mais escuras, que se concentram nas porções sudoeste e oeste da capital. São áreas que se formaram a partir de uma ocupação desordenada e não despertaram interesse do setor imobiliário, e algumas se localizam próximos aos recursos hídricos da cidade. Pequeno (2015) ao tratar destes espaços afirma

Nos tipos Operário Popular e Popular, onde as áreas que concentram favelas apresentam percentuais mais significativos de domicílios com até três cômodos, com distinção para Barra do Ceará, Pirambu, Jardim Iracema, Vila Velha e Quintino Cunha, todos no oeste de Fortaleza e incluídos no tipo operário popular. Ainda neste tipo ressaltam-se Autran Nunes e Granja Portugal que temente com outras áreas do tipo popular (Genibaú, Granja Lisboa, Siqueira e Canindezinho) compõem um grande bolsão de pobreza urbana ainda em expansão, comprovado pelas condições de moradia. Vale aqui lembrar: boa parte destas APs encontra-se em situação de risco ambiental, pois ocupam áreas de preservação permanentes urbanas, para as quais as políticas públicas habitacionais de interesse social têm se voltado nos últimos anos, com a provisão de unidades habitacionais de pelo menos cinco cômodos, incluídos os banheiros. (PEQUENO, 2015, p. 261)

Este bolsão de pobreza, formados por estes bairros, conforme observa o autor, referenciam os dados de vulnerabilidade social encontrados na pesquisa. É nele que encontraremos a população mais vulnerável da capital. Além dos setores que lideram este ranking estarem presentes neste bolsão, no mapa observa-se que as áreas com as colorações mais escuras, as de piores IVS, estão concentradas na zona oeste e sudoeste.

Contudo, outras que são visíveis na zona leste e sudeste explicitam as grandes contradições internas nos bairros da capital.

Estes índices de vulnerabilidade, calculados na escala do setor censitário, confirmam os dados nas pesquisas do IPECE (2012), na escala do bairro. Os bairros Granja Lisboa, Barra do Ceará, Canindezinho, Granja Portugal, Genibaú, Siqueira, dentre outros, foram os que apresentaram os maiores percentuais de pessoas em condição de extrema pobreza, alcançando quase 10% de sua população. Eles concentram 35% da população extremamente pobre da capital.

Assim, vemos que a pobreza é um dos principais elementos que caracterizam as populações vulneráveis. Todavia, é importante ressaltar que pobreza e vulnerabilidade não são iguais, mas uma população sem renda se torna muito mais vulnerável. Dados do nível educacional e da qualidade da habitação também são considerados no cálculo do índice de vulnerabilidade. Os baixos níveis educacionais implicarão em renda baixa, impedindo que estes tenham acesso à mercadoria “habitação de qualidade”, indo se alojar em favelas ou bairros distantes e sem infraestrutura e serviços urbanos.

Os setores censitários referentes aos bairros de Vila Velha e Quintino Cunha apresentam coloração escura, referente aos piores índices de vulnerabilidade social. Pelo mapa, observa-se que são setores vizinhos, com características em comum e se localizam na área de inundação do Rio Ceará e no limite entre Fortaleza e Caucaia. Estes elevados índices já estavam presentes no IVS de 2000.

Os bairros que possuem os piores índices em 2010, desfrutam de características comuns, como a presença de favelas com habitações precárias, carência de saneamento básico, altos índices de violência e centralizam as piores rendas da capital e categorias sócio-ocupacionais, com os menores níveis educacionais. A localização destes setores com piores IVS ocupam porções significativas do espaço urbano, mas também se situam em bairros de população com melhores condições de vida, das tipologias Média Superior e Média.

Em alguns bairros de Fortaleza encontram-se posicionados dentro dos mais baixos índices de vulnerabilidade, próximos do valor desejável (um). Estes se apresentam em áreas bem definidas e delimitadas, nas proximidades do centro da cidade

e naquelas formadas a partir da valorização do mercado imobiliário e equipadas de infraestrutura e serviços para atender a demanda de uma classe alta exigente. Tais espaços concentram os menores índices de vulnerabilidade social, os mais elevados níveis educacionais, de renda e a melhor qualidade das habitações.

Diferentes dos piores índices, dois bairros, Meireles e Aldeota, que já se destacavam no IVS de 2000, concentram doze dos vinte setores censitários com menor vulnerabilidade na capital. Em 2010, aparecem Mucuripe, (dois setores) no litoral; uma na continuação do Meireles; De Lourdes (um setor) e Cocó (três setores), bairros resultantes da expansão imobiliária para o setor leste. Fátima e Dionísio Torres, bairros já consolidados, também presentes no IVS de 2000 com setores com melhores IVS, conforme tabela 16.

**Tabela 16: Setores censitários com melhores índices de vulnerabilidade social 2010**

	<b>Código do setor censitário</b>	<b>Bairro</b>	<b>Tipologia</b>	<b>IVS</b>
1º	230440005120875	De Lourdes	Superior	0,9961
2º	230440005121071	Meireles	Superior	0,9955
3º	230440005120382	Meireles	Superior	0,9951
4º	230440005120609	Mucuripe	Superior	0,9924
5º	230440005120426	Cocó	Superior	0,9916
6º	230440005120139	Aldeota	Superior	0,9911
7º	230440005121121	Mucuripe	Superior	0,9908
8º	230440005120130	Aldeota	Superior	0,9906
9º	230440005121047	Aldeota	Superior	0,9906
10º	230440005120420	Cocó	Superior	0,9901
11º	230440005120105	Aldeota	Superior	0,9900
12º	230440005121042	Aldeota	Superior	0,9896
13º	230440005120425	Cocó	Superior	0,9895
14º	230440005120100	Aldeota	Superior	0,9893
15º	230440005121059	Meireles	Superior	0,9882
16º	230440005120372	Meireles	Superior	0,9880
17º	230440005120361	Meireles	Superior	0,9878
18º	230440005121072	Meireles	Superior	0,9872
19º	230440005081011	Fátima	Superior	0,9872
20º	230440005080451	Estância (Dionísio Torres)	Superior	0,9870

Fonte: IBGE, 2010

No bairro De Lourdes está o setor censitário com o melhor IVS para o ano 2010. Bairro novo da capital, implantado no ano de 2005, está entre os mais ricos da

capital com renda média entre R\$ 2000,01 e R\$ 3659,54 per capita; juntamente com Meireles, Aldeota, Guararapes, Dionísio Torres, e outros (IPECE, 2012). Este bairro apresenta também os melhores índices educacionais e de qualidade da habitação, e em alguns casos atinge o valor ideal do índice.

Assim como no ano de 2000, o Meireles e Aldeota repetem os melhores índices em 2010. Estes bairros de grande interesse do setor imobiliário são quase que totalmente verticalizados, pois tem o preço do metro quadrado como um dos mais caros da cidade. Município de excelente infraestrutura de saneamento básico, comércio e serviços reúne a população com melhores rendas, maiores níveis educacionais e conseqüentemente, as menores taxas de vulnerabilidade social. Para reforçar estas informações, outro índice elaborado pelo Observatório das Metrôpoles, o Índice de Bem-Estar Urbano (IBEU)<sup>28</sup>, que procura avaliar o bem-estar dos cidadãos com base em cinco dimensões (mobilidade urbana, condições ambientais urbanas, condições habitacionais, serviços coletivos e infraestrutura) foi considerado e indicou que nestes mesmos bairros estão as melhores condições. Conforme Pereira e Nogueira (2015)

No tocante ao atendimento de água, esgoto, coleta de lixo e energia, o espaço intraurbano de Fortaleza, em quase sua totalidade, apresenta índices superiores a 0,701. Ainda como se percebe, as áreas com melhores índices coincidem com o conjunto de áreas de ponderação onde se concentram as categorias sócio-ocupacionais médias e superiores (na porção urbana centro-litoral leste), entre eles Meireles (0,996) e Aldeota (0,962). (PEREIRA & NOGUEIRA, 2015, p. 369)

Os bairros que compõe a tipologia Superior possuem características mais homogêneas “em termos de renda *per capita* familiar, nível educacional do chefe de família, condições de moradia, etc.” (COSTA & PEREIRA, 2015, p. 313). Nesta tipologia encontram-se empresários, funcionários públicos e privados de nível superior e professores universitários, justificando assim os altos valores encontrados referentes à renda, já apontados nas pesquisas do IPECE e do Observatório das Metrôpoles.

---

<sup>28</sup> Construído a partir dos dados da PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio) para os anos de 2001 a 2009. Esse índice varia de 0 (zero) a 1 (um). Quanto mais próximo de 1, melhor é o bem-estar urbano. O IBEU é composto por três dimensões (ou indicadores): i. Indicador de atendimento de serviços coletivos; ii. Indicador de condições habitacionais; iii. Indicador de mobilidade urbana. O Indicador de atendimento de serviços coletivos considerou os domicílios atendidos adequadamente por água, esgotamento sanitário e lixo. O indicador de condições habitacionais considerou a quantidade de pessoas que moram em aglomerados subnormais e a densidade domiciliar. O indicador de mobilidade urbana considerou o tempo de deslocamento casa-trabalho das pessoas. (PEREIRA e NOGUEIRA, 2015).

Nestes setores censitários também se encontram famílias reduzidas, com uma média de três membros por residência, taxa baixa se comparada à dos domicílios dos setores que possuem os piores índices. A estrutura familiar, a quantidade de filhos, a profissão e o grau de escolaridade do chefe de família e dos demais moradores dos domicílios, a renda, a qualidade da habitação, a presença de infraestrutura e serviços proporcionam aos moradores destes setores condições de baixa vulnerabilidade social e/ou maiores facilidades de mobilização de recursos para superar as situações adversas de vulnerabilidade social a qual podem ser expostas.

Os bairros que apresentaram os melhores Índices de Bem-Estar Urbano têm os menores índices de vulnerabilidade social na capital. Pereira e Nogueira (2015) afirmam que

Ao examinar os dados fica nítida a concentração das áreas de maior bem-estar no setor centro-leste da cidade de Fortaleza. Portanto, verifica-se a sobreposição entre as áreas de maior bem-estar e os bairros de maior prestígio social de Fortaleza. As áreas com excelentes indicadores de bem-estar foram: Meireles (0,954), Joaquim Távora (0,929), Fátima (0,927) e Aldeota (0,905). No entorno dos bairros com elevado índice de bem-estar encontram-se os bairros com indicadores considerados bons. (PEREIRA & NOGUEIRA, 2015, p. 362)

Deste modo é possível afirmar que os resultados encontrados nesta pesquisa sobre vulnerabilidade social em Fortaleza, na escala dos setores censitários, confirmam outros estudos já realizados pelo IPECE (2012), Prefeitura Municipal de Fortaleza (IDH) e Observatório das metrópoles. O IVS aponta para uma cidade com características heterogêneas, espacializadas de maneira desigual no seu espaço, de forma que se concentram nas áreas periféricas os índices mais elevados de vulnerabilidade social e na porção centro-leste, áreas mais valorizadas desde o processo de formação e expansão da cidade, os melhores resultados.

#### **4.2. Os extremos no índice de vulnerabilidade social no ano de 2010 para Fortaleza**

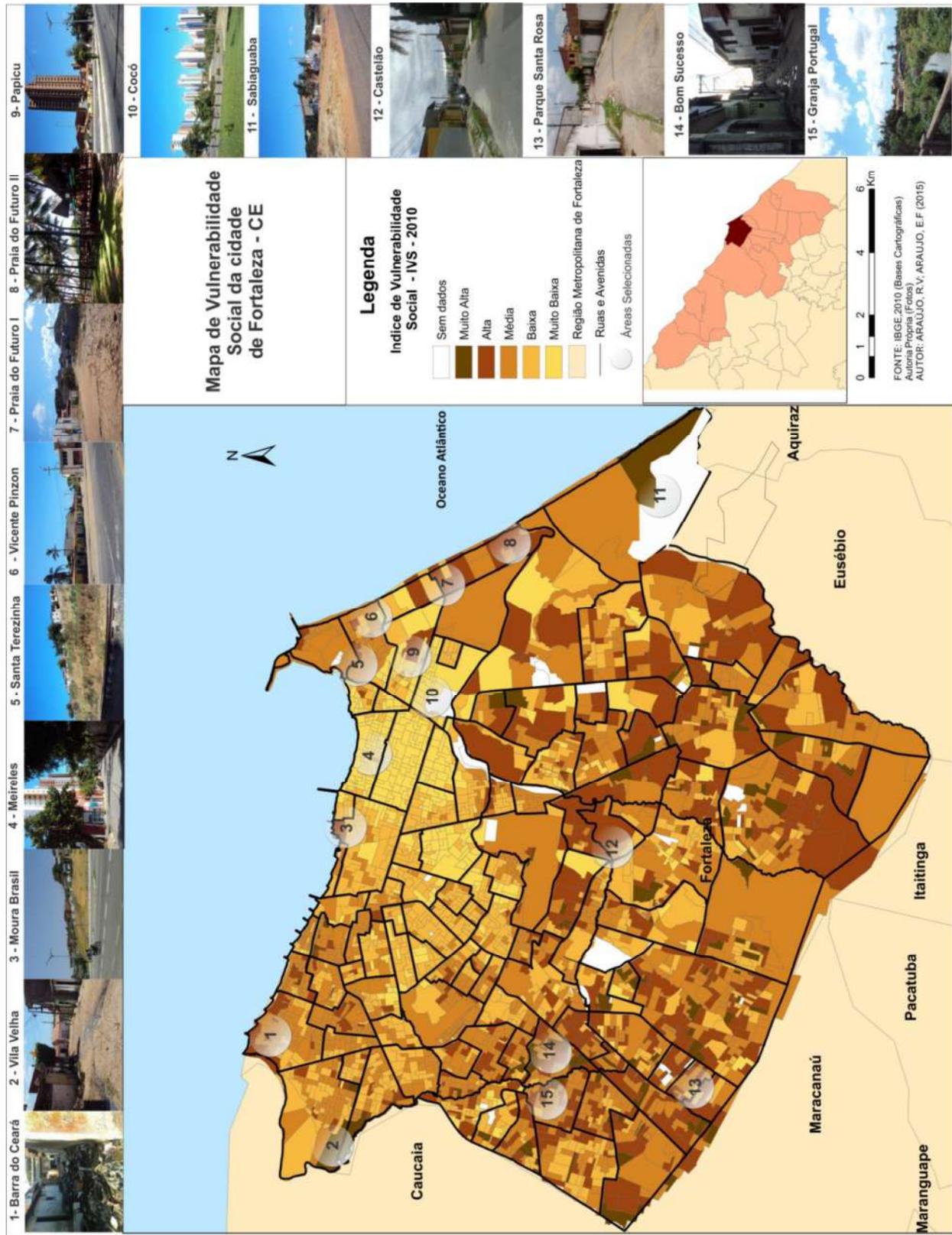
Fortaleza é uma cidade multifacetada, que não permite uma interpretação homogênea tendo em vista as contradições existentes. A partir dos cálculos e análises do IVS, observou-se nela, áreas com elevados índices de vulnerabilidade social e outras,

com baixos e até baixíssimos índices, mostrando o quanto a capital é desigual em suas diferentes faces.

Com base nas informações que compõem o IVS foram selecionadas áreas de acordo com os melhores e os piores resultados acerca da vulnerabilidade social para estudos mais detalhados, o que permite comparações e discussões mais profundas a respeito da espacialização do IVS para 2010. A seleção das regiões foi feita com base na concentração de setores censitários, observados no mapa do IVS de 2010.

O trabalho de campo foi fundamental para identificar na cidade as áreas mais e menos vulneráveis, o que é visível pelas diferentes paisagens, como ilustra o mapa 16.

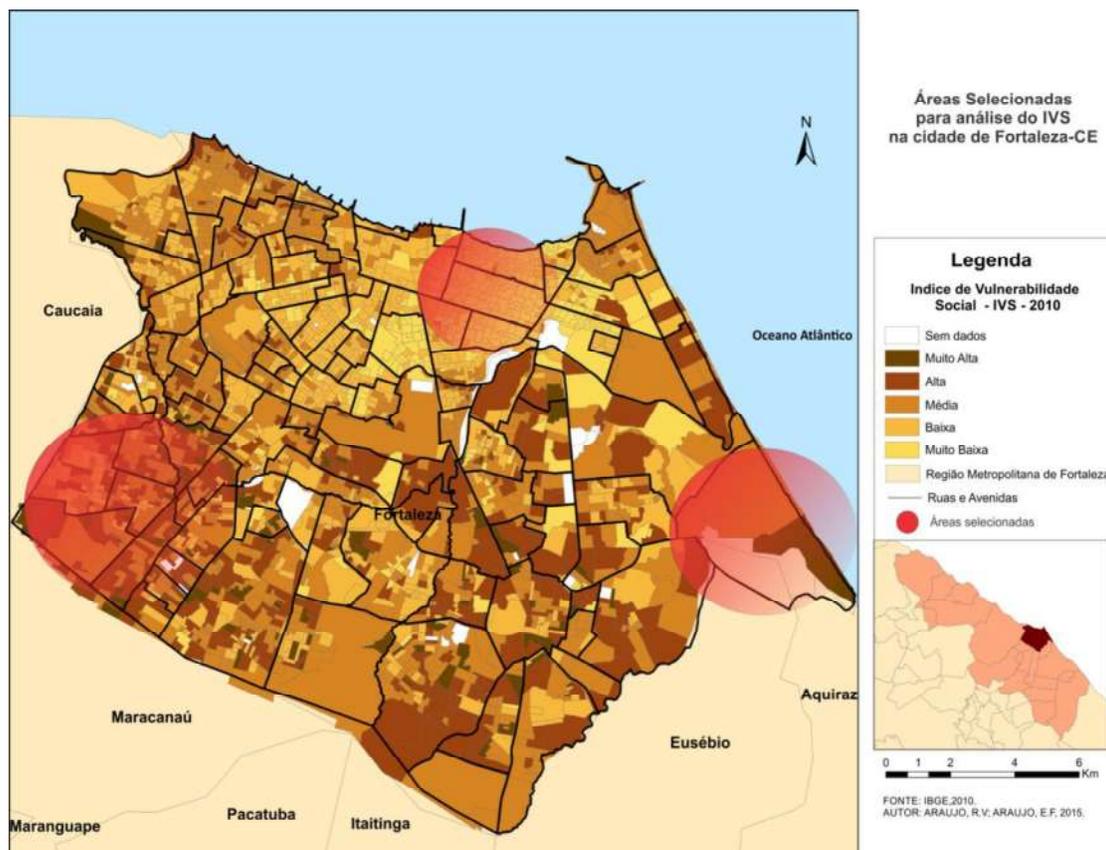
Mapa 16: Mapa mosaico de vulnerabilidade social de Fortaleza – 2010



A heterogeneidade de Fortaleza está representada no mapa da espacialização da vulnerabilidade social nas fotografias que revelam as contradições no espaço urbano. Tais imagens reforçam as distintas faces da cidade e o modo de viver nas áreas visitadas durante a pesquisa.

A partir dos dados do IVS e do trabalho de campo, selecionou-se áreas da capital para maior detalhamento e discussão sobre vulnerabilidade social. Delimitaram-se áreas que apresentavam características diversas, em conformidade com a sua formação, dados socioeconômicos, demográficos, disponibilidade de infraestrutura e serviços, como também diferenças nos índices de vulnerabilidade social. A investigação de campo buscou discutir os índices e outros dados estatísticos levantados e assim contribuir com uma leitura das desigualdades sociais em Fortaleza. As áreas selecionadas estão indicadas no mapa 17.

**Mapa 17: Áreas selecionadas para análise do IVS na cidade de Fortaleza - CE**



Três áreas foram selecionadas com objetivo de discutir como a vulnerabilidade social se materializa na capital em suas diferentes formas. Duas foram escolhidas em razão dos altos índices, mas estas apresentam características distintas. A primeira, na porção sudoeste da capital, congrega um conjunto de bairros com um número significativo de setores censitários e alta concentração populacional. A segunda, no extremo leste, Sabiaguaba, corresponde a apenas um bairro, conta com três setores censitários e tem baixa pressão demográfica. A terceira área selecionada corresponde a dois bairros da capital, localizados ao leste, concentrando os melhores índices de vulnerabilidade social, definidos como baixo e muito baixo. Todavia, encontraram-se nestes bairros, setores censitários com índice de vulnerabilidade social média o que os diferencia de seu entorno. Tais espaços serão detalhados a diante.

#### *4.2.1. Áreas com os piores índices de vulnerabilidade social - 2010*

##### Porção Sudoeste da Capital

A porção sudoeste de Fortaleza, com grande adensamento populacional engloba os bairros do Bom Jardim, Granja Portugal, Bom Sucesso, Siqueira, Canindezinho, Granja Lisboa, Parque Santa Rosa, Parque Presidente Vargas e outros, que tem em média 40 setores censitários por bairro. Estes locais não possuem uniformidade e apresentam setores censitários com índices elevados de vulnerabilidade social.

O recorte espacial se deu com o propósito de discutir a vulnerabilidade nestas áreas que apresentam índices mais elevados em comparação às outras áreas da cidade. Em Fortaleza, encontram-se outros locais com altos índices, no entanto, neste recorte, a situação mostra-se de maneira mais crítica. O crescimento populacional nestes bairros foi acentuado nas últimas décadas, o Bom Jardim, por exemplo, duplicou sua população, entre 1991 e 2000. De acordo com os dados encontrados no IVS, esses espaços agregam uma população com baixa renda, as maiores taxas de analfabetismo e também em condições mais precárias de habitação. Outras características comuns em alguns setores mais vulneráveis são o lixo acumulado nas ruas e nos recursos hídricos, esgotos a céu aberto, habitações minúsculas e precárias, localizadas em becos e ruas estreitas, praticamente na planície de inundação dos rios. No bairro Granja Portugal,

onde foi encontrado um dos vinte setores censitários com piores IVS, observam-se residências às margens do rio e obras inacabadas do projeto de urbanização do Rio Maranguapinho, com edificações demolidas e um calçadão incompleto (Figuras 05 e 06).

**Figuras 05 e 06: Habitações próximas às margens do rio Maranguapinho e casas demolidas para execução de obra da Prefeitura - Bairro Granja Portugal**



Fonte: ARAÚJO, 2015



Fonte: ARAÚJO, 2015

A ausência de saneamento básico contribui para problemas sociais e ambientais. Das várias casas que estão localizadas bem próximas às margens dos rios, que praticamente passam pelos quintais das residências, são depósitos de lixo e esgotos, jogados pelos próprios moradores. Isto contribui, sistematicamente, para a poluição do rio e enchentes em períodos chuvosos, bem como para a proliferação de doenças. Habitar nas proximidades de rios, de maneira irregular como ilustra a imagem fortalece a máxima de que *só se mora bem nos grandes centros urbanos quem detém melhores condições financeiras*. O preço da terra nos espaços com infraestrutura e serviços é alto, o que expulsa a população carente para habitações precárias na periferia urbana, deficiente de infraestrutura e serviços.

Estes bairros são ocupados por população de baixa renda que não tem condições financeiras de acesso às áreas mais valorizadas. As taxas de analfabetismo são baixas, mas a qualidade da habitação ainda deixa muito a desejar. A figura 07 ilustra sobre a forma de habitar os diferentes bairros da capital.

**Figura 07: Habitação precária, no bairro Granja Portugal - Avenida Emílio de Meneses**



Fonte: ARAÚJO, 2015.

Outro destaque da área sudoeste da cidade é o bairro Bom Jardim, que começou a crescer de forma desordenada, na década de 1970, sem a devida estrutura urbana. Ao lado dele, outros bairros também se formavam motivados, principalmente, pelo baixo preço da terra, favorecendo a ocupação de uma população de menor poder aquisitivo. Uma característica bem marcante desta área é a presença do Rio Maranguapinho, um dos maiores afluentes do Rio Ceará, que passa por vários bairros da região sudoeste da capital.

Tais bairros se expandiram de maneira acelerada, sem receber investimentos do poder público. Falta saneamento, coleta de lixo e as habitações são debilitadas. Os habitantes utilizam o rio como depósito de lixo provocando a poluição ambiental. A ausência de fiscalização e obras do poder público incentivou uma ocupação desorganizada, sem a preservação da natureza e com péssimas condições de moradia e higiene. O modo de viver imprime marcas no espaço urbano da capital que são perceptíveis ao caminhar pelos bairros, confirmando dados de vulnerabilidade social.

A história do Bom Jardim foi marcada por muitas dificuldades, mesmo assim, seus moradores não se acomodaram e lutaram para transformar a realidade socioeconômica do bairro. Segundo matéria do Jornal O Povo (2015): “Hoje, a avaliação é de que a situação do bairro já melhorou muito. Isso pode ser observado, por exemplo, no aumento do número de estabelecimentos comerciais na região”.

O aumento no número de estabelecimentos comerciais e de serviços para atender as necessidades e evitar grandes deslocamentos para os moradores foi uma das alternativas encontradas para movimentar a economia local e garantir empregos. Vislumbra-se o mercado (atividade comercial) como gerador de estruturas de oportunidades (emprego e renda), contribuindo para mudar o perfil das famílias de modo a promover a diminuição da vulnerabilidade social, além de melhorar as condições de vida local com oferta de bens e serviços. (figura 08).

**Figura 08: Mosaico de imagens - alguns estabelecimentos comerciais no bairro Bom Jardim**



Fonte: ARAÚJO, 2015

No mosaico, as imagens mostram a presença de estabelecimentos comerciais de cadeias regionais e locais, situados na Avenida Oscar Araripe, principal via de acesso ao bairro e onde circulam os principais ônibus que têm suas linhas no Bom Jardim. Os vários estabelecimentos comerciais encontrados lá vão desde empreendimentos locais aos regionais, como é o caso, por exemplo, dos supermercados, farmácias e academias do bairro, como também da presença da loja Macavi de eletrodomésticos e móveis da capital nordestina que tem cerca de 100 filiais no Ceará e outras no Piauí.

O Grande Bom Jardim, para a PMF, engloba os bairros Bom Jardim, Siqueira, Canindezinho, Granja Portugal e Granja Lisboa; marcados por alta vulnerabilidade social, resultado da carência de infraestrutura e dos baixos níveis de renda. Chama atenção da imprensa, a violência urbana que causa grandes prejuízos à população e dificulta o crescimento econômico da área. O Bom Jardim, em 2009, ocupou a primeira posição entre os bairros com maior incidência de homicídios de Fortaleza<sup>29</sup>. Nos quatro primeiros meses de 2013, foram contabilizados 22 homicídios ficando atrás apenas da Barra do Ceará, com 28 casos (Jornal O Povo, 2015). A violência, sobretudo ligada ao tráfico de drogas, acaba funcionando como um passivo a impedir que a comunidade e as famílias superem as adversidades e saiam da condição de vulnerabilidade elevada.

Entretanto, no contexto de uma década, recorte temporal da pesquisa, mesmo com todos os problemas apontados, o bairro Bom Jardim teve significativa melhora nos dados de vulnerabilidade social, tendo em vista que nos anos 2000 as taxas variavam basicamente de alta a muito alta. Nos dados de 2010, as taxas variam entre média e alta, e apenas dois setores censitários estavam entre os vinte piores e dentro deles apresentam índices muito alto de vulnerabilidade social.

As melhorias nas condições de esgoto e também de coleta de lixo auxiliaram para a diminuição nos índices de vulnerabilidade, porém, como já destacamos a quantidade de estabelecimentos comerciais também foi importante para melhorar a renda, gerando empregos para a população local, sobretudo para os jovens. Conforme constatado em conversas informais com alguns funcionários e gerentes de supermercados, foi observado que a mão de obra destes estabelecimentos vem do

---

<sup>29</sup> Segundo estudos do Laboratório de Direitos Humanos, Cidadania e Ética da Universidade Estadual do Ceará - LabVida - UECE, Laboratório de Estudos da Conflitualidade da Universidade Estadual do Ceará - COVIO - UECE e Laboratório de Estudos da Violência da Universidade Federal do Ceará - LEV - UFC.

próprio bairro. São jovens e adultos que estão concluindo ou que já concluíram o ensino médio e tem oportunidade de ter um emprego perto de casa e assim reforçar a renda familiar. Outro equipamento importante para os moradores do bairro e adjacências e que funciona como um ativo é o Centro Cultural Bom Jardim (CCBJ - figuras 9 e 10), que oferece atividades artísticas e culturais e cursos para a população jovem e adulta.

### **Figuras 09 e 10: Centro Cultural Bom Jardim - CCBJ**



Fonte: Internet. Disponível em: <http://www.ccbj.org.br/index.html>

Inaugurado em 2006, segundo informações do seu próprio site, o CCBJ possui uma sala de audiovisual com equipamentos modernos de áudio e vídeo, além de um teatro de arena, salas multiuso, ilha digital, laboratório para gravações musicais e outros ambientes destinados a atividades artísticas e culturais. O CCBJ oferta cursos de artes visuais e história da arte, artesanato e gastronomia (tendo como parceiro o curso de gastronomia da UFC), moda e design de moda, informática e mídias digitais, danças (balé; dança contemporânea, etc.).

Com as atividades e as parcerias firmadas com órgãos públicos, o CCBJ oferece à população local, qualificação profissional e atividades culturais que vão incidir de maneira significativa na vida destas pessoas, oferecendo a esta comunidade vulnerável socialmente, alternativas contra o mundo da violência e do tráfico de drogas.

Os bairros da porção sudoeste da capital ainda apresentam taxas elevadas de vulnerabilidade social. Embora o CCBJ, as escolas, as creches, os estabelecimentos comerciais apresentem-se como geradores de estruturas de oportunidades, as condições de infraestrutura sanitária, rede de esgoto, coleta de lixo, segurança e outros equipamentos urbanos ainda não foram suficientes para que a população superasse a

situação de vulnerabilidade, apresentando ainda índices que variam de médio a alto para o IVS 2010.

### Sabiaguaba

O bairro Sabiaguaba, localizado no extremo leste de Fortaleza, foi escolhido por apresentar índices de vulnerabilidade social médio e alto, contando com apenas três setores censitários, uma população de 2.094 habitantes, 582 domicílios (tabela 17). Faz parte do litoral, entretanto possui dinâmica urbana diferenciada se comparado a outros espaços litorâneos da capital, tais como a Praia de Iracema, Avenida Beira Mar, áreas que concentram atividades turísticas e com ampla rede hoteleira.

**Tabela 17: Total de domicílios e população da Sabiaguaba por setores censitários - 2010**

<b>Código do setor censitário</b>	<b>Quantidade de domicílios</b>	<b>Quantidade da população</b>
230440065110334	107	364
230440065110335	290	1056
230440065110337	185	674
<b>TOTAL</b>	<b>582</b>	<b>2.094</b>

Fonte: IBGE, Censo Demográfico, 2010.

Uma população com baixos rendimentos e baixa qualidade de habitação tem na variável “ausência do esgoto”, o maior peso sobre o índice de qualidade da habitação. A variável da educação, que mede a quantidade de responsáveis por domicílios analfabetos apresenta valores que denotam que são poucos os domicílios chefiados por pessoas sem alfabetização. Conforme está representado na tabela 18.

**Tabela 18: Índices de habitação, renda e educação de Sabiaguaba - 2010**

<b>Código do setor censitário</b>	<b>Habitação</b>	<b>Renda</b>	<b>Educação</b>
230440065110334	0,621495	0,601246	0,919882
230440065110335	0,581034	0,595402	0,889398
230440065110337	0,946847	0,639641	0,913274

Fonte: IBGE, Censo Demográfico, 2010. Dados tabulados o IVS 2010.

A tabela abaixo revela que os indicadores de renda e qualidade da habitação justificam os Índices encontrados. Ao detalhar as condições de saneamento, observa-se

que dos 582 domicílios, 410 não possuem ligação com esgoto ou fossa, elevando o índice de qualidade da habitação a números indesejados. (tabela 19)

**Tabela 19: Situação dos domicílios do bairro Sabiaguaba de acordo com o esgotamento sanitário - 2010**

<b>Código do setor censitário</b>	<b>Total de domicílios</b>	<b>Ligados à rede de esgoto</b>	<b>Ligados à fossa séptica</b>	<b>Não possui ligação com esgoto ou fossa séptica</b>
230440065110334	107	0	0	107
230440065110335	290	3	3	284
230440065110337	185	30	136	19
<b>TOTAL</b>	<b>582</b>	<b>33</b>	<b>139</b>	<b>410</b>

Fonte: IBGE, Censo Demográfico, 2010.

Analisando os números brutos referentes ao esgoto, confirma-se uma elevada carência, visto que dos três setores censitários apenas um possui boa parte dos seus domicílios ligados à rede de esgoto ou fossa séptica, predominando, então, o uso de fossa séptica nesses domicílios. Nos outros dois setores a situação é bem mais deficitária com a ausência de instalações de esgoto nas residências que é destinado a outros locais, já que os domicílios não possuem ligação com fossa séptica e é inexistente a rede de esgoto nestes espaços.

Na pesquisa intitulada “As condições domiciliares dos bairros”<sup>30</sup> (IPECE, 2012), Sabiaguaba ocupa o segundo lugar entre os bairros com piores desempenhos de infraestrutura domiciliar de Fortaleza. A explicação para esta carência pode estar relacionada à baixa densidade demográfica:

(...) O mau posicionamento dos bairros Manuel Dias Branco e Sabiaguaba pode estar provavelmente correlacionado com a baixa densidade demográfica e o elevado custo fixo para ampliação do acesso à energia elétrica, água, e especialmente da coleta de esgoto. Além disso, tais bairros exibem fatores geoambientais que podem restringir a disponibilização dos serviços públicos devido à vizinhança com a área de preservação do parque do Cocó. (IPECE, 2012, p. 11)

<sup>30</sup> O IPECE Pesquisa, com base nos dados do censo demográfico do IBGE de 2010, analisa a posição dos 119 bairros de Fortaleza individualmente, quanto ao abastecimento de água, esgotamento sanitário, coleta de lixo e de acesso à energia elétrica. Foi gerado, também, um Índice Sintético de Condições Domiciliares (ICD), visando identificar quais bairros têm as melhores e piores condições, levando-se em consideração a análise conjunta dos cinco indicadores.

Com a ausência de saneamento, os resíduos descartados pelas residências, são lançados nos recursos hídricos ou no solo, aumentando os riscos para a saúde de seus moradores. O plano de manejo para as Unidades de Conservação (UC's) da Sabiaguaba, o Parque Natural Municipal das Dunas (PNMD da Sabiaguaba) e a Área de Proteção Ambiental (APA da Sabiaguaba), criadas, respectivamente, pelos decretos 11.986 e 11.987 de fevereiro de 2006 apontam para poluição dos recursos hídricos e do solo.

Em virtude da falta de saneamento, esse tipo de ambiente tem recebido toda a carga de efluentes provenientes dos usos residenciais, como também grande parte dos resíduos sólidos urbanos, dada a ineficiência do sistema de coleta pública. Existem riscos iminentes de inundação e contaminação hídrica e consequente risco de transmissão de doenças. (PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA, 2010, p. 83).

A partir disto pode-se perceber que a Sabiaguaba, embora tenha uma densidade demográfica baixa, possui graves problemas sociais, econômicos e ambientais, assim como outros bairros da capital com contingente populacional elevado. Neste contexto a vulnerabilidade se manifesta nas famílias e nos grupos sociais que nele habitam. Os dados do censo e o IVS expressam a forma de habitar e as condições sociais da população deste bairro, entretanto, no trabalho de campo, foi possível identificar particularidades que expressam a vulnerabilidade social. A área da Sabiaguaba é identificada como um dos vazios urbanos, fato também percebido na pesquisa de campo. A ocupação é rarefeita, com ruas sem pavimentação, poucas residências e a areia das dunas é encontrada por entre as casas.

A vulnerabilidade social no bairro Sabiaguaba, apontada através do IVS, está representada nas imagens deste mosaico (Vide figura 11) e expressam o modo de vida da população local. Na imagem 1 do mosaico, está uma das principais vias de acesso para o bairro; apesar de asfaltada, é possível identificar durante o percurso que as obras ainda não foram finalizadas. Algumas edificações, próximas às vias, são simples e unifamiliares, o que difere de grande parte do litoral leste de Fortaleza, marcado pela verticalização, sobretudo pelos condomínios de luxos e hotéis para atender a demanda da atividade turística.

**Figura 11: Mosaico de imagens do bairro Sabiaguaba**



Fonte: ARAÚJO, 2015

O bairro é caracterizado como uma área de vazio urbano, e isto pode ser visto na imagem 2 (Figura 11). Pequena quantidade de casas, próximas às dunas e distantes uma das outras, demonstrando a baixa densidade populacional. A imagem 3 ilustra a precariedade das residências, construídas praticamente sobre as dunas, onde inexistente saneamento básico. Na imagem 4 vê-se uma residência situada bem próxima ao campo de dunas e da via principal do bairro. Na visita ao bairro, realizada em um feriado, observou-se um grande número de pessoas nas paradas de ônibus e um elevado fluxo de veículos na via principal. Embora a dinâmica do bairro seja diferente de outras zonas de praia da cidade, o lazer e os banhos de mar também podem ser notados. As barracas se apresentam em pequena quantidade e possuem uma estrutura simples se comparadas aos grandes complexos de barracas existentes, sobretudo, na Praia do Futuro. No entanto, o local não deixa de ter um público que também busca lazer e diversão.

O uso para fins recreativos da Faixa de Praia se concentra nos fins de semana e ocorre em maior densidade nas áreas onde estão dispostas as barracas. Existem duas linhas de ônibus, chamadas de Sabiaguaba e Abreulândia, que

atendem esses pontos e nos finais de semana recebem um incremento para atender as demandas da população. Elas partem do terminal de Messejana e percorrem os bairros Lagoa Redonda e Sapiranga-Coité. (PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA, 2010, p. 82).

Além das barracas que se colocam como espaços de lazer, existem também dois restaurantes situados às margens do rio Cocó que possuem uma estrutura maior e mais organizada que atrai um grande público oferecendo aos seus clientes música ao vivo, DJ's e “um belo pôr do sol”, diariamente. As figuras 12 e 13 ilustram um pouco da dinâmica desses ambientes.

### Figuras 12 e 13: Página das redes sociais e carros estacionados nas proximidades dos estabelecimentos comerciais



Fonte: Internet – Facebook



Fonte: ARAÚJO, 2015

As propagandas dos restaurantes estão nas redes sociais (figura 12), uma forma de divulgar seus empreendimentos. Os dois restaurantes (figura 13) estão localizado um ao lado do outro, e a presença dos carros mostra a movimentação do lugar. É possível ver lixo jogado na rua nas proximidades dos restaurantes e dos locais de estacionamento. Este fato serve para destacar que a coleta de lixo é deficiente. Dos 587 domicílios que formam o bairro, 127 deles não tem seu lixo coletado por serviço de limpeza ou caçamba, correspondendo a quase 22% do total de domicílios existentes no local.

Diante dos dados e do trabalho de campo é possível afirmar que os setores censitários que formam o bairro Sabiaguaba possuem um déficit de ativos que impossibilita a superação das condições de vulnerabilidade, especialmente, se

compararmos que entre 2000 e 2010, quase não houve modificações na distribuição da rede de esgoto e coleta de lixo do local.

#### ***4.2.2. Áreas com melhores índices de vulnerabilidade social - 2010***

O mapa do IVS permite compreender a espacialização da vulnerabilidade social na capital. Os índices mais elevados se concentram, especialmente, na periferia. Logo, na área central da cidade, local onde a mesma se originou, e suas áreas vizinhas, encontram-se os menores índices de vulnerabilidade social.

A área que abrange os bairros Aldeota e Meireles é apresentada na pesquisa como um dos espaços com os menores índices de vulnerabilidade social da capital, juntamente com os bairros Cocó, Fátima e Dionísio Torres. A escolha destes bairros se justifica por centralizarem os mais baixos índices de vulnerabilidade social em praticamente todos os setores censitários, salvo pouquíssimas exceções, que merecem atenção especial. Numa porção central, no limite dos dois bairros, encontram-se quatro setores que possuem índices baixos e médios, porém, frente aos piores índices encontrados na cidade, estes setores ainda possuem bons índices.

Os baixos índices de vulnerabilidade presentes hoje nestes espaços são reflexos do processo de formação e expansão da cidade que se deu a partir da valorização de determinados espaços pela elite local. Tais espaços passaram a ser mais prestigiados pela população a partir da década de 1970, com a implantação de uma gama de serviços e infraestrutura. Accioly (2008) afirma:

A área leste, Aldeota e Meireles, bairros da elite, de grande referência simbólica, desde a década de 1970, consolidam-se como centralidade alternativa da área central. Além de abrigar a elite e segmentos médios altos, congrega as mais modernas atividades financeiras, comerciais e serviços, sendo alvo preferencial dos promotores imobiliários. Destacam-se como vetores de expansão destes bairros as avenidas Dom Luís e Santos Dumont, que estabelecem ligações, na direção leste, com os bairros Papicu, Varjota, Dunas, Praia do Futuro, Cocó, e as avenidas Desembargador Moreira da Rocha e Senador Virgílio Távora, que estabelecem ligações, na direção sul, com os bairros Dionísio Torres, Água Fria, Cocó e as saídas da cidade, pela rodovia BR- 116.

Aldeota, bairro já totalmente loteado e construído, sem terrenos disponíveis e alto valor dos terrenos passa por um processo de destruição das antigas residências. Recentemente, diante da valorização da área, prédios de três pavimentos são demolidos e substituídos por torres de apartamentos. A orla marítima norte é praticamente ocupada por edifícios de apartamento de alto luxo, com mais de 300 m<sup>2</sup>, cadeias de grandes hotéis, apart-hotéis e restaurantes. (ACIOLLY, 2008, p. 265-264)

Estes bairros, com infraestrutura, comércio e serviços mais sofisticados, são ocupados por moradores com melhores rendas e índices educacionais resultando nos melhores índices de vulnerabilidade social da capital.

Esta centralidade alternativa à área central, conforme afirma Aciolly (2008), conta com grande quantidade de lojas que ofertam ao público uma variedade de artigos, que vão desde alimentos, roupas de grife até restaurantes de alto padrão. Há também os serviços bancários, shoppings, torres empresariais e comerciais. (figuras 14 e 15).

### **Figuras 14 e 15: Estabelecimentos comerciais nos bairros Aldeota e Meireles**



Fonte: Google Street View, 2013

Nestes bairros, predominam os condomínios verticais, com áreas de lazer, piscinas, cercados por grandes muros e protegidos por cercas elétricas, sistemas de alarmes e segurança armada. No Meireles, encontra-se o metro quadrado mais caro da capital cearense, em torno de 15 mil reais (Jornal O Povo, 2015). Eis uma das justificativas para a convergência nestes espaços da população com maiores rendas e níveis educacionais. Conforme o economista Vicente Ferrer, em entrevista para o Jornal Tribuna do Ceará:

O Meireles é o bairro das pessoas com as maiores rendas, com maior nível de escolaridade, que detém poder político e econômico, que viajam para o exterior, que tem planos de saúde, que circulam em vias pavimentadas, urbanizadas e frequentam os melhores estabelecimentos comerciais de Fortaleza [...]. (MONTE, 2014)

Meireles e Aldeota destacam-se também por apresentarem os dois melhores IDH da cidade, 0,953 e 0,867, respectivamente. Meireles lidera nas variáveis relacionadas à educação e à renda e fica em quinto lugar na variável da longevidade,

mesmo assim ainda tem o melhor IDH da capital<sup>31</sup>, (PMF, 2012). Nestes bairros também estão os melhores índices de vulnerabilidade social. São neles que predominam os setores com os melhores índices e a média entre os setores existentes neles são: 0,9606, no Meireles e 0,9565 na Aldeota. Entretanto, alguns setores censitários se destacam pela contradição que estes apresentam diante dos melhores índices.

Em meio aos setores com índices baixíssimos de vulnerabilidade social, dois apresentaram IVS mais baixos, com os respectivos valores 0,77 e 0,85, considerados médios. Estes setores correspondem à área da comunidade do Campo do América, área de ocupação em terreno do INSS.

A comunidade do Campo do América, situado no bairro Meireles e limite com o bairro Aldeota, existe nas proximidades do campo há mais de 100 anos, em uma área de mais de quatro mil metros, onde moram aproximadamente quatro mil famílias. O Campo do América funciona como local de lazer e também sedia campeonatos de futebol suburbano e outros eventos da comunidade. É perceptível o contraste entre a Comunidade do Campo do América e seus arredores, e este, foi captado no trabalho de campo por meio das fotografias. A comunidade parece “se perder” em meio aos edifícios do seu entorno. (Ver figuras 16 e 17).

**Figuras 16 e 17: Comunidade do Campo do América cercada de moradias verticalizadas**



Fonte: ARAÚJO, 2015



Fonte: ARAÚJO, 2015

<sup>31</sup> Pesquisa realizada pela Secretaria de Desenvolvimento Econômico da PMF (2012), com no Censo Demográfico do IBGE (2010), utilizou a metodologia adotada pela ONU. Analisou indicadores de renda, educação e longevidade da população, com a classificação de IDH variando de 0 a 1. Quanto mais próximo de 0 pior o IDH, quanto mais próximo de 1 melhor o IDH.

As edificações da comunidade são pequenas, em lotes muito estreitos (três a cinco metros), algumas com um ou dois pavimentos, de uso misto (residencial; comércio e/ou serviços). Nelas se encontram pequenos comércios e serviços que atendem não só a comunidade, mas também os condomínios do entorno tais como: mercadinhos, vendas de água, etc.

O pequeno porte das construções transforma a calçada em uma continuação da casa, onde sempre se encontram crianças, jovens e idosos a qualquer hora do dia e a noite. Os moradores vivem e usufruem do bairro. Nas calçadas, em suas cadeiras, estão trabalhando ou conversando com os vizinhos, hábito bem diferente dos moradores dos condomínios de luxo à sua volta. No Meireles e Aldeota, o estilo de vida reservado e os grandes prédios cercados de toda segurança não favorece o contato com os vizinhos, característica mais comum das periferias.

A comunidade do Campo do América cresceu ao redor de um campo de um antigo time da capital, eis a razão de seu nome. O campo é para os moradores um local de lazer e identidade, mas durante muito tempo ele permaneceu abandonado pelo poder público ficando em condições precárias, o que não permitia seu uso pela comunidade. (Figura 18).

**Figura 18: Comunidade Campo do América antes da reforma do campo**



Fonte: Blog Jornal O Povo, 2012.

A imagem, datada de 2012 possibilita duas análises: a primeira nos remete a um campo só com areia e mais nada; é possível perceber que o único espaço de lazer da comunidade encontrava-se totalmente destruído, sem grama nem arquibancadas, enfim, não apresentava o que podemos caracterizar como um campo de futebol. A segunda

análise está focada no segundo plano da imagem. A comunidade rodeando o campo, com casas horizontais e simples e em volta da comunidade os edifícios onde habita grande parte da elite de Fortaleza, aquela que concentra as melhores rendas, níveis educacionais e os menores índices de vulnerabilidade social. A imagem aponta as contradições existentes na cidade e dentro dos próprios bairros que a compõe.

Entretanto, o campo é o símbolo da comunidade, e depois de tanto tempo abandonado pelo poder público passou por uma reforma. Depois de longa disputa, a PMF oficializou a compra do terreno em 2013 pelo valor de 2,8 milhões de reais, e em junho de 2014 o campo foi entregue à comunidade com uma obra orçada em quase 1 milhão de reais. Esta reforma realizada pelo poder público é o reflexo da luta da comunidade, que tem a função de provedor de novos ativos e/ou de regeneração dos existentes. O campo do América antes era um recurso que a comunidade tinha, mas não estava sendo utilizado efetivamente devido às limitações, no entanto, a comunidade (ao lutar por sua posse) e o Estado (ao comprar o campo e reformar) resgatou este recurso que trará benefícios à comunidade do Campo do América.

Ainda no trabalho de campo foi possível perceber a relação da comunidade e do uso dado a este espaço. Ocorria um jogo de futebol com muitos expectadores, torcida e time organizado. O campo é um local de interação entres os habitantes do bairro, momento de sociabilidade e diversão, uma forma de lazer gratuito. (figuras 19 e 20).

### **Figuras 19 e 20: O novo Campo do América**



Fonte: ARAÚJO, 2015



Fonte: ARAÚJO, 2015

A imagem 19 mostra uma faixa de comemoração de um ano de reforma, com a frase: “*Areninha Campo do América 1 ano de esporte e lazer para a cidade*”. A Imagem 20 mostra um jogo, onde se vê a comunidade rodeada de condomínios verticais. O Campo do América serve como espaço de lazer e entretenimento para a comunidade local sendo assim um ativo que pode ser usufruído tanto pelos jovens como pelos adultos, favorecendo até que determinados grupos vejam no esporte uma alternativa para se distanciar das drogas e marginalidade. De acordo com notícia do site da PMF, existe na comunidade há 18 anos, um projeto intitulado “Crack só de bola” que é coordenado por um morador, que procura manter as crianças e os jovens longe das drogas.

Os setores que compõe a área da comunidade do Campo do América possuem IVS piores aos das áreas que o cercam, que são de índices baixíssimos de vulnerabilidade social. Os moradores do Campo do América apresentam IVS médios. (tabela 20).

**Tabela 20: Dados dos setores censitários do Campo do América**

	<b>Índice de Qualidade da habitação</b>	<b>Índice de Renda</b>	<b>Índice de Educação</b>	<b>IVS</b>
230440005120355	0,979798	0,540404	0,906694	0,808965
230440005121069	0,997748	0,569820	0,968468	0,845345

Fonte: Censo demográfico, IBGE, 2010.

Consideramos os índices médios nestes setores censitários como resultados dos baixos rendimentos dos chefes de família, mas, em termos de qualidade da habitação e educação eles possuem bons indicadores. Isso permite dizer que a infraestrutura ofertada em Meireles e na Aldeota é também usufruída pelos habitantes da comunidade, tendo em vista que estes bairros conservam ótimas condições de esgotamento sanitário, coleta de lixo e distribuição de água. Quanto ao indicador de nível educacional é levado em consideração apenas ao número de chefes de família analfabetos, o que é muito pequeno na comunidade.

Outro fator que funciona como ativo para a superação da qualidade de vulnerável desta comunidade é a presença de serviços e comércios que permite à população local compartilhar desses recursos para assim torná-los ativos, sendo eles

gerados pelo Estado (escolas, creches, postos de saúde) e pelo mercado (lojas, shoppings, serviços bancários), proporcionando empregos, pois se acredita que parte da população local desempenha funções nos estabelecimentos de bairros próximos e nas residências atuando como diaristas, empregadas domésticas, babás, porteiros, etc.

Nas edificações de uso misto, se encontram pequenos comércios e serviços que atendem não só a comunidade, mas também os condomínios da vizinhança, tais como mercadinhos, salões de beleza, oficinas, lanchonetes, docerias, tapioqueiras e outros profissionais como estofadores, eletricitas, mecânicos, bombeiros, pedreiros, costureiras, domésticas, faxineiras, etc.

Contudo, pode-se dizer que os baixíssimos índices de vulnerabilidade social nestes bairros contribuem de maneira positiva para que a comunidade do Campo do América tenha também índices médios e baixos, na medida em que muitos recursos ofertados a estes bairros são também desfrutados por esta comunidade.

As três áreas destacadas para análise, detalhada dos seus índices e suas características, apontam para as diferenças e desigualdades existentes na cidade. Estas áreas se distinguem não só pelos índices encontrados, mas também pelos seus aspectos populacionais. A produção espacial na cidade se dá de forma desigual e com base na atuação dos diferentes agentes, com interesses diversos. A paisagem urbana reflete a ação destes agentes. A produção espacial na cidade não diz respeito apenas à ação do Estado, mas também da atuação dos movimentos sociais que pressionam o poder público para atender às suas demandas. Correa afirma que

A produção do espaço, seja o da rede urbana, seja o intraurbano, não é o resultado da “mão invisível do mercado”, nem de um Estado hegeliano, visto como entidade supraorgânica, ou de um capital abstrato que emerge de fora das relações sociais. É consequência da ação dos agentes sociais concretos, históricos, dotados de interesses, estratégias e práticas espaciais próprias, portadores de contradições e geradores de conflitos entre eles mesmos e com outros segmentos da sociedade. (CORRÊA, 2013, p. 43)

A produção do espaço se dá a partir da ação e dos interesses de vários agentes. Algumas áreas da cidade, marcadas pela vulnerabilidade social, demonstram que as conquistas sociais não se distribuem homoganeamente no espaço e dependem da força e da organização destes agentes. O Estado, o mercado e a comunidade podem ou não

reduzir a vulnerabilidade social através da mobilização e aproveitamento dos recursos e estruturas de oportunidades que são oferecidas.

O papel dos agentes geradores de estruturas de oportunidades no contexto da produção do espaço, nada mais é que fornecer recursos para a superação das adversidades, permitindo mudanças nos índices de vulnerabilidade, criando espaços mais homogêneos e democráticos, diminuindo as contradições na cidade e permitindo aos diferentes grupos sociais o acesso às melhores condições de moradia, educação, infraestrutura, serviços e uma distribuição de renda mais igualitária.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vulnerabilidade social é resultado de vários processos urbanos que remontam a história e a produção espacial da cidade. No caso de Fortaleza, percebemos como as áreas que se formaram a partir de processos de migração e deslocamento de vários grupos de pessoas no século XIX, ainda são nos dias atuais áreas de vulnerabilidade social. A discussão do urbano, a partir dos agentes produtores do espaço (sociedade, poder público, setor imobiliários), vai apontar como determinadas áreas na cidade foram ignoradas e/ou valorizadas devido suas ações formando várias cidades dentro de Fortaleza.

Tem-se em Fortaleza espaços que surgiram a partir da necessidade das classes mais abastadas e de investimentos públicos e privados, dotados de infraestrutura e serviços para atender a demanda dessa elite. Em contrapartida, há espaços que se formaram a partir da população pobre que não podia ou não tinha condições, sobretudo econômicas, de habitar os espaços melhor estruturados. Com isso, Fortaleza tem bairros com dinâmicas diferenciadas, enquanto uns concentram as melhores rendas, serviços e infraestrutura, outros concentram todo tipo de carência.

Estas desigualdades implicam em formação de áreas como maior ou menor vulnerabilidade social e são importante para identificar os principais indicadores e/ou variáveis influenciaram, positivamente e negativamente os diferentes espaços e grupos sociais da capital, na década de 2000-2010. Como se demonstrou a vulnerabilidade não é resultado apenas da situação de pobreza atual ou da distribuição desigual da renda, ela deriva de uma série de fatores históricos, que estão na gênese da cidade. O estudo sobre vulnerabilidade social partiu de variáveis que foram investigadas, tais como renda,

educação e qualidade da habitação, relacionadas a outros estudos sobre Fortaleza e posteriormente calculados os índices, que foram espacializados na capital.

Fortaleza, como centro administrativo do Ceará, adquire maior importância no contexto das principais cidades do estado. Devido às secas que assolavam o estado, a cidade recebe significativa população migrante. Muitos migrantes permaneciam na capital e fixavam suas moradias, contribuindo para o aumento populacional e a expansão da malha urbana de Fortaleza. A cidade ultrapassa o centro, formando outros bairros. Muitos destes bairros cresciam de forma desordenada, devido à demanda de uma população com menor poder aquisitivo que ao ser “expulso” da área central passam a demandar novos espaços. Com isso, vários bairros se formam na capital, com uma infraestrutura mais deficitária e pouca oferta de serviços, muitas vezes longe dos olhos do Estado e do setor imobiliário com pouco ou nenhum benefício, se comparados aos bairros habitados pela elite fortalezense.

Há uma forte relação entre as áreas de vulnerabilidade social de Fortaleza e as primeiras favelas que se formaram na cidade. É possível afirmar que as áreas de favelas e as de expansão áreas de risco e em loteamentos periféricos são aquelas que ainda hoje concentram os piores índices de vulnerabilidade social, com os mais baixos rendimentos, as maiores taxas de analfabetismo e de carência na qualidade da habitação.

O índice de vulnerabilidade social (IVS) em Fortaleza utilizou três indicadores básicos: renda, educação e qualidade da habitação. O indicador de renda, medido com base no rendimento dos responsáveis por domicílios (sem rendimentos até dois salários mínimos) aponta que entre 2000 e 2010, cresceu a quantidade de domicílios chefiados por pessoas sem rendimentos, sobretudo mulheres, indicando que estas, em sua maioria não tem cônjuge e apresentam dificuldades para se inserir no mercado de trabalho e quando se inserem recebem salários menores, mesmo ocupando cargos iguais. Entretanto, houve aumento significativo dos responsáveis pelo domicílio que recebem de meio a dois salários mínimos. Há grande disparidade entre os bairros com melhores e piores rendas, Meireles e Conjunto Palmeiras, respectivamente, onde a renda per capita no Meireles é quinze vezes maior frente a pior renda da cidade.

Os índices referentes à educação (taxa de analfabetismo) indicam que este possui menores disparidades na cidade, influenciando de maneira positiva no resultado final do

IVS, pois são encontrando baixos índices de analfabetismo dos responsáveis por domicílios em quase toda a capital, mas é ainda nos bairros mais periféricos estes índices são maiores. Entretanto, ao se comparar 2000 e 2010, observa-se que houve significativa redução na taxa de analfabetismo na capital.

No índice relativo a qualidade da habitação, observa-se para universalização dos serviços de distribuição de água e coleta de lixo. No entanto, quando se trata da variável acesso a rede de esgoto constata-se significativa carência em diversos setores censitários, predominando maior cobertura nos bairros mais antigos e próximos do centro, em bairros mais consolidados da zona leste e nos conjuntos habitacionais, tais como Conjunto Ceará e Cidade 2000. Embora tenha havido ampliação da rede de esgoto na cidade nos últimos dez anos, ainda é notável a carência deste serviço, que quando espacializados no mapa indicam baixa qualidade da habitação em grande parte dos bairros da capital.

Contudo, os indicadores de renda e qualidade da habitação (presença de rede de esgoto) vão impactar nos índices de vulnerabilidade social, que são considerados entre médio a muito altos em alguns setores censitários da capital. Muitas vezes, estas carências encontram-se em todo o bairro, como o caso da Sabiaguaba e vários bairros resultados da recente expansão urbana, sobretudo naqueles mais próximos do limite com outros municípios metropolitanos.

Entre os anos 2000 e 2010 houve uma discreta melhora no IVS, devido a implantação de algumas políticas públicas que vão contribuir para a melhoria do índice. As políticas de transferência de renda (bolsa família, bolsas estudantis), habitacionais (Minha casa, minha vida, urbanização de margens de rios, remoção de população de áreas de risco, implantação da rede de esgoto) e educacionais (sobretudo aquelas voltadas para a educação/alfabetização de jovens e adultos) foram fundamentais para tais transformações na cidade. Entretanto, ainda predomina nas áreas periféricas os piores índices de vulnerabilidade social, enquanto nos bairros ocupados pela elite de Fortaleza há uma predominância dos melhores índices. Isto indica que com os investimentos do poder público, a vulnerabilidade social diminuiu na cidade, mas alguns setores censitários mais vulneráveis no ano 2000, ainda se repetem no ano de 2010.

Os setores censitários que formam bairros próximos dos recursos hídricos da cidade, como Vila Velha, Quintino Cunha, Barra do Ceará, Granja Portugal, Bom Jardim, Canindezinho, Siqueira, dentre outros, possuem índices de médio a altíssima vulnerabilidade, tanto para o ano de 2000, como de 2010. Nestes espaços predominam principalmente os baixos rendimentos, habitação precária (próximas às margens de rios) e a ausência de rede de esgoto. Tal ausência também interfere na qualidade dos recursos hídricos, causando poluição das águas e aumentando a proliferação de doenças.

Alguns setores censitários dos bairros Pirambu e Parque Dois Irmãos aparecem com elevados índices de vulnerabilidade social em ambos os anos, coincidindo com áreas de aglomerados sobnormais, delimitadas pelo IBGE. Nestes setores são encontrados baixos rendimentos e também carência de esgoto e há também significativa presença de criminalidade violenta (homicídios), que muitas vezes impede à população de transformar em ativos os recursos que lhes são ofertados, influenciando nos altos índices de vulnerabilidade social.

Os setores censitários onde predominam os melhores IVS, praticamente se repetem nos anos em análise. Tais setores correspondem aos bairros Meireles, Aldeota, Dionísio Torres, Fátima, Cocó e em 2010, com destaque para o De Lourdes, novo bairro da cidade, mas surge dotado de infraestrutura e que concentra uma população com elevado poder aquisitivo e elevados índices educacionais. Nestes bairros há uma boa cobertura da rede de esgoto e demais infraestrutura básica, onde também se formaram novas centralidades, concentrando diversos serviços comerciais (*shopping centers*), médicos, hospitalares, bancários, educacionais, dentre outros.

Um fato que chama atenção nos dois anos em questão foi uma significativa piora dos índices de vulnerabilidade social em setores censitários dos bairros Conjunto Ceará I e II. Estes bairros, no ano 2000, apresentavam índices de vulnerabilidade social baixo e muito baixo, entretanto, para 2010 já são visíveis nestes espaços índices que vão de médios a altos. Os lotes das casas, no momento da implantação deste conjunto, eram grandes, possibilitando abrigar novas famílias formadas por filhos e netos dos moradores originais. Em muitos casos o lote é dividido, mas a renda do morador mais velho é a principal ou única, mantendo os demais do domicílios e contribuindo para queda nos índices de renda. Muitas dessas novas residências são formadas por jovens

que constituem família, mas não concluem o ensino fundamental, dificultando o ingresso no mercado de trabalho e/ou o acesso a empregos com melhores salários.

Mesmo com as desigualdades entre os espaços, observa-se que houve uma discreta melhora do IVS na capital. Em 2000, os setores censitários com os piores índices de vulnerabilidade social, variavam de alto a muito alto. Entretanto, em 2010, há uma predominância de valores médios a alto mesmo nos espaços que concentravam os piores índices, com poucos com índices altíssimos. Basta observar os mapas e perceber a mudança em sua coloração, predominando para 2010, cores mais claras, que indicam menores índices de vulnerabilidade social.

Os investimentos, sobretudo do poder público, foram de grande importância para estas transformações, garantindo principalmente a redução do analfabetismo e melhorias no abastecimento de água, coleta de lixo e ampliação da rede de esgoto. Entretanto, Fortaleza ainda necessita de muitas mudanças, sobretudo no que diz respeito a melhor distribuição de renda para que o acesso a bens e serviços se tornem mais amplo. Há um abismo entre os diferentes índices e bairros que formam a capital, onde nos espaços com melhores índices estão ofertadas uma gama de recursos e inúmeras possibilidades para ativá-los e nos piores, além dos poucos recursos destinados, a ativação dos mesmos apresenta vários empecilhos, como a violência, mantendo estes grupos sociais em situação de vulnerabilidade social.

Estamos no ano de 2015, e o que esperar dos próximos resultados? Como será a Fortaleza do futuro? Alguns governantes criam planos de como governar a cidade até 2020 ou 2040. Até que ponto tais planos vão contribuir para a melhoria da qualidade de vida das populações vulneráveis? Na atualidade os órgãos públicos indicam para a universalização da rede de esgoto na cidade, e caso isso ocorra, os índices apresentarão melhores resultados. Este fato levaria a repensar o índice, inserindo novas variáveis? Os dados sobre a concentração de renda na cidade apontam para diminuição da mesma. Essa redução vai continuar a cair? O IDH da cidade indica bairros com valores próximos de países como a Noruega (melhor IDH do mundo) e em contrapartida outros com valores tão inferiores que se assemelham a de países mais pobres como os da África. Isso aponta para condições precárias no modo de habitar a cidade e no modo como estes grupos sociais são tratados pelo poder público.

Os estudos de vulnerabilidade social apontam as carências dos diferentes grupos sociais que habitam os bairros de Fortaleza. O IVS é uma ferramenta que pode ser utilizada pelo poder público visando melhorias na distribuição de renda, na qualidade da educação e na distribuição de serviços e infraestrutura. Os dados indicam os espaços que mais necessitam de investimentos, e, sobretudo, de políticas públicas que garantam melhor bem estar da população. É necessário planejar a cidade de maneira mais justa possibilitando aos seus habitantes um modo de vida mais digno, frente a tanta desigualdade social.



## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M. et. al. **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas**. Brasília: UNESCO, BID, 2002.

ACIOLLY, V. M. **Planejamento, planos diretores e expansão urbana**: Fortaleza 1960-1992. Universidade Federal da Bahia faculdade de arquitetura programa de pós-graduação em arquitetura e urbanismo 2008. 294 p.

AMORA, Zenilde Baima; COSTA, Maria Clélia Lustosa. Olhando o mar do sertão: a lógica das cidades médias no Ceará. In: SPÓSITO, Maria Encarnação Beltrão (Org.). **Cidades médias**: espaços em transição. São Paulo: Expressão popular, 2007.

AGUIRRE, C. A. Pobreza y Estrategias Familiares: Debates y reflexiones. **Revista Mad**. Departamento de Antropologia Universidad de Chile, 2007. N° 17, p. 144 – 164.

AIDAR, T. SOARES, M.J.B. Desigualdade, vulnerabilidade social e a mortalidade por causas violentas no contexto metropolitano: o caso de Campinas, Brasil. In: José Marcos Pinto da Cunha. (Org.). **Novas Metrôpoles Paulistas**: população, vulnerabilidade e segregação. Campinas: Núcleo de Estudos de População, 2006, p. 561-579.

ALMEIDA, L. Q. de. Vulnerabilidade e riscos socioambientais na bacia hidrográfica do rio maranguapinho – CE. In: SILVA, J. B.; et al. (orgs.). **Litoral e Sertão**: natureza e sociedade no nordeste brasileiro. Expressão Gráfica, 2006.

\_\_\_\_\_. Por uma ciência dos riscos e vulnerabilidades na Geografia. **Mercator** - Revista de Geografia da UFC, v. 10, num. 23. Fortaleza, 2011. p. 83-99.

BAIRRO MANUEL DIAS BRANCO tem pior desempenho em infraestrutura. **O Povo**, Fortaleza, 20 de Dezembro de 2012. Disponível em: <http://www.opovo.com.br/app/fortaleza/2012/11/12/noticiafortaleza,2952929/bairro-manuel-dias-branco-tem-pior-desempenho-em-infraestrutura-de-for.shtml>. Acesso em 09 de Agosto de 2015.

CARLOS, Ana Fani A. A Segregação como Fundamento da Crise Urbana. In: SILVA, J. B. da. et al. (orgs.). **Panorama da Geografia Brasileira II**. São Paulo: Annablume, 2006.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Espaço Urbano**: Novos Escritos sobre a Cidade. São Paulo: FFLCH, 2007, 123p.

CERCA DE 75% DA POPULAÇÃO no Ceará não tem acesso à rede de esgoto. **O Povo**, Fortaleza, 11 de abril de 2015, Disponível em:  
<http://www.opovo.com.br/app/opovo/cotidiano/2015/04/11/noticiasjornalcotidiano,3421122/cerca-de-75-da-populacao-no-ceara-nao-tem-acesso-a-rede-de-esgoto.shtml>.  
 Acesso em 04 outubro 2015.

CLIPPING: 69,6% das famílias tem renda até um salário mínimo. **Câmara de Dirigentes Logistas**. 18 de dezembro de 2014. Disponível em:  
<http://www.cdlfor.com.br/portal/index.php/pg/15735/dn-69-6-das-familias-tem-renda-de-ate-um-salario>. Acessado em: 07 de julho de 2015.

CORIOLOANO, L. N. PARENTE, K. M. Espaços de reserva do capital na orla oeste de Fortaleza (Ceará, Brasil): Demandas para lazer e turismo. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**. V. 5, n. 1, p. 63-82, 2011

CORRÊA, R. L. Espaço: um conceito chave da Geografia. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C; CORRÊA, R. L. **Conceitos e temas**. 13ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

\_\_\_\_\_. Sobre agentes sociais, escala e produção do espaço: um texto para discussão. In: CARLOS, A. F. A; SOUZA, M. L. de; SPOSITO, M. E. B. **A Produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. 2ª reimpressão. São Paulo: contexto, 2013, p. 41-51.

COSTA, F. A. O. MARRA, M. M. Famílias brasileiras chefiadas por mulheres pobres e monoparentalidade feminina: risco e proteção. **Revista Brasileira de Psicodrama**. V. 21, nº1. São Paulo, 2013. p. 141-153.

COSTA, M. C. L. **Cidade 2000: expansão urbana e segregação espacial em Fortaleza**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FFLCH, 1988

\_\_\_\_\_. Fortaleza: expansão urbana e organização do espaço. In: SILVA, J.B. et al. (orgs). **Ceará: novo olhar geográfico**. 2 ed. Fortaleza: Edição Demócrito Rocha, 2007.

\_\_\_\_\_. A produção do espaço urbano em Fortaleza. **Revista da Sociedade Cearense de Geografia e História**. , v.2007/2, p.11 - 21, 2008

\_\_\_\_\_. Desigualdade Socioespacial e Vulnerabilidade na Região Metropolitana de Fortaleza. In: PEQUENO, L. R. B. **Como anda Fortaleza**. Rio de Janeiro: Letra Capital/ Observatório das Metrôpoles, 2009. p. 179-193.

\_\_\_\_\_. Diferenças Educacionais nas Tipologias Socioespaciais da RMF. In: PEQUENO, L. R. B. **Como anda Fortaleza**. Rio de Janeiro: Letra Capital/ Observatório das Metrôpoles, 2009. p. 163-178.

\_\_\_\_\_. Arranjo familiar e vulnerabilidade na RMF. In: DANTAS, E. W. C; COSTA, M. C. L. **Vulnerabilidade socioambiental na Região Metropolitana de Fortaleza**. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

COSTA, M. C. L. PEREIRA, A. Q. Desigualdade, vulnerabilidade social e organização espacial na Região Metropolitana de Fortaleza. In: COSTA, M. C. L. da. PEQUENO, L.

R. B(Editores). **Fortaleza**: transformações na ordem urbana. Rio de Janeiro: Letra Capital: Observatório das Metrôpoles, 2015. p. 306-331.

CUNHA, G. B. ; COSTA, M. C. L. ; SILVA, R. B. . **Os impactos das obras da Copa de 2014 no Grande Mucuripe (Fortaleza - Ceará)**. In: XVII Encontro Nacional de Geógrafos - ENG, 2012, Porto Alegre. Anais do XVII Encontro Nacional de Geógrafos, 2012.

CUNHA, J. M. P. da. JAKOB, A. A. E. HOGAN, D. J. CARMO, R. L. A **vulnerabilidade social no contexto metropolitano: o caso de Campinas**. In: XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP. Minas Gerais, 2004.

DANTAS, E. W. C. Construção da imagem turística de Fortaleza/Ceará. **Mercator** – Revista de Geografia da UFC, ano 01, num. 01. Fortaleza, 2002. p. 53-59.

DANTAS, E. W. C. **Mar à vista**: estudo da maritimidade em Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria de cultura e Desporto do Ceará, 2011, 2ª ed.

**DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS**, Boletim Dieese, Edição Especial, março de 2004, 2004.

DESCHAMPS, M. V. **Vulnerabilidade Socioambiental na Região Metropolitana de Curitiba**. Tese (Doutorado) em Meio Ambiente e Desenvolvimento. UFPR, 2004.

\_\_\_\_\_. **Vulnerabilidade Socioambiental das regiões Metropolitanas Brasileiras**. OBSERVATÓRIO DAS METRÓPOLES. Rio de Janeiro, 2009.

FERREIRA, M. P. DINI, N. P. FERREIRA, S.P. Espaços e dimensões da pobreza nos municípios do estado de São Paulo. Índice Paulista de Vulnerabilidade Paulista – IPVVS. In: **São Paulo em perspectiva**. São Paulo. V. 20, n. 1, 2006, p. 5-17.

FREITAS, F. L. da. COSTA, M. C. L. da. Violência, vulnerabilidade e desigualdade socioespacial na Região Metropolitana de Fortaleza. In: DANTAS, E. W. C; COSTA, M. C. L. **Vulnerabilidade socioambiental na Região Metropolitana de Fortaleza**. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

FREITAS, F. L. COSTA, M. C. L. Desigualdade socioeconômica e espacialização dos homicídios na Região Metropolitana de Fortaleza. In: COSTA, M. C. L. da. PEQUENO, L. R. B(Editores). **Fortaleza**: transformações na ordem urbana. Rio de Janeiro: Letra Capital: Observatório das Metrôpoles, 2015. p. 332-356.

GIRÃO, R. **Geografia estética de Fortaleza**. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1959.

GUIMARÃES, J. R. S. JANUZZI, P. de M. Indicadores sintéticos no processo de formulação e avaliação de políticas públicas: Limites e legitimidades. In: XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, 2004, Porto Alegre.

HISTÓRIA DO BOM JARDIM é marcada por muitas dificuldades. **O Povo**, Fortaleza, 16 de maio de 2015. Disponível em:  
<http://www.opovo.com.br/app/colunas/opovonosbairros/2013/05/16/noticiasopovonosbairros,3057099/historia-do-bom-jardim-e-marcada-por-muitas-dificuldades.shtml>.  
 Acesso: 06 de julho de 2015.

HOGAN, D. J.; MARANDOLA JR, Eduardo . Para uma conceituação interdisciplinar da vulnerabilidade. In: José Marcos Pinto da Cunha. (Org.). **Novas Metrôpoles Paulistas: população, vulnerabilidade e segregação**. Campinas: Núcleo de Estudos de População, 2006, p. 23-50.

**INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA**. Censo Demográfico 2010: aglomerados subnormais, primeiros resultados, 2011.

\_\_\_\_\_. Base de informações do Censo Demográfico 2010: Resultados do Universo por setor censitário, 2011.

\_\_\_\_\_. Estatísticas do gênero: uma análise dos resultados do Censo Demográfico 2010, 2011.

\_\_\_\_\_. Censo Demográfico 2000: Agregado por Setores Censitários dos Resultados do Universo, 2003.

**INSTITUTO DE PESQUISA ECONOMICA APLICADA**. Brasil reduziu vulnerabilidade social em 27% entre 2000 e 2010. Disponível em: [http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=26115&catid=1&Itemid=7](http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=26115&catid=1&Itemid=7). Acesso em: 14 de setembro de 2015.

\_\_\_\_\_. Informe nº 42, 10 de Outubro de 2012, 2012

\_\_\_\_\_. Informe nº 45, 12 de Novembro de 2012, 2012.

\_\_\_\_\_. Informe nº 47, 03 de Dezembro de 2012, 2012.

IVANOVICI, T. Campo do América: uma conquista comunitária em Fortaleza. Disponível em: <http://www.doladodeca.com.br/2010/12/20/campo-do-america-uma-conquista-comunitaria-em-fortaleza/>. Acesso em 04 de maio de 2015.

JUCÁ, G. N. M. **Verso e reverso do perfil urbano de Fortaleza (1945-1960)**. São Paulo: Annablume, 2003.

KAZTMAN, R. FILGUEIRA, F. **Las normas como bien público y como bien privado: reflexiones en las fronteras del enfoque AVEO**. In: Documento de Trabajo Del IPES Aportes Conceptuales. Nº 04, Universidade Católica Del Uruguay, 2006. p. 1-31.

KAZTMAN, R. FILGUEIRA, C. **Marco conceptual sobre activos, vulnerabilidad y estructura de oportunidades**. Montevideo, CEPAL/PNUD, 1999.

LIMA, E. L. V.de. MEIRELES, A. J. A. Serviluz, embate entre questões sociais e ambientais. In: SILVA, J. B.; et al. (orgs.). **Litoral e Sertão: natureza e sociedade no nordeste brasileiro**. Expressão Gráfica, 2006.

MARANDOLA JR., E. HOGAN, D. J. Vulnerabilidade e riscos: entre geografia e demografia. **Revista Brasileira de Estudos de População**. São Paulo, 2005. v. 22. n. 1. p. 29-52.

MARICATO, E. Favelas – um universo gigantesco e desconhecido. **Universidade de São Paulo**, USP, São Paulo, 2013. Disponível em:

[http://www.usp.br/fau/deprojeto/labhab/biblioteca/textos/maricato\\_favelas.pdf](http://www.usp.br/fau/deprojeto/labhab/biblioteca/textos/maricato_favelas.pdf).  
Acessado em 10 de agosto de 2015.

MEDEIROS, C. N. de. FEIJÓ, J. R. MAPEAMENTO DA EXTREMA POBREZA EM FORTALEZA. In: **INSTITUTO DE PESQUISA ECONOMICA DO CEARÁ**. Perfil socioeconômico de Fortaleza – 2012, Fortaleza, IPECE, 2012.

MEDEIROS, C. N. de. Perfil Socioeconômico dos Bairros de Fortaleza. In: **INSTITUTO DE PESQUISA ECONOMICA DO CEARÁ**. Perfil socioeconômico de Fortaleza – 2012, Fortaleza, IPECE, 2012.

MEIRELES, A. J. A. LIMA, E. L. V. Serviluz, embate entre questões sociais e ambientais. In: SILVA, J. B.; et al. (orgs.). **Litoral e Sertão: natureza e sociedade no nordeste brasileiro**. Expressão Gráfica, 2006.

MENOS DE 1% GANHA mais de 20 salários mínimos no Brasil. **Último Segundo IG**, São Paulo, 27 abril de 2012. Disponível em:  
<http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2012-04-27/menos-de-1-ganha-mais-de-20-salarios-minimos-no-brasil-diz-censo.html>. Acessado em 14 de Setembro de 2015

MONTE, R. Zona Nobre de Fortaleza, bairro Meireles tem IDH próximo ao da Noruega. O Povo, Fortaleza, 11 de dezembro de 2014. Disponível em:  
<http://tribunadoceara.uol.com.br/noticias/cotidiano-2/zona-nobre-de-fortaleza-bairro-meireles-tem-idh-proximo-ao-da-noruega/>. Acesso em 08 de Julho de 2015.

MONTEIRO, S. R. R. P. O marco conceitual da vulnerabilidade social. In: Sociedade em Debate, Pelotas, 2011. p. 29-40.

NEVES, F. C. Cural dos Bárbaros: os campos de concentração no Ceará (1915 e 1932). In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo. V.15, nº 29, 1995, p.93-122.

\_\_\_\_\_. A seca na história do Ceará. In: SOUZA, S. de. (org.). **Uma nova história do Ceará**. 4ª ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007.

NOGUEIRA, C. M. L. PEREIRA, A. Q. Bem-estar urbano na Região Metropolitana de Fortaleza. In: COSTA, M. C. L. da. PEQUENO, L. R. B.(Editores). **Fortaleza: transformações na ordem urbana**. Rio de Janeiro: Letra Capital: Observatório das Metrôpoles, 2015. p. 357-374.

OBSERVATÓRIO DAS METRÓPOLES. **Análise das Regiões Metropolitanas do Brasil**. Construção de Tipologias, Tipologia Social e Identificação de Áreas Vulneráveis. Rio de Janeiro, 2005.

OLIVEIRA, J. L. de. FREIRE JUNIOR, J. SALES, R. S. MIRO, V. H. A dinâmica das classes sociais na década de 2000. In: **INSTITUTO DE PESQUISA ECONOMICA DO CEARÁ**. Perfil socioeconômico de Fortaleza – 2012, Fortaleza, IPECE, 2012.

PENNA, N. A. FERREIRA, I. B. Desigualdades socioespaciais e áreas de vulnerabilidades nas cidades. **Mercator** - Revista de Geografia da UFC, v. 13, num. 3. Fortaleza, 2014. p. 25-36.

PEQUENO, L. R. B. Estrutura intraurbana socioocupacional & condição desigual de moradia na Região Metropolitana de Fortaleza. In: DANTAS, E. W. C; COSTA, M. C.

**L. Vulnerabilidade socioambiental na Região Metropolitana de Fortaleza.**

Fortaleza: Edições UFC, 2009. P. 97-125.

\_\_\_\_\_. Mudanças na estrutura socioespacial da metrópole: Fortaleza entre 2000 e 2010. In: COSTA, M. C. L. da. PEQUENO, L. R. B.(Editores). **Fortaleza: transformações na ordem urbana.** Rio de Janeiro: Letra Capital: Observatório das Metrôpoles, 2015. P. 187-237.

\_\_\_\_\_. Condições de moradia e desigualdades socioespaciais: o caso de Fortaleza. In: COSTA, M. C. L. da. PEQUENO, L. R. B.(Editores). **Fortaleza: transformações na ordem urbana.** Rio de Janeiro: Letra Capital: Observatório das Metrôpoles, 2015. p. 238-282.

\_\_\_\_\_. Análise Sócio-Ocupacional da Estrutura Intra-Urbana da Região Metropolitana de Fortaleza. **Mercator** - Revista de Geografia da UFC, ano 07, número 13, 2008, Fortaleza. p. 71-86.

PEQUENO, L. R. B. ARAGÃO, T. Dimensão habitacional da Região Metropolitana de Fortaleza. In: PEQUENO, L. R. B. **Como anda Fortaleza.** Rio de Janeiro: Letra Capital/ Observatório das Metrôpoles, 2009. p. 69-96.

PONTE, S. R. A Belle Époque em Fortaleza: remodelação e controle. In: SOUZA, S. de. (org.). **Uma nova história do Ceará.** 4ª ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007.

**PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA,** Mapa da criminalidade e da violência em Fortaleza, Perfil da SER V, 2011.

\_\_\_\_\_. Parque Natural Municipal das dunas de Sabiaguaba (PNmds) Área De Proteção Ambiental de Sabiaguaba (Apa) 2011.

\_\_\_\_\_. Juntos construindo a Fortaleza bela 2005 – 2011. 2012.

REDE DE ESGOTO cresce 0,9% ao ano. **Diário do Nordeste,** Fortaleza, 23 de fevereiro de 2015. Disponível em: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/cidade/rede-de-esgoto-cresce-0-9-ao-ano-1.1227352>. Acesso em: 10 outubro 2015.

RODRIGUES, L. PINHO, A. I. Aspectos educacionais de Fortaleza. In: **INSTITUTO DE PESQUISA ECONOMICA DO CEARÁ.** Perfil socioeconômico de Fortaleza – 2012, Fortaleza, IPECE ,2012.

ROSA, S. V; COSTA, C. L. C. Banco de dados de vulnerabilidade socioambiental da Região Metropolitana de Fortaleza – Ceará. In: DANTAS, E. W. C; COSTA, M. C. L. **Vulnerabilidade socioambiental na Região Metropolitana de Fortaleza.** Fortaleza: Edições UFC, 2009.

SEADE. (2013) *Índice Paulista de Vulnerabilidade Social.* Espaços e dimensões da pobreza nos municípios do Estado de São Paulo. Disponível em: <http://www.iprsipvs.seade.gov.br/view/pdf/ipvs/metodologia.pdf>. Acessado em: 2015.

SILVA, J. B. da. **Quando os incomodados não se retiram:** uma análise dos movimentos sociais em Fortaleza. Fortaleza: Multigraf Editora, 1992.

\_\_\_\_\_. A Região Metropolitana de Fortaleza. In: SILVA, J. B. da. et al. (orgs). **Ceará: novo olhar geográfico**. 2 ed. Fortaleza: Edição Demócrito Rocha, 2007.

\_\_\_\_\_. A cidade contemporânea no Ceará. In: Simone de Sousa (Orgs.). **Uma nova história do Ceará**. 4ª Ed. Edições Demócrito Rocha, 2007, p. 215-236.

\_\_\_\_\_. Formação socioterritorial urbana. In: DANTAS, E. W. C. COSTA, M. C. L. SILVA, J. B. (orgs.). **De cidade à metrópole: (trans) formações urbanas em Fortaleza**. Fortaleza: Edições UFC, 2009, p. 87-141.

SILVA, V. H. O. DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DA RENDA PESSOAL EM FORTALEZA. In: **INSTITUTO DE PESQUISA ECONOMICA DO CEARÁ**. Perfil socioeconômico de Fortaleza – 2012, Fortaleza, IPECE, 2012.

SOUZA, M. S. de. Análise da estrutura urbana. In: DANTAS, E. W. C. COSTA, M. C. L. SILVA, J. B. (orgs.). **De cidade à metrópole: (trans) formações urbanas em Fortaleza**. Fortaleza: Edições UFC, 2009, p. 14-86.

\_\_\_\_\_. Segregação socioespacial em Fortaleza. In: SILVA, J. B.; et al. (orgs.). **Litoral e Sertão: natureza e sociedade no nordeste brasileiro**. Expressão Gráfica, 2006. p. 149-161.

SPOSITO, M. E. B. A produção do espaço urbano: escalas, diferenças e desigualdades socioespaciais. In: **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. CARLOS, A. F. A. SOUZA, M. L. de. SPOSITO, M. E. B. São Paulo: Contexto, 2013, p. 123 - 145.

VASCONCELOS, José Franzone de Sousa; SILVA, Regina Balbino da. **Apropriação de Novos Espaços Públicos com Enfoque Nas Práticas de Lazer: O Caso da Vila Do Mar**. 2014. 86 f. TCC (Graduação) - Curso de Geografia, Centro de Ciências, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

ZANELLA, M. E. COSTA, M. C. L. da. PANIZZA, A. C. ROSA, S. V. Vulnerabilidade socioambiental de Fortaleza. In: DANTAS, E. W. C.; COSTA, M. C. L. (orgs). **Vulnerabilidade socioambiental na região Metropolitana de Fortaleza**. Fortaleza: Edições UFC, 2009.